



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS EM REDE NACIONAL

KÁTIA CRISTINA GOMES LINO

A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA ESCRITA DOS ESTUDANTES DO ENSINO
FUNDAMENTAL I: UMA PROPOSTA DE ENSINO

FORTALEZA

2023

KÁTIA CRISTINA GOMES LINO

A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA ESCRITA DOS ESTUDANTES DO ENSINO
FUNDAMENTAL I: UMA PROPOSTA DE ENSINO

Dissertação apresentada ao curso de mestrado profissional em Letras, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras em Rede Nacional. Área de concentração: Linguagens e letramentos.

Orientador: Profa. Dra. Maria Silvana Militão de Alencar.

FORTALEZA
2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

L73v

Lino, Kátia Cristina Gomes.

A variação linguística na escrita dos estudantes do ensino fundamental I : uma proposta de ensino / Kátia Cristina Gomes Lino. – 2023.

139 f. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Mestrado Profissional em Letras, Fortaleza, 2023.

Orientação: Prof. Dr. Maria Silvana Militão de Alencar.

1. Variação linguística. 2. Fenômenos fonológicos. 3. Intervenção pedagógica. 4. Ensino Fundamental I. I.
Título.

CDD 400

KÁTIA CRISTINA GOMES LINO

A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA ESCRITA DOS ESTUDANTES DO ENSINO
FUNDAMENTAL I: UMA PROPOSTA DE ENSINO

Dissertação apresentada ao curso de mestrado profissional em Letras, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em letras em Rede Nacional. Área de concentração: Linguagens e letramentos.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Silvana Militão de Alencar.

Aprovada em 03 de julho de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria Silvana Militão de Alencar (orientadora)
Universidade Federal do Ceará – UFC

Prof. Dr. Ronaldo Manguiera Lima Júnior
Universidade Federal do Ceará – UFC

Profa. Dra. Flávia Cristina Candido de Oliveira.
Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA

Dedico este trabalho, primeiramente, a Deus,
pela força e a coragem de lutar pelos meus
sonhos;

À minha mãe, pelo amor incondicional;

Ao meu primogênito, Nathan, pela força e
compreensão;

Ao filho caçula, Nathiel, pela compreensão nos
momentos ausentes;

Ao meu esposo, pelo apoio nos meus estudos.

AGRADECIMENTOS

A Jesus Cristo, minha força!

A minha família, filhos e esposo pela compreensão e cuidado.

À professora Silvana Militão, pelas orientações pontuais, dedicação, respeito, atenção a minha pessoa; pelas palavras cheias de saber; pela confiança e ensinamentos. A quem tenho um grande carinho e gratidão pelo resto da minha vida.

À professora Dr. Socorro Aragão, pelo incentivo e palavras de apoio.

Às amigas Cátia e Leandra, companheiras do mestrado, por todas as horas de apoio e que muito ajudaram neste trabalho.

Às amigas do grupo “Quarteto Fantástico”, pela motivação nas horas de desânimo e porque torceram por mim.

Ao professor Dr. Ronaldo Mangueira, por despertar em mim o desejo sobre os estudos da fonologia e processos fonológicos, de onde partiu também o interesse pela sociolinguística educacional, durante o período da disciplina.

Devo a minha gratidão, ainda, à professora Dra. Maria Elias, por todos os ensinamentos.

À professora Dra. Aurea Zavam pela atenção e empatia nos momentos em que me senti sem direção.

À professora Dra. Aluiza (professora externa), pelos apontamentos que fez no exame de qualificação e pela empatia.

À CAPES, pelo financiamento da pesquisa, agradeço ao CNPq. O Meu muito obrigada à escola que me aceitou para realização da pesquisa. Sem ela este trabalho não teria se concretizado.

[...] E assim se foi formando, e se vai formando, a língua. Uma língua não para nunca. Evolui sempre, isto é, muda sempre. Há certos gramáticos que querem fazer a língua parar num certo ponto, e acham que é erro dizermos de modo diferente do que diziam os clássicos.

- Que vem a ser clássicos? – perguntou a menina.

- Os entendidos chamaram clássicos aos escritores antigos, como o Padre Antônio Vieira, Frei Luís de Sousa, o Padre Manuel Bernardes e outros. Para os Carrancas, quem não escreve como eles está errado.

Mas isso é curteza de vistas. Esses homens foram bons escritores no seu tempo. Se aparecessem agora seriam os primeiros a mudar ou adotar a língua de hoje, para serem entendidos. A língua variou muito e sobretudo aqui na cidade nova [Brasil]. [...] Também no modo de pronunciar as palavras existem muitas variações. Aqui, todos dizem Peito; lá, todos dizem Paito, embora escrevam a palavra da mesma maneira. [...]

- Sim, o povo de lá troca o V pelo B e vice-versa.

- Nesse caso, aqui nesta cidade [Brasil] se fala mais direito do que na cidade velha [Portugal] – Concluiu Narizinho.

- Por quê? Ambas têm o direito de falar como quiserem, e, portanto, ambas estão certas. [...] (MONTEIRO LOBATO, 1934, p. 100-101)

RESUMO

O mote deste trabalho insere-se no campo da variação linguística no contexto educacional. De um modo geral, as variações linguísticas estão presentes na escrita dos estudantes apontando que devem ser objeto de estudo nas aulas de língua portuguesa a fim de ampliar a competência linguística dos estudantes e combater o preconceito linguístico. O objetivo principal desta pesquisa é analisar a variação linguística ocorrida pelos desvios ortográficos nas escritas dos estudantes do 3º, 4º e 5º anos do Ensino Fundamental I de uma escola da zona rural de Camocim no Ceará. Os fenômenos pesquisados na escrita são oriundos da variação linguísticas da comunidade escolar. Os desvios foram classificados pelo nível linguístico decorrentes da transposição dos hábitos da fala para escrita. A fim de explicitarmos o funcionamento dos fenômenos pesquisados fundamentamos com os pressupostos discutidos por Bagno (2014), Bortoni- Ricardo (2009), Coelho *et al.* (2010), Seara, Nunes e Lazzaroto-Volcão (2019), Faraco (2008), Mikaela-Roberto (2016) e Bisol (2001). Os resultados da análise informam que os desvios mais frequentes são apagamento do /s/ e /r/ em posição de coda final, monotongação, aférese, apócope, nasalização, síncope, prótese, abaixamento vocálico, desnasalização, ditongação, vocalização, alçamento vocálico e assimilação. Baseando-se nas teorias sociolinguísticas e na análise dos fenômenos fonológicos das produções dos estudantes, elaboramos uma intervenção pedagógica pautada em proposta de atividades para os professores, adotando uma pedagogia culturalmente sensível acerca da variação linguística como prática diária na sala de aula.

Palavras-chave: variação linguística; fenômenos fonológicos; intervenção pedagógica; Ensino Fundamental I.

ABSTRACT

The theme of this paper is inserted in the linguistic variation field in educational context. In general, linguistic variations are present in students' writing, pointing out that linguistic variation should be studied in Portuguese language classes in order to expand students' linguistic competence and combat linguistic prejudice. The main objective of this research is to analyze the linguistic variation caused by spelling deviations in the writings of students in the 3rd, 4th and 5th grades of Elementary School at a school in the Countryside of Camocim, Ceará. The phenomena researched in writing come from the linguistic variation of the school community. Deviations were classified by linguistic level resulting from the transposition of speech habits into writing. In order to explain the functioning of the researched phenomena, we based it on the assumptions discussed by Bagno (2014), Bortoni-Ricardo (2009), Coelho et al. (2010), Seara, Nunes and Lazzarroto-Volcão (2019), Faraco (2008), Mikaela-Roberto (2016) and Bisol (2001). The analysis results indicate that the most frequent deviations are deletion of /s/ and /r/ in final coda position, monophthongization, apheresis, apocope, nasalization, syncope, prosthesis, vowel lowering, denasalization, diphthongization, vocalization, vowel raising and assimilation. Based on sociolinguistic theories and on the analysis of the phonological phenomena of the students' productions, we developed a pedagogical intervention based on a proposal of activities for teachers, adopting a culturally sensitive pedagogy about linguistic variation as a daily practice in the classroom.

Keywords: linguistic variation; phonological phenomena; pedagogical intervention;
Elementary School.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Localização de Camocim no Ceará	43
Figura 2 - Localização da escola campo no mapa de Camocim.....	44
Figura 3 - Evolução do IDEB	45
Figura 4 - Percentual de estudantes com aprendizado adequado em edições do Saeb/Inep	45
Figura 5 - Amostra do sumário do caderno pedagógico.....	50
Figura 6 - Bloco I: Atividade para o estudante.....	51
Figura 7 - Aspectos norteadores da proposta de atividade do Bloco II.....	53
Figura 8 - Texto 1	55
Figura 9 - Texto 2	57
Figura 10 - Texto 3	58
Figura 11 - Texto 4	59
Figura 12 - Texto 5	60
Figura 13 - Texto 6	62
Figura 14 - Texto 7	63
Figura 15 - Texto 8	64
Figura 16 - Texto 9	65
Figura 17 - Texto 10	66

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Classificação das variações linguísticas	29
Quadro 2 - Descrição dos fenômenos linguísticos	55
Quadro 3 - Descrição dos fenômenos linguísticos	57
Quadro 4 - Descrição dos fenômenos linguísticos	58
Quadro 5 - Descrição dos fenômenos linguísticos	59
Quadro 6 - Descrição dos fenômenos linguísticos	61
Quadro 7 - Descrição dos fenômenos linguísticos.....	61
Quadro 8 - Descrição dos fenômenos linguísticos	63
Quadro 9 - Descrição dos fenômenos linguísticos	64
Quadro 10 - Descrição dos fenômenos linguísticos	65
Quadro 11 - Descrição dos fenômenos linguísticos	66

LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
Ideb	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
Inep	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
UFC	Universidade Federal do Ceará
Saeb	Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	18
2.1	A Sociolinguística Variacionista: como tudo começou.....	18
2.2	O papel da Sociolinguística no campo da Linguística Aplicada.....	21
2.3	A sociolinguística educacional: um novo campo.....	24
2.4	A variação linguística	29
2.5	A comunidade linguística como lugar de fala na escola.....	32
2.6	A variação linguística nas aulas de Língua Portuguesa.....	34
2.7	A fonética e fonologia	37
2.8	Os desvios ortográficos oriundos da variação linguística	38
3	METODOLOGIA.....	42
3.1	A escola	42
3.2	O contexto da pesquisa.....	46
3.3	Abordagem da pesquisa	46
3.4	Sujeitos.....	47
3.5	Procedimentos.....	48
3.6	A proposta do caderno didático	49
3.6.1	<i>Bloco 1</i>.....	50
3.6.2	<i>Bloco 2</i>.....	52
4	DESCRIÇÃO DA COLETA DE DADOS.....	54
4.1	Descrição da análise dos dados.....	54
4.2	Análise da variação linguística na produção textual dos estudantes	54
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	69
	REFERÊNCIAS	72
	ANEXO A – TERMO DE ESCLARECIMENTO.....	75
	ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE, APÓS ESCLARECIMENTO.....	76
	ANEXO C - TEXTO 1	77
	ANEXO D – TEXTO 2.....	78
	ANEXO E – TEXTO 3	79
	ANEXO F – TEXTO 4	80
	ANEXO G – TEXTO 5.....	81

ANEXO H – TEXTO 6.....	82
ANEXO I – TEXTO 7	83
ANEXO J - TEXTO 8	84
ANEXO K – TEXTO 9.....	85
ANEXO L – TEXTO 10	86
APÊNDICE A – PROPOSTA DE PRODUÇÃO TEXTUAL.....	87
APÊNDICE B – CADERNO DIDÁTICO	89

1 INTRODUÇÃO

Os estudantes quando chegam à escola, já trazem a língua resultante da variedade linguística de sua comunidade local. Essa língua é inerente da competência linguística dos estudantes, tanto é que conseguem se comunicar com eficácia entre os seus familiares. No entanto, no âmbito escolar lhe é imposta uma língua que não corresponde à língua familiar e, por isso, precisa aprender essa língua denominada língua padrão, como se fosse a única e correta que vai precisar para se comunicar.

Historicamente, no Brasil, essa língua dita “correta” tem raízes desde o Brasil Colônia. Nos termos de Araújo e Sousa (2018) o Brasil viveu uma espécie de “Babel linguística”, ou seja, uma espécie de mistura de muitas raças e, paralelamente, a difusão de muitas línguas. Com isso, a língua portuguesa foi incorporada a partir do recorte de línguas de várias raças que aqui chegaram, com a chegada da corte portuguesa ao nosso país. É o caso das línguas africanas, *a priori*.

De acordo com Lucchesi (2017) mais de mil línguas indígenas existiam e mais de duzentas línguas africanas foram espalhadas pelo Brasil com a chegada dos navios negreiros vindos da África. Contudo, o português brasileiro teve suas raízes no português europeu sob o domínio dos portugueses. Assim, a hegemonia da língua portuguesa surge dos conflitos sócio-históricos no Brasil. A partir disso, houve uma polarização da Língua Portuguesa justificada pelo discurso de língua “certa” e língua “errada”.

No âmbito escolar, o trabalho na sala de aula com a variação linguística é novo e suas condições históricas são fruto de conquistas e luta por um ensino de português que proporcione a competência linguística dos estudantes. Pesquisas sobre a variação linguística são pouco exploradas nas escolas da zona rural, pois, no país em que sempre predominou a valorização das culturas letradas, a variação linguística na sala de aula é quase inexistente, admitindo que a língua padrão está fortemente agarrada aos conceitos tradicionais da elite. Além disso, essa divisão é social, pois os falantes da cidade são considerados de maior prestígio e os de zona rural, de menor prestígio. Independente de os falantes serem da cidade ou não, as variações linguísticas estão por todo lugar e o processo de urbanização contribui para que estas se disseminem por todo o Brasil e reforça a premissa de que a língua em uso tem um significativo espaço dentro da sala aula.

Considerando que a língua na sociedade traça um percurso que chega até a sala de aula, nosso trabalho busca refletir sobre a ocorrência da variação linguística nas produções de textos de estudantes. Partindo dessas reflexões, o objetivo principal desta pesquisa é analisar

a variação linguística ocorrida pelos desvios ortográficos nas escritas dos estudantes do Ensino Fundamental I de uma escola da zona rural de Camocim no Ceará. Como objetivos específicos, buscamos:

I) Identificar os desvios mais recorrentes nas produções escritas dos estudantes de 3º, 4º e 5º anos do Ensino Fundamental;

II) Observar as relações entre a variação linguística e a escrita dos referidos alunos;

III) Elaborar, como apêndice, um caderno pedagógico para instrumentalizar o trabalho dos professores com as relações grafofonológicas;

IV) Desenvolver estratégias de ensino, envolvendo a variação linguística nas aulas de Língua Portuguesa para melhorar a competência linguística.

Com relação à organização da pesquisa, além da introdução, este trabalho possui mais quatro capítulos. No capítulo a seguir, tratamos do embasamento teórico dividido em oito seções. Apresentamos, primeiramente, uma revisão de literatura dos estudos da Sociolinguística Variacionista iniciada por William Labov (1972) e uma breve exposição de sua pesquisa. Considera-se importante, os estudos dessa área da linguística, pois, a partir disso houve um grande avanço quando Labov (1972) trouxe uma abordagem histórica e social para os estudos da linguagem.

O objetivo é apontar o conceito de variação linguística e sua relevância para os estudos da Sociolinguística, espaço em que se desdobrariam os estudos das variações linguísticas que serão fundamentais para este estudo. Na segunda seção, discutimos sobre os estudos da Sociolinguística e seu lugar na linguística, mais especificamente na linguística aplicada. Na terceira seção, elucidamos sobre um novo campo nos estudos da linguagem: A Sociolinguística Educacional. A partir dos estudos dessa nova área da sociolinguística, a variação linguística tomou visibilidade, embora de forma tímida, no ensino de língua portuguesa.

Na quarta seção, tratamos sobre o fenômeno variação linguística, e seus diferentes tipos. Na quinta seção, abordamos sobre a comunidade linguística como lugar de fala na escola. Reconhecemos que a língua, historicamente, carrega constructos sociais que emanam da cultura de um povo e a escola, conseqüentemente, lida com essas diferentes culturas linguísticas.

Na sexta seção, trataremos sobre a variação linguística nas aulas de Língua Portuguesa. Esse objeto de ensino é inerente da língua portuguesa e reconhecer a língua em uso contribui para desenvolver a competência linguística dos estudantes. Na sétima seção,

discutiremos os estudos da fonética e da fonologia para uma possível explicação do desvios ortográficos oriundos da variação linguística.

Por fim, na oitava seção, classificamos os desvios ortográficos oriundos da variação linguística. Esses desvios são processos fonológicos classificados em quatro categorias: processos por apagamento, por acréscimo, por transposição e por substituição, e, por sua vez, são discutidos, principalmente, por Roberto (2016) e Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2019).

No terceiro capítulo, detalhamos os aspectos metodológicos, situando a escola escolhida para realização da pesquisa, os princípios éticos seguidos pela pesquisa, o contexto da pesquisa, a abordagem da pesquisa, os sujeitos da pesquisa e os procedimentos para o detalhamento da proposta de atividade acerca da variação linguística no ensino de Língua Portuguesa. No terceiro capítulo, ainda, apresentamos a descrição da coleta de dados seguida da análise dos dados. No quarto capítulo, apresentamos a análise da variação linguística coletada na produção textual dos estudantes. No quinto capítulo, concluímos retomando os objetivos deste trabalho, as questões de delimitação e a explicação da forma como os objetivos foram alcançados.

Por último, no apêndice A, apresentamos o modelo da proposta de atividade aplicada para o levantamento do *corpus* deste trabalho. No Apêndice B, consta um material didático para os professores da educação básica com dois blocos de atividades voltados para o fenômeno da variação linguística: no primeiro bloco propomos um caderno para o estudante seguido de orientações para o professor e dando continuidade, no segundo bloco, propomos sugestões de atividade para o professor a respeito da variação linguística.

Cabe mencionar que, em fase de alfabetização, outrora, enquanto estudante, recebi inúmeros castigos por parte de alguns professores para aprender a norma padrão da Língua Portuguesa, meu idioma. Em consequência, sentia-me fugir da minha própria origem linguística. Era como sair de mim para me encaixar numa língua sem vida e sem sentido. Contudo, na escola, ressaltado, não era desinteressante aprender a língua padrão, e sim não poder falar do jeito que sabia. A partir disso, inquietações sobre o estudo do vernáculo perpassaram toda a minha vida acadêmica, até chegar à sala de aula como professora. Ainda assim, me deparar com professores que repetem a tradição injusta e negativa do ensino e aprendizagem da língua, sobretudo, quando a fala dos estudantes refletem na escrita, me causa profundas inquietações. Como professora pesquisadora tomo para si a problemática percebida, o que me levou a motivação desta pesquisa.

Vale dizer, ainda, que apesar de existirem muitos estudos sobre a variação linguística no contexto escolar, há muito a ser feito para que os professores da educação básica trabalhem a variação linguística de forma séria e efetiva nas aulas de Língua Portuguesa. Nesse sentido, um olhar mais apurado sobre os desvios ortográfico para valorizar a variação linguística dos estudantes norteia essa pesquisa. Dessa maneira, pensando nessas considerações para o campo de estudo da sociolinguística, esta pesquisa pode ser uma contribuição para o ensino da Língua Portuguesa.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Esta seção será discutida em oito tópicos e tem como principal finalidade apresentar os estudos teóricos que embasam esta pesquisa. No primeiro tópico, apontamos William Labov (1972) como o precursor da Sociolinguística Variacionista. Certamente, o avanço dessa nova epistemologia partiu da abordagem histórica que revolucionou os estudos da linguagem, desdobrando para outra vertente: A Sociolinguística Educacional.

No segundo tópico, discutimos o papel da sociolinguística no campo da linguística aplicada e as contribuições de estudiosos que se dedicam aos estudos da língua. No terceiro tópico, endossaremos a sociolinguística educacional, a fim de ancorar os tópicos seguintes, pois, a ciência da sociolinguística traz, à tona, a compreensão da língua e seu funcionamento na comunicação, considerando os aspectos sociais.

No quarto tópico, tratamos do fenômeno da variação linguística e seus tipos, a fim de compreender a língua falada. No quinto tópico, enveredamos sobre a comunidade de fala na escola para dar respostas sobre a ocorrência da variação linguística dos estudantes no contexto escolar. No sexto tópico, caminhamos, ainda sobre a importância da variação linguística no currículo de Língua Portuguesa e como objeto de ensino do professor, a fim de elevar o desempenho linguístico dos estudantes.

No sétimo tópico, nossa discussão se concentra no ensino da fonética e da fonologia, reconhecendo a sua importância para o trabalho do professor ao se deparar com os desvios ortográficos na escrita dos estudantes. No último tópico, de forma específica, discutimos acerca dos desvios ortográficos/processos fonológicos oriundos da variação linguística para melhor compreender a realidade linguística dos estudantes.

2.1 A Sociolinguística Variacionista: como tudo começou

Reconhecer a heterogeneidade da língua foi um grande marco na história dos estudos da linguagem. A língua entendida como instituição social e cultural é constitutivo dos estudos da sociolinguística. Os estudos dessa área da linguística apresentaram grande avanço quando Labov (1972) trouxe uma abordagem histórica e social para os estudos da linguagem. Segundo o autor, a língua, embora heterogênea, pode ser estruturada, ordenada e passível de quantificação estatística e, desse modo, a mudança linguística, que até então era vista como caótica e descuidada, chegando a ser conhecida como um “caos linguístico” passa a ser medida cientificamente.

Alguns linguistas tradicionalistas reconheciam que os falantes poderiam utilizar a variação independente de qualquer fator condicionante. Assim, foram nomeadas de variações livres. Por outro lado, Labov, Weinreich e Herzog (2006[1968]) mostraram que essa variação livre é determinada por fatores extralinguístico que ocorrem dentro de cada grupo social. Essas variantes são motivadas por fatores extralinguísticos, utilizando as variáveis: sexo, classe social, grupos étnicos e faixa etária, portanto, sistemáticas e estatisticamente previsíveis. A partir disso, Labov (1972), ao preconizar os estudos da mudança linguística, comprova o fato de que a variação linguística de pessoas comuns acontece de forma sistemática e descritível. Isso iniciou quando, numa de suas pesquisas, em *Lower East Side* em Nova Iorque, Labov, Weinreich e Herzog (2006[1968]) descobriram que os próprios falantes tinham uma vista rebaixada de sua língua, mas isso era uma maneira de menosprezar a fala dos indivíduos da classe média. Essas diferenças sociais respingavam na fala, causando assim, um desprezo pela linguagem.

Weinreich, Labov e Hervog (2006[1968]), ao admitirem que a variação linguística é a representação abstrata de um vocábulo que concorre entre duas formas variantes, marcam profundamente a história dos estudos da linguagem no mundo contemporâneo, ao passo que a língua passa a ser vista como algo que deve estar a favor dos seus falantes, e não, contra eles.

Labov, Weinreich e Herzog (2006[1968]) eram dotados de uma visão diferente de linguistas que apenas analisavam os fenômenos da língua de forma sincrônica, descritiva alicerçadas nas teorias de Saussure e, além disso, fora dos fatos reais do mundo. Para tanto, mostrou que a mudança linguística tinha relação direta com o fracasso escolar dos estudantes negros, pois, ao concretizar suas pesquisas em áreas centrais latino-americanas, áreas pobres, compreendeu e explicou a divisão entre ricos e pobres em seu país, após observar os níveis mais variáveis com seus papéis no avanço das mudanças.

Levado por um comportamento antiprogressista, o pesquisador da mudança linguística se opunha à ideia de que a língua era considerada abstrata, interna e fechada em si e por si mesma. O ponto de partida e o objeto de análise é a comunidade de fala. Nela os falantes apresentam característica similar e, portanto, facilita a pesquisa sociolinguística. Mediante isso, caminhos diferentes dos estudos restritos da língua enveredaram para um percurso que se interessa pela língua em uso, de modo que envolvesse os fatores sociais. Com isso, houve uma descentralização da norma padrão da língua para abrir espaço para língua falada, causando, ainda, uma ruptura com a teoria de língua estruturalista e abstrata.

Partindo da heterogeneidade linguística, Labov, Weinreich e Herzog (2006[1968]) foram precursores da Metodologia da Sociolinguística, mostrando através de suas técnicas,

que a língua e o social são impossíveis de serem estudados de formas separadas. O autor explicava a heterogeneidade através de duas vias: 1. A mesma língua comporta vários subsistemas; 2. Um mesmo indivíduo faz uso desses diferentes subsistemas (SILVA, 2009). Assim, surgiu a Teoria da Sociolinguística e, dessa forma, os estudos da linguística puderam ser considerados, por meio de estudos empíricos, um campo de estudo mais científico que até os anos 1960 não tinham lugar na ciência.

A explicação para o surgimento para essa teoria se deu, pois, pelo fato de os linguistas entenderem que “a língua é heterogênea e variável porque é empregada igualmente numa sociedade heterogênea e variável” (BAGNO, 2014, p. 82).

Labov usou a metáfora do pássaro cuco-fêmea que põe seu ovo no ninho de uma ave hospedeira. Feito isto, o filhote do cuco-fêmea ao nascer, expulsa os filhotes da ave hospedeira a fim de se instalar de vez e ser alimentado pela nova mãe suposta. Assim, uma nova palavra surge na maioria dos grupos falantes, expulsando as velhas palavras até que outra nova palavra a substitua. Aos poucos a palavra antiga perde força, dando abertura para palavra nova ser fortalecida e utilizada até que uma nova palavra a substitua novamente. Na transição da palavra nova pela antiga, há uma resistência dos falantes aceitarem a palavra nova, se ela estiver sendo usada por grupos sociais de pouco prestígio, ou seja, de classes populares pobres. No entanto, quando chega às camadas de elite a palavra nova não será mais considerada “errada”. Dessa forma, a língua é polarizada com formas conservadoras e inovadoras num mesmo espaço/tempo de qualquer época. Nessa direção, corrobora Bagno, (2014, p. 79) “com o passar do tempo, a forma nova vai se impor e vai perdurar, até que venha sofrer a eventual concorrência de uma forma ainda mais nova. É assim que as línguas mudam”.

Contrariando a visão intocável da língua que perdurou por muito tempo, Labov, Weinreich e Herzog (2006[1968]) iluminaram tais teorias obscuras de forma revolucionária, culminando no que viria a ser a Sociolinguística Variacionista - a nova subárea da linguística. Ademais, para beneficiar os estudos vindouros sobre a mudança linguística, ou seja, a variação linguística, é importante frisar que suas pesquisas motivaram diferentes áreas sobre a natureza da língua, como a Antropologia, Sociologia e a Linguística.

Na base da constituição do ser humano, língua e sociedade são indissociáveis e agem num *continuum* de interdependência. Assim, não é possível falar de linguagem sem expor o palco da sociedade. Ademais, outro fenômeno aliado a essa dupla é a cultura, formando assim uma tríade que não pode ser separada, tendo em vista que cultura, sociedade e linguagem caminham juntas. Nisso, padrões de comportamento da sociedade influenciam a

língua, de modo que esta passa por mudanças constantemente para acompanhar a evolução da sociedade e conseqüentemente responder as suas necessidades. É nestes parâmetros que a Sociolinguística se encaixa como um instrumento de objeto de estudo, segundo Mollica e Braga (2019):

A sociolinguística é uma das subáreas da Linguística e estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando à atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais. Essa ciência se fez presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade, focalizando precipuamente os empregos linguísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneo (MOLLICA; BRAGA, 2019, p. 9).

Em contrapartida, nem sempre os estudos da linguagem em uso foram levados em consideração e isso se constitui por razões ideológicas pela defesa da variedade padrão como verdadeira e única língua, a qual deve-se valorizar e obedecer. No entanto, os estudos da sociolinguística contrariam essas ideias cristalizadas que perduram por muito tempo na história da linguística. O grande desafio é que nem todos os falantes conseguem e nem podem o tempo todo estar utilizando essa língua uniforme, compacta e monolítica, pois, o que se quer na verdade é se comunicar e isso basta para sociolinguística.

Apesar de essas teorias considerarem os aspectos sociais, a linguística, de maneira única, ignorava esses aspectos externos da língua. Indo mais longe, as políticas educacionais, também, se valeram dos frutos desses estudos.

Portanto, em Labov, Weinreich e Herzog (2006 [1968]), a mudança linguística parte da compreensão mais profunda da história social dos falantes. Assim, suas ideias abriram espaço para ampliar horizontes de estudos posteriores acerca da Sociolinguística Variacional no campo da linguística aplicada, assunto que nos deteremos a seguir.

2.2 O papel da Sociolinguística no campo da Linguística Aplicada

A Sociolinguística se constitui na língua em uso e defende que a língua é quem a fala. Quando se fala em heterogeneidade linguística, buscamos apoio na Sociolinguística Variacionista, uma área que visa à compreensão do funcionamento da língua em uso pelos falantes. Numa visão antropológica, a língua em uso tem sido o mote para estudos em diferentes abordagens da Análise do Discurso e Linguística Textual a fim de contribuir para investigações no campo dessas ciências. Além disso, essa variação linguística está intrinsecamente ligada aos fatores de classes sociais dos falantes, que, por sua vez, são

dominados pelas relações de poder ideológico e, portanto, acarretadas de especificidades linguísticas determinadas por sua comunidade de fala.

As correntes linguísticas mostram pontos de vista divergentes, em relação à língua/linguagem. Entender a língua como objeto de ciência aponta para várias vertentes teóricas o que pode, muitas vezes, haver uma nebulosa de ideias justamente porque a língua ainda é um “objeto escondido” nos termos de Bagno (2014). No entanto, é importante que haja esses limites teóricos pelas diferentes correntes teóricas para se chegar a um conceito teórico definido. Partindo do campo da sociologia da linguagem, que estuda a língua no contexto social, podemos dizer que a sociolinguística surge, ainda que de forma confusa, como uma resposta para questão da mudança na forma de falar ao longo do tempo, sendo a mesma interpretada pela interferência de sistemas organizacionais políticos, econômicos, sociais e geográficos de um determinado contexto externo da sociedade.

Esses estudos, embora tenham mais de cinquenta anos de existência, ainda não conseguiram firmar uma teoria que desenvolvesse uma dimensão histórica no campo da linguagem e seus processos particulares no que diz respeito à variedade das camadas populares para, então, cumprir os objetivos a que se propõe, no caso, desenvolver uma nova teoria para um funcionamento da língua. A partir disso, houve uma polarização da língua portuguesa justificada pelo discurso de língua “certa” e língua “errada”. Diante desse exposto, alguns teóricos acreditam que as variações linguísticas ocorrem devido esse contato de diferentes línguas e podem ser explicadas pela própria história da língua. Reiterando, dentro dos estudos da sociologia da linguagem surge a sociolinguística como um recorte desse campo maior para um campo específico.

No dizer de Bagno (2001, p. 43), a Sociolinguística “veio mostrar que toda língua muda e varia, isto é, muda com o tempo e varia no espaço, além de variar também de acordo com a situação social do falante”. Assim, os estudos da linguagem humana não são mais vistos, apenas, como um recurso cognitivo, estruturalista, mas algo que está dependente, também, dos aspectos sociais dos falantes.

A sociolinguística, portanto, estuda a língua no interior das comunidades, de forma coletiva e, do mesmo modo, analisando a correlação entre os aspectos linguísticos e sociais, pois, dentro de uma mesma comunidade a língua não é homogênea, mas se constitui de uma vasta diversidade. Tomando como base o português brasileiro, há muitas diferenças no modo de falar, seja nos aspectos fonéticos, sintáticos, morfológicos, léxicos semânticos ou pragmáticos. Embora, algumas falas sejam homogeneizadas, apresentam traços típicos de cada comunidade de fala.

Considerando que a língua está para a sociedade podemos dizer que a construção do ser humano, portanto, deve-se à própria língua. Do mesmo modo, a língua não é antiga ou antiquada, assim como não há língua do momento, apenas no dado momento da sociedade a língua é vívida. Assim, reitera Bagno (2014, p. 55) “Não existem línguas primitivas nem avançadas. Toda língua preenche mais do que satisfatoriamente todas as necessidades de interação social da comunidade que a emprega.” Essa premissa é constituída no contexto social. Assim, podemos dizer que o contexto social - que permite observar os fatores favoráveis ou não à variação linguística - é um dos fatores que constituem a diversidade linguística. Além de considerar, na língua, o contexto social dos falantes, ainda há a variação linguística da comunidade de fala.

Assim, a língua se constitui por indivíduos que falam do mesmo modo, tendo seu comportamento linguístico peculiar e que, no fim, tudo isso se resume ao repertório verbal. Nisso, qualquer comunidade apresenta uma entidade heterogênea. No entanto, isso não é visto como um problema pelos linguistas da área da sociolinguística, mas um fenômeno linguístico, ou seja, em recorte dos estudos da sociolinguística que trata das particularidades próprias das variedades perfeitamente conceituadas e quantificadas nos estudos da Sociolinguística. Por outro lado, a variedade linguística é refletida na hierarquia dos grupos sociais, sendo tratada com inferioridade, como corrobora Gnerre (1985):

Uma variedade linguística ‘vale’ o que ‘valem’ na sociedade os seus falantes, isto é, como reflexo do poder e da autoridade que eles têm nas relações econômica e sociais”. Desse modo as camadas sociais que fazem uso de uma linguagem de menor prestígio tem suas oportunidades barradas na sociedade de modo geral (GNERRE, 1985, p. 4).

Diante do exposto, em geral, há uma língua de prestígio – no caso, a variedade culta – amparada pelos grupos de maior poder aquisitivo. Por outro lado, indivíduos oriundos da zona rural, em geral, são julgados pela sua variedade popular. De fato, os falantes que usam a linguagem popular têm menos condições socioeconômicas, e “pouco estudo”. Essa forma de preconceito muitas vezes barra a inserção desses falantes em atividade na sociedade, pois do dizer de Bagno (1999) o que existe não é um preconceito linguístico e sim um preconceito social. Em contrapartida, é imprescindível que depois de sessenta anos de realização sobre pesquisas sociolinguísticas no Brasil haja discurso de desprezo contra os falantes de variações linguísticas estigmatizadas, especialmente pertencentes de zonas rurais. As condições sociais e históricas que esses falantes carregam é um convite para a escola abraçar a diversidade de povos, de línguas, contribuindo para um mundo mais evoluído, em

termos democráticos. Nesse pressuposto, é preciso também, desconstruir o “mito” de que só os falantes de zonas rurais variam a língua. Este discurso, sem provas científicas, deforma a língua, cada vez mais. Assim, salienta Bagno (2014),

[...] também, é preciso evitar a prática distorcida de apresentar a variação como se ela existisse apenas nos meios rurais ou menos escolarizados, como se também não houvesse variação (e mudança) linguística entre os falantes urbanos, socialmente prestigiados e altamente escolarizados, inclusive nos gêneros escritos mais monitorados (BAGNO, 2014, p. 18).

Os traços descontínuos desses falantes têm suas raízes amargas pelas condições sociais e econômicas de sua comunidade de fala. Mal sabem, exceto linguistas, que na língua há um conjunto de variedades pertencentes a grupos comunitários que recebem uma herança linguística e daí a razão pela sua diversidade no que diz respeito à pronúncia, às construções gramaticais e ao uso de vocabulário específico pertencente à cultura desses falantes. Porém, não negligenciamos a importância desses falantes adotarem a variedade padrão da língua, tendo em vista, a necessidade de, em ocasiões formais, utilizá-la. A essa função de aprender é papel da escola, assunto que nos deteremos mais adiante.

2.3 A sociolinguística educacional: um novo campo

Com a tentativa de repensar a educação de modo que abra espaço para as camadas populares, ou seja, a democratização no ensino, a abordagem da diversidade linguística, ainda que de forma muito tímida, chega junto. Nesse entorno, o novo campo na área da linguística ganha corpo e conceitua o que chamaremos de Sociolinguística Educacional.

A sociedade como “espelho” da vida dos estudantes interfere na vida escolar e esta última por atender as demandas da sociedade acaba aceitando esse tipo de preconceito, não tomando uma atitude pedagógica de inclusão da comunidade linguística que recebe. Para isso, Bortoni-Ricardo (2004) insinua um olhar mais apurado, mais especificamente no campo da Sociolinguística Educacional, uma subárea influenciada pelos estudos da Sociolinguística e proposta pela autora.

Bortoni-Ricardo apresenta, em estudos, um modelo que retrata a realidade da diversidade linguística brasileira. Para a autora há um *continuum*¹ de oralidade-letramento, ou

¹ De acordo com Mollica e Braga (2019, p. 13) “O *continuum* se dá quando o falante adquire primeiro as variantes informais e, num processo sistemático e paulatino, pode vir a aproximar-se de estilos e gêneros mais formais, aproximando-se das variedades cultas e da tradição literária”. Ver detalhes em livro Introdução à sociolinguística o tratamento da variação.

seja, há uma linha imaginária em suas extremidades, em que de um lado fica a variedade rural e do outro a variedade o rural urbano padronizada. A interferência da variedade rural com o urbano é denominada de rurbana que fica entre as duas extremidades. Isso porque os falantes da zona rural migram para a cidade. Nisso acontece um misto de linguagem popular e linguagem letrada. No entanto, com a eclosão da tecnologia, os estudantes da zona rural têm acesso ao letramento e isso tem acarretado uma linguagem mais aproximada à norma padrão e, cada vez mais, essa linha imaginária da diversidade linguística fica acentuada. Ainda assim, a escola não pode exigir uma padronização da língua (BORTONI-RICARDO, 2014).

Já para Bagno (2014) há três tipos de realidade sociolinguística: a norma-padrão - modelo idealizado de língua; as variedades prestigiadas - faladas pelos cidadãos de *status* socioeconômico elevado; e as variedades estigmatizadas – faladas pela imensa maioria da nossa população. (BAGNO, 2014). Isso reforça que a língua constitui um retrato das condições sociais dos falantes e, infelizmente, a política escolar cria o pretexto de que, somente aprendendo a norma-padrão da língua, o estudante irá ter ascensão social, ou seja, atingir sucesso profissional no futuro. Essa desculpa não se sustenta, pois, os próprios professores que supostamente, conhecem a norma-padrão da língua não estão no topo da pirâmide social-econômica, pois, não recebem salário digno no país. Dentre as muitas falácias que a escola usa para “enculcar” que só a norma-padrão tem lógica é dizer que a língua portuguesa é difícil de aprender. Assim, o estudante vê essa língua como impossível de aprendê-la e diminui suas expectativas de ascensão social. Isso afeta, consideravelmente, os estudantes de classe baixa, como se não bastasse outras exclusões que já enfrentam na sociedade.

Numa visão revolucionária, a escola deve valorizar as variedades desprestigiadas para uma transformação da sociedade, no sentido de democratizar o que foi motivo de desigualdade social no colonialismo até os dias de hoje. Nas palavras de Mattos e Silva (2021, p. 12) “A questão em causa é fundamentalmente ideológica e conseqüentemente política” e questiona se “haverá escola e ensino que não sejam politicamente orientados?”. Mediante o exposto, a escola precisa elevar as classes dominadas, até que, por meio de uma conscientização, venha a governar “aqueles” que os governam (MATOS E SILVA, 2021).

Importante ressaltar que, embora os estudantes da zona rural, ou mesmo zona urbana, tenham o conhecimento da norma língua padrão, a variação linguística é sua maior marca linguística, pois, a escola não pode impor que estes falantes abandonem sua fala totalmente.

Para entornar esse tema na escola, vejamos o que diz os documentos oficiais da educação em defesa da diversidade linguística, “conhecer e respeitar as diferentes variedades linguísticas do português falado” (BRASIL, 1998, p. 8). Cabe, entretanto, à escola estar atenta para a sensibilização a respeito dos diferentes falares e assim desmistificar alguns mitos, frutos de uma cultura limitada as normas padrões da língua, imposta pela tradicional forma de ensinar. Isso porque é uma realidade brasileira a diversidade linguística, tomando, como exemplo, as especificidades oriundas da cultura e origem linguística. Portanto, conceber os fenômenos da variação linguística como objeto de ensino nas aulas de língua portuguesa é desenvolver a competência linguística dos estudantes, uma vez que não há apenas uma forma certa de se comunicar. Nessa direção, a BNCC (Base Nacional Comum Curricular), assume uma preocupação com os problemas sociais, bem como, os discursos que condizem com a igualdade, a saber:

Assim, compete à escola garantir o trato, cada vez mais necessário, com a diversidade, com a diferença. Eis, que, então, a demanda que se coloca para a escola: contemplar de forma crítica essas novas práticas de linguagens e produções, não só a perspectivas de atender às muitas demandas sociais que convergem para o uso qualificado e ético das TDIC – necessários para o mundo do trabalho, para estudar, para a vida cotidiana, etc. -, mas de também fomentar o debate e outras demandas o debate e outras demandas sociais que cercam essas práticas e usos (BRASIL, 2018, p. 70).

Todos os falares são representações das manifestações linguísticas de um povo. Ainda na perspectiva dos PCNs (BRASIL, 1998), essa visão teórica deve tornar-se prática diária nas aulas de língua portuguesa, tendo em vista a necessidade de adequar os objetivos educacionais à realidade brasileira. Nisso, a Sociolinguística educacional é um caminho teórico-metodológico que se apoia na valorização da língua em uso e, sobretudo, na inserção dos diferentes falares que busca uma democratização social e linguística. Reportando-nos a um passado não muito distante, a escola impregnada nos conceitos tradicionais, acreditava que somente uma variedade da língua deveria ser ensinada. Essa prática, além de desvalorizar a língua falada que chega na escola, causa também o preconceito social.

Baseado nesse preconceito, os estudantes são divididos e medidos por seu modo de falar, em maior e menor prestígio na sociedade. Nessa premissa, o estudante que fala uma linguagem mais rebuscada, seguindo a norma culta da língua tem um poder aquisitivo elevado e geralmente inserido na zona urbana, e quem se comunica com uma linguagem menos monitorada fica longe da norma da gramática. Do mesmo modo, tende a ser de seio familiar de classes populares tidas como pobres e, assim, nesse caso, a língua é vista como neutra,

como se fosse invisível. Isso vai de encontro à tal língua única, à norma culta, (BRASIL, 1998) e acrescenta, em contrapartida, “não se pode mais insistir na ideia de que o modelo de correção estabelecido pela gramática tradicional seja o nível padrão de língua ou que corresponda à variedade linguística de prestígio” (BRASIL, 1998, p. 31).

Os teóricos da língua costumam criar uma confusão com a palavra norma. Para os mais tradicionais, norma é um conjunto de regras que os sujeitos falantes devem obedecer passando pelo crivo da escola. No entanto, essa norma surgiu carregada de preconceito para quem não as coloca em prática na hora de falar ou escrever. Em contrapartida, nenhum falante, a menos que esteja em uma situação monitorada, consegue se despir totalmente de sua língua social.

Após, todo esse aparato das questões da língua padrão, chega-se à conclusão de que, nas sociedades letradas, os falantes com grau de escolaridade elevado, tenham uma “norma culta”. Nisso, há uma distorção de opiniões entre os teóricos da gramática e da variação linguística para realmente definirem a diferença entre norma padrão e norma culta. Bagno em seu livro “Português brasileiro? um convite à pesquisa” para explicar a diferença entre essas nomenclaturas faz uma comparação com a fotografia de um vestido numa revista de moda feminina, cujo modelo se encaixa apenas numa mulher alta, magra, de olhos verdes, pele perfeita e cabelos de deusa, ou seja, totalmente fora da realidade da maioria das mulheres. Embora, uma mulher desejasse o vestido e levasse o molde que a própria revista oferece para a costureira, jamais seria a mesma medida. Dessa forma, a costureira teria de adequar as medidas ao corpo da mulher. Assim, é a língua: o molde seria a norma padrão da língua. Um modelo que não chega a tamanha pluralidade linguística de cada falante. Portanto, o vestido pronto, que, de fato a mulher irá usar é a norma culta, cuja língua é a real e usada por seus falantes. (BAGNO, 2001).

Analisando a realidade linguística do Brasil, percebe-se que não há mais como alcançar uma uniformidade na Língua Portuguesa. Ela é feita de muitos retalhos. Nesse arcabouço, a sociolinguística trabalha para uma pedagogia que extrapole as crenças da política e acabe com essa fixação doentia secular e traga a percepção do potencial linguístico dos falantes. Ainda assim, a sociolinguística se impulsiona para desvendar as múltiplas faces da linguagem para a sensibilização do combate aos estigmas linguísticos que colaboram para as exclusões sociais. Com base nisso, nos estudos científicos a língua é uma instituição política pois, não há uma definição de língua por critérios puramente linguístico, mas fundamentalmente, por critérios políticos e culturais (FARACO, 2008). Dentro de uma cultura de prestígio que separa os falantes de prestígio e os falantes das grandes massas, a

língua é homogênea. No plano empírico, em sua maioria, a língua é heterogênea, ou seja, de muitas variedades. No plano educacional, o ensino não pode assinar um termo de fidelidade apenas com a língua-padrão da gramática normativa, mas, também, tornar fiel o ensino da língua-viva dos falantes.

Afinal, o ensino pautado nas variações linguísticas, apesar de caminhar lentamente, já constitui bandeira na área dos estudos de língua portuguesa e sua eclosão como objeto de estudos de abordagem teórica, tem sido de grande relevância para construir o papel da sociolinguística na sala de aula.

Contudo, esse campo surgiu da mudança ao longo dos tempos, na ruptura dos estudos linguísticos com foco na linguagem formal, passando a ser uma ciência interdisciplinar e trazendo para o palco do ensino da linguagem o contexto social, bem como, a língua em uso. Nesse sentido, o objetivo dessa nova área atenta para o desenvolvimento da competência comunicativa² dos estudantes, garantindo o respeito no tocante à variação linguística. Ademais, esse novo modo de atender a diversidade linguística na escola surge com a democratização do ensino iniciada no século XX, marco histórico em que a educação era privilégio de poucos e tinha a variedade padrão da língua como a única a ser abordada na escola. Sobre a Sociolinguística Educacional, Bortoni-Ricardo (2009):

Denominarei Sociolinguística Educacional, de forma um pouco genérica, todas as propostas e pesquisas sociolinguísticas que tenham por objetivo contribuir para o aperfeiçoamento do processo educacional, principalmente na área do ensino de língua materna (BORTONI-RICARDO, 2009, p. 132).

Reforçando as palavras da autora, essa terminologia surge para dar resposta às questões da variação linguística, saindo das camadas sociais para o campo educacional e, dessa maneira, ampliar possibilidades de garantir o respeito aos diferentes falares no contexto escolar.

Em suma, a sociolinguística educacional descortina toda essa visão única de língua e traz à tona um olhar mais holístico ao ensino da linguagem. Portanto, suas implicações consistem nos desdobramentos da variação linguística que ocorre dentro da escola e conseqüentemente no processo de ensino aprendizagem, assunto que nos deteremos a seguir.

² Habilidade de saber falar e como falar em qualquer circunstância. (grifos meus).

2.4 A variação linguística

Quando uma palavra concorre com outra para expressar um mesmo significado estamos falando de variação linguística. No entanto, na língua portuguesa os falantes não seguem regras da gramática de sua língua para que possam se entender entre si. Essas regras são universais numa espécie de cadeias, fazendo com que “o menino” seja perfeitamente compreensível e “menino o” não seja. Isso porque as cadeias são inerentes da língua nata. Esse pressuposto parte da gramática normativa, no entanto, na língua existe variantes que os falantes podem fazer escolhas, sem que a comunicação sofra qualquer alteração.

Essas escolhas podem acontecer no nível fonológico quando o falante fala “alevantar” ou “levantar”. No primeiro caso, a palavra sofre o acréscimo do /a/. No segundo caso, a palavra respeita a norma gramatical da língua portuguesa. Outro exemplo de variação acontece no nível morfológico, vejamos o exemplo, quando o falante fala “dizido” e “dito”, para expressar a ação de dizer no pretérito. Esses participios duplos são comuns em certas comunidades de fato no português brasileiro.

Ainda, no plano morfológico, há ocorrências de concordância nominal ou verbal como nos exemplos “as boneca novas” e “as bonecas novas”. Em vista disso, a língua se dá em duas dimensões: interna e externa. A interna diz respeito aos aspectos linguísticos³ e a externa, aos extralinguísticos⁴. No plano da teoria da variação, as mudanças na língua se dão por fatores estruturais, ficando mais o cargo dos estudos da fonética (trataremos disso na seção 2.7) e por fatores sociais dentro da perspectiva das variáveis sexo, idade, nível econômicos e grau de escolaridade inspirados nos estudos de Labov (1972) (já mencionado no início do capítulo). Os tipos de variações linguísticas são assim classificados como veremos a seguir:

Quadro 1 - Classificação das variações linguísticas

(continua)

TIPO	CONCEITO	EXEMPLIFICAÇÃO
Variação regional ou diatópica	Variação também conhecida como regional, ou ainda, geográfica. Nela identificamos a origem de uma pessoa através do seu modo de falar caracterizado por suas marcas linguísticas.	Retroflexo [ɻ]: ‘po[ɻ]ta’ dialeto caipira – conotação negativa nas comunidades da região do Sul. Vibrante [r]: ‘po[r]ta’ na região do nordeste.

³ Estudo da língua em seus diferentes níveis (lexical, fonológico, morfológico, sintático e discursivo) (COELHO *et al.*, 2010).

⁴ A língua vista numa perspectiva social. (grifos meus)

(continuação)

<p>Varição social ou diastrática</p>	<p>Ocorre por meio dos fatores sociais (escolaridade, sexo/gênero, nível econômico/profissão, faixa etária,)</p>	<p>Escolaridade: marcação do plural no sintagma nominal. Falantes de grau de escolaridade elevado tendem a falar ‘os peixes nadam’ marcando o plural em todos os elementos, e falantes com baixa escolaridade ou nenhum tendem a falar ‘os peixe nada’ marcando o plural em apenas um dos elementos. Podem ocorrer, também, em dois elementos.</p> <p>Sexo/gênero: Estudos mostram que as mulheres são mais cuidadosas na fala que os homens. Isso pode estar relacionado a forma conservadora da mulher na sociedade. Porém, isso pode mudar em comunidades de falantes em que os homens assumem um papel mais conservador.</p> <p>Nível econômico/profissão: Estudos de Labov mostram que grupo social menos privilegiado favorece o uso de variantes não padrão, enquanto os mais privilegiados optam pela variante padrão.</p> <p>Está correlacionado com a ocupação e estratificação estilística dos falantes.</p> <p>Faixa etária: nesse caso o que entra em jogo é a mudança linguística⁵ que reflete na variação linguística. De acordo com Naro (2008 <i>apud</i> COELHO <i>et al.</i>, 2010, p. 80) “os falantes mais velhos tendem a preferir formas antigas, enquanto os jovens, formas novas.”</p>
--------------------------------------	--	--

⁵ Processo de substituição gradual de uma forma por outra. (COELHO *et al.*, 2010).

(conclusão)

Variação estilística ou diafásica	É uma questão de adequação ao contexto em que ocorre a comunicação. Um mesmo falante pode atuar em diferentes “papéis sociais” e desempenham nas interações que se estabelecem em diferentes “domínios sociais”. Essa variação ocorre entre dois polos: língua monitorada ⁶ e não monitorada ⁷ . A forma como o falante fala na escola não é a mesma maneira como fala na igreja, no trabalho, em casa, com os amigos etc. Uma variável que ocorre nesse tipo de variação é a concordância verbal.	Concordância verbal: linguagem monitorada: ‘os meninos brincam’. Linguagem não monitorada: ‘Os menino brinca’.
Variação na fala e na escrita ou diamésica	Ocorre entre dois níveis: a fala e a escrita. A fala é espontânea e a escrita é ensaiada, embora nem sempre fala e escrita seja dissociadas.	Fala: ‘Quando mia mãe chegô em casa, disse que ia fazê o jantá’ Escrita: ‘Quando minha mãe chegou em casa, disse que ia fazer o jantar.’

Fonte: adaptado de Coelho *et al.* (2010, p. 76- 86).

A variação regional ocorre pela influência linguística colonizadora de uma comunidade de fala. Assim, no Brasil, podemos diferenciar um falante nordestino de um paulista. Além do exemplo da tabela acima, temos a palavra ‘soneca’ que no Nordeste é pronunciada por (s[ɔ]neca) – som aberto - e no Sudeste é pronunciado (s[o]neca) – som fechado. Noutro exemplo temos ‘perereca’, no Nordeste pronunciado (p[ɛ]erereca) com som aberto e no Sul (p[e]rereca) – som fechado. As vogais pretônicas /e/ e /i/ sofrem variações por causa da pluralidade linguística que ocorreu na colonização.

A variação social, por sua vez, parte das camadas sociais. Já a variação diafásica leva o falante a ter um comportamento linguístico adequado ao contexto. E por último, a variação diamésica parte da relação da fala com a escrita e se dá por meio da comunicação: gênero textual (BAGNO, 2007). Vale dizer que, em todos os níveis, as variações não agem de forma isolada, e são, por fim, resultado da estratificação social.

Outra categoria linguística da variação são os processos fonológicos que resultam nos chamados desvios ortográficos na escrita. Numa comunidade de fala uma variável linguística tem pronúncia diferente, mas, é equivalente no nível semântico, o que faz com que

⁶ Linguagem mais cuidada, de prestígio. (grifos meus)

⁷ Linguagem não cuidada, menos formal. (grifos meus)

numa comunidade linguística os falantes se entendam entre si. Os processos fonológicos, assim como os tipos de variações linguísticas, também, sofrem influência das forças internas e externas das esferas sociais dos falantes.

2.5 A comunidade linguística como lugar de fala na escola

Quando tentamos definir o que é língua, imaginamos uma colcha de tecido feita de vários retalhos coloridos. Simbolicamente, a colcha é a língua portuguesa e os retalhos são as variedades linguísticas, dessa mesma língua, com arestas-limites. Em outras palavras, as arestas são os limites que se cruzam pela influência de variedades umas com as outras. Essa influência sociocultural concretiza a disseminação das variações linguísticas.

Historicamente, a língua carrega constructos sociais que emanam da cultura de um povo numa determinada época. Assim, o retrato histórico que uma determinada época vive, também, será determinante para sua linguagem. Essa linguagem é condicionada pela evolução no tempo e no espaço. Sendo assim, a Língua Portuguesa no Brasil é revestida por diversos fatores influenciados pelo contexto histórico.

Se colocarmos a questão da língua como patrimônio de nossa cultura, veremos que os discursos da classe dominante prevaleceram sob a língua minoritária dos falantes. Uma língua-limite que excluía a classe dominada mormente. Por que, então, exaltar uma língua que está distante do povo e se acomoda num modelo? Por que não tomar a língua do povo para representar a identidade da comunidade local? E por que a escola não tem interesse em respeitar a linguagem que o estudante leva para escola? Por que dizer que a escola é espaço de acolhimento cultural e social dos estudantes, se não acolhe a sua língua? As provocações pressupostas requerem, além de refletir sobre o ensino da língua no Brasil, a busca ativa para uma mudança de comportamento por parte dos professores de língua portuguesa. Professores que reprimem o estudante pelo fato de sua linguagem não atender a variedade padrão contribui para cultura da violência simbólica que sempre recai para quem fica na “ponta” da sociedade.

Noutra direção, a influência da escola deverá ser no vernáculo e não numa língua que fora enclausurada num tempo remoto e que nunca fez sentido para a sociedade em massa. Se é papel da escola ensinar a linguagem para estilos mais monitorados, pois que ensine a linguagem utilizada em estilos não-monitorados para que os estudantes valorizem o seu lugar de fala na comunidade. Ademais, a escola propõe que os estudantes entrem na escola para aprender uma língua que já sabem, quando deveria ensinar como usá-la.

Ensinar somente a norma-padrão não é o suficiente para levar o estudante a escrever textos, visto que, escrever exige técnica de construção de textos e criatividade, e forma de expressão e, apesar de, saber escrever palavras gramaticalmente corretas não faz do estudante um bom escritor. Nesse contexto, Bagno (2015, p. 101) assevera “a grande tarefa da educação linguística contemporânea é permitir, incentivar e desenvolver o letramento dos alunos”, isto é, a plena inserção desses sujeitos na cultura letrada em que eles vivem.

De acordo com Bortoni- Ricardo (2004), na educação em língua materna a criança desenvolve a sua linguagem dentro de três domínios sociais: a família, os amigos e a escola. Nesses domínios a criança interage assumindo certos papéis sociais. A cultura da escola parte de uma cultura de letramento. Quando a criança entra na escola é obrigada a entender que a língua escrita é a língua real e que tudo que falou até o momento está “errado” e nessa ruptura a criança tende a ter preconceito com a própria língua.

Sobre a cultura de letramento, ainda podemos dizer dominante, insiste em inculcar nos estudantes que sua fala não importa. Isso é perceptível quando o aluno diz para o professor: “professora, hoje eu não trouxe os livros, por que minha mãe não se lembrou de colocá-los na minha bolsa” e de forma abrupta o professor corrige para “professora, hoje eu não trouxe os livros, por que minha mãe não lembrou de colocá-los na minha bolsa”. Isso revela o quanto à escola está longe de atender a realidade de seus alunos.

Ressaltando, os falantes de uma língua reproduzem na fala uma herança linguística da comunidade a que pertencem e nas palavras de Bortoni- Ricardo (2004) “todo falante de uma língua, por volta de 7, 8 anos, já internalizou as regras do sistema de sua língua, regras que lhe permitem produzir sentenças bem formadas naquela língua” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 21). Os resquícios dessa linguagem acabam chegando à sala de aula. E agora? Qual é o papel da escola mediante a variação linguística de seus estudantes? Levando em conta que a diversidade linguística é a língua usual – aquela que acontece no cotidiano de cada falante – de fato, não pode deixar de ser considerada na escola. A fala é uma modalidade contextualizada e não-planejada que se adapta às necessidades dos falantes de uma dada comunidade. Conforme Sapir (1954, p. 18), “a fala é uma herança puramente histórica [...] produto de um uso social prolongado”. Sendo assim, todos os indivíduos sabem falar e apenas falam com o objetivo de se comunicar uns com os outros. Nesse sentido, a fala reproduz o que somos e o que representamos no mundo. Ao contrário da fala, a escrita partiu de uma necessidade de poder, ou seja, por muito tempo, a escrita era privilégio das classes de elite. Quem sabia escrever tinha o respeito do povo, tanto é, que uma pessoa que não sabe escrever não é bem-vista, e nunca foi na sociedade.

Ademais, a fala é lugar de expressão e plena participação social dos falantes. Essa premissa, leva o falante do Português Brasileiro (doravante PB) a representar sua cultura, sua identidade linguística na comunidade em que está inserido. Assim, é inquestionável seu lugar de valorização na sociedade, sobretudo, na escola.

Partindo da premissa de que todo indivíduo sabe falar, os analfabetos que nunca estiveram no seio de uma escola, também, têm sua linguagem, o que a sociedade exclui, por dizer que estes indivíduos não sabem falar. Isso demanda uma questão puramente equivocada, por parte de quem o faz, seja por razões de desconhecer o funcionamento da língua ou mesmo por preconceito linguístico.

Contudo, é preciso que o professor esteja ciente da importância da valorização da língua falada na escola e trabalhe para que isto seja erradicado e, sobretudo, levado a sério nas aulas de Língua Portuguesa. Saber que as diferenças na língua são causadas por questões socioculturais que dependem da região em que o indivíduo mora é um conhecimento apenas para linguistas, porém, à escola, cabe conscientizar os estudantes para o respeito dos diferentes falares.

2. 6 A variação linguística nas aulas de Língua Portuguesa

Os professores de Língua Portuguesa, por uma questão da cultura escolar secular, tendem a impor na cabeça de seus alunos que existe apenas uma variedade da língua: a norma -padrão. Ainda que alguns livros didáticos abordem outras variedades da língua, sugerindo que existem as variações linguísticas, não raro, fazem de forma muito superficial. Isso afeta de forma negativa as capacidades e habilidades linguísticas que os estudantes devem aprender. Nessa direção, uma coisa é aprender a língua materna, outra coisa é aprender sobre a língua materna. Essa ideia equivocada por parte dos professores causa uma confusão em seu fazer pedagógico, por falta de conhecimento do que é ensinar Língua Portuguesa. Primeiro, porque não se aprende a língua materna na escola, como muitos professores pensam. Segundo, porque o ensino da Língua Portuguesa não se dá somente através das regras gramaticais, mas, sim, considerando a língua em uso.

Ainda sobre a língua materna, conclui-se que o indivíduo já nasce com uma língua nata e essa vai se constituindo no seu primeiro meio social: a família. Já no contexto escolar existe uma grande diferença entre a língua usual e o ideal de língua que a escola impõe nos estudantes. Como consequência, quando os estudantes não alcançam êxito nas aulas de Língua Portuguesa, certamente colocam a culpa nos professores. Porém, esse é o desafio do

professor: tornar o aluno competente em sua língua. Mas, o caminho que enveredam não condiz com o ensino eficiente da Língua Portuguesa. Ademais, os professores são vítimas de um sistema ideológico que coloca a língua padrão no patamar inatingível para qualquer indivíduo. Ora, se essa língua é utilizada pelos falantes letrados da mais alta sociedade, por que ainda estes mesmos falantes só a usam em situações em que estão sendo monitorados? Certamente, porque a língua em uso é a que prevalece na comunicação.

Em verdade, torna-se muito difícil impor uma língua que está distante da realidade dos estudantes. Outro discurso no contexto escolar é que a língua portuguesa é muito difícil. Na verdade, é preciso acabar com o estigma de língua “certa” e começar a desvendar o verdadeiro caminho para aumentar a competência linguística dos alunos: a língua é a que usamos e a língua padrão deve ser aprendida apenas para usá-la em situações de letramento. Nesse sentido, o ensino de fonética nas aulas de língua portuguesa não tem considerado os diferentes falares dos alunos. No entanto, o estudo de uma língua na escola não se restringe apenas a conhecimentos morfológicos e sintáticos, fonológicos e fonéticos, mas também, à variação linguística da comunidade escolar. Desse modo, é indispensável que os professores levem aos estudantes os conhecimentos necessários do estudo dos processos fonológicos para que aprendam sobre as variações linguísticas, porém, compreendendo que elas sofrem influências de natureza social.

No tocante à língua falada, as línguas naturais se desenvolveram sem intervenção formal externa, ou seja, espontaneamente (SEARA; NUNES; LAZZAROTTO-VOLCÃO, 2019). Para completar, segundo Bisol (2001), os falantes de uma língua, através de sons, veiculam significados – pensamentos, sentimentos, emoções – e interagem socialmente, sem dar-se conta de sua organização interna, do sistema que a constitui. No entanto, o trabalho da fonologia, na sala de aula, atrelado a esses diferentes falares tem sido alvo de confusões no trabalho de professores. Nisso, o trabalho do professor será o de levar o estudante a entender a estrutura e o funcionamento da língua dentro do seu contexto.

Além do mais, como intervir para que os estudantes aprendam a variedade padrão, sem desconsiderar sua variação linguística? Nesse sentido, é importante, ressaltar, de maneira insistente, que o trabalho da variação linguística é relevante no ensino da língua, pois um dos objetivos dessa disciplina é de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (1997), “promover a competência linguística e comunicativa dos estudantes”. Em consonância com esses documentos supracitados, importante trazer à baila, o tratamento dado à variação linguística, no documento da BNCC (BRASIL, 2018) ao se tratar de uma teoria sociointeracionista, justamente na confirmação de sua passagem sobre a concepção de

linguagem ao dizer que é uma construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica (BRASIL, 2018, p. 65).

Adiante, o documento ainda defende, em relação à diversidade cultural, que se estima que mais de 250 línguas são faladas no país – indígenas, de imigração, de sinais, crioulas e afro-brasileiras, além do português e de suas variedades. Esse patrimônio cultural e linguístico é desconhecido por grande parte da população brasileira (BRASIL, 2018). Isso revela a necessidade de a escola dá o tratamento às variedades de prestígios e às variedades estigmatizadas, com o fito de valorizar a riqueza linguística existente em nosso país. Além disso, a BNCC (BRASIL, 2018) aponta para a necessidade de refletir acerca de se conhecer esse fenômeno e entender as razões pelas quais as variedades linguísticas estigmatizadas são alvo de preconceito.

Conforme a BNCC aponta numa de suas competências é “compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante das variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos” (BRASIL, 2018, p. 87). Essa abordagem atende as expectativas de um ensino permitindo levar a entender que a língua tem suas variações e é preciso respeitar qualquer forma de falar.

Cabe ressaltar, reiterando o movimento metodológico de documentos curriculares anteriores, que estudos de natureza teórica e metalinguística – sobre a língua, sobre a literatura, sobre a norma padrão e outras variedades da língua – não devem nesse nível de ensino ser tomados como um fim em si mesmo, devendo estar envolvidos em práticas de reflexão que permitam aos estudantes ampliarem suas capacidades de uso da língua/linguagens (em leitura e em produção) em práticas situadas de linguagem.

Conforme a BNCC (BRASIL, 2018, p. 70), “é relevante no espaço escolar conhecer e valorizar as realidades nacionais e internacionais da diversidade linguística e analisar diferentes situações e atitudes humanas implicadas nos usos linguísticos como o preconceito linguístico.” Em outras palavras, o tecido social arraigado no preconceito linguístico precisa chegar a um ponto em que não seja admitida atitudes preconceituosas sobre a variedade linguística na sala de aula. Levando em conta a vasta diversidade linguística brasileira, não há como dizer que existe apenas a língua padrão, pois, como corrobora os PCN

Embora no Brasil haja relativa unidade linguística e apenas uma língua nacional, notam-se diferenças de pronúncia, de emprego de palavras, de morfologia e de construções sintáticas, as quais não somente identificam os falantes de comunidades linguísticas em diferentes regiões, como ainda se multiplicam em uma mesma comunidade de fala. Não existem, portanto, variedades fixas: em um mesmo espaço

social convivem mescladas diferentes variedades linguísticas, geralmente associadas a diferentes valores sociais (BRASIL, 1998, p. 29, 31-33).

Por conseguinte, como já dizem os documentos, não existem variedades fixas e o PB é a língua que a escola se depara diariamente, sendo preciso compreender o seu funcionamento como um todo. Ademais, é preciso conhecer os diferentes registros das variedades linguísticas, a fim de saber adequá-los a diferentes situações de comunicação no cotidiano (BRASIL, 1998). Levar o estudante a entender que as variedades linguísticas dizem respeito à competência linguística é papel da escola e que essa mesma variação ocorre também na escrita por meio das relações grafofonológicas, assunto discutido na próxima seção.

2.7 A fonética e fonologia

Enquanto a fonética estuda todos os sons produzidos pelo falante, em toda sua diversidade ou variação, a fonologia estuda apenas os sons que têm valor distintivo, que caracterizam o sistema linguístico. (ARAÚJO; ALENCAR, 2020). Os estudos da fonética e da fonologia trazem como objeto de estudo o som representado pela letra baseado no nosso Alfabeto Fonético Internacional. Os segmentos sonoros são definidos como um conjunto de propriedades fonéticas ou traços distintivos. O papel da fonética é explicar como a palavra é realizada, interpretando as diferentes pronúncias de uma variável linguística. Importante dizer que as mudanças de sons não afetam o sentido da palavra, pois são representadas por diversos modelos através de uma linguagem simbólica, no caso, aqui, a fonética. Trazemos o esclarecimento acerca dessa área na fala de Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2019),

A fonologia é, então uma interpretação daquilo que a fonética apresenta, restrita a uma língua e aos modelos teóricos que descrevem essa língua. Modelo pode ser definido como uma representação teórica de um evento físico, através de uma linguagem. A linguagem por excelência para definição de modelos é a matemática. E é por um tipo de linguagem simbólica que são apresentados os diversos modelos (SEARA; NUNES; LAZZAROTTO-VOLCÃO, 2019, p. 68).

Nisso, estudar os sons da língua é uma prática muito antiga no contexto escolar. No entanto, em todo o percurso, a escola se preocupou apenas em ensinar a aprender falar e escrever corretamente, conforme as regras normativas da gramática, porém, os estudos dos sons existem, também, para entender a motivação para as variações linguísticas presente na língua.

A fonologia abarca estudos diacrônico⁸ e sincrônicos⁹ - termos criados por linguistas engajados ao Círculo Linguístico de Praga¹⁰, destacando-se, dentre eles, R. Jakobson e E. Benveniste, os quais descreviam os sons da fala fundamentados na física e na fisiologia (SEARA; NUNES; LAZZAROTTO-VOLCÃO, 2019). Ainda sobre os estudos da fonologia, Noam Chomsky norteou uma nova abordagem, ao dizer que o conhecimento que uma pessoa tem das regras de sua língua dá-se pela competência e ao uso que faz dela - o desempenho - sendo este último, assunto de nosso interesse aqui.

Muitas vezes, o ensino da fonologia fica à mercê das teorias arcaicas ensinadas nas formações dos professores e não são trabalhadas a consciência fonológica e a diversidade linguística como parte dos conteúdos de Língua Portuguesa. O resultado é que os professores reproduzem essas práticas em suas aulas e conduzem os estudantes a conhecerem apenas a norma rígida e intocável que é a variedade padrão. Com isso, é preciso que os professores da educação básica tenham um conhecimento de fonética voltado para o funcionamento e análise da língua, sobretudo, saber lidar com as variações fonético-fonológicas que ocorrem na escrita dos estudantes e, portanto, não criar uma arena de algo pronto, mas, sim, reconhecer a dinamicidade da língua em uso. De acordo com Seara (2011, p. 14-15) “as variações fonéticas sofrem influências de natureza social e a sua compreensão permite lidar mais adequadamente com o preconceito linguístico”. Nesse contexto, a fonologia explica a natureza dos desvios ortográficos oriundos da variação linguística.

2.8 Os desvios ortográficos oriundos da variação linguística

Os desvios ortográficos presentes nas produções dos estudantes da educação básica, sobretudo, nos três últimos anos do Ensino Fundamental I, ciclo de consolidação da alfabetização, trazem grandes conflitos no que tange ao ensino da língua portuguesa. Esses desvios partem do princípio de que existe uma norma padrão da língua. De acordo com Faraco (2008) a norma padrão surgiu com a necessidade de estipular um nível teórico capaz de captar, pelo menos em parte, a heterogeneidade constitutiva da língua.

⁸ De acordo com Saussure (1995[1916]), é a dimensão histórica “em que o centro das atenções são as mudanças por que passam as formas de uma língua no tempo.” (SAUSSURE (1995[1916] *apud* COELHO *et al.*, 2010, p. 92).

⁹ Para Saussure (1995[1916]), é a dimensão estática “em que o centro das atenções são as características da língua vista como um sistema estável num espaço de tempo aparentemente fixo” (SAUSSURE (1995[1916] *apud* COELHO *et al.*, 2010, p. 92).

¹⁰ Baseado nos estudos de Bakhtin. “Grupo de pensadores que corroboram a construção de uma abordagem discursivo-enunciativa da linguagem” (RIBEIRO; FRANÇA, 2020, p. 23).

Depois dos anos 60 houve um estranhamento dessa maneira de conceber uma ideia fixa da língua. Como forma de amenizar esses velhos preceitos de norma padrão sendo, grosso modo, um conceito já bem desgastado na prática pedagógica, passou-se a usar norma culta¹¹. Esse deslocamento de conceito, não mudou em nada em relação ao conservadorismo que a norma padrão carregava. Para Faraco (2008), norma culta é utilizada, intercambiavelmente, com a expressão norma padrão, como se fossem apenas nomes diferentes do mesmo fenômeno – quando, de fato, se trata de duas realidades diferentes (FARACO, 2008).

Alguns linguistas associam o termo norma culta a falantes cultos, ou seja, àqueles que têm alta escolaridade e que exercem uma profissão de alto poder aquisitivo. Já para Bagno (2001), norma culta é sinônimo de norma padrão e indica um modelo de língua, um comportamento de língua. De todo modo, língua padrão e língua culta caminham para dizer a mesma coisa: uma língua impossível de ser seguida que nem mesmo quem detém de alto conhecimento linguístico consegue seguir à risca. No entanto, a norma padrão de uma língua torna-se necessária, pois o indivíduo constrói o conhecimento linguístico acerca de sua língua materna e compreende como ela funciona. Em contrapartida, esse mesmo sistema de uma língua não é somente o correto e nem, tampouco, o único, dados os diferentes falares e seus usos em diversas situações. Os estudantes que ainda não dominam o sistema de sua língua materna podem apresentar desvios ortográficos em suas escritas, quando desafiados a escreverem textos no âmbito escolar. Todavia, esses desvios não podem ser encarados como erros ortográficos nem ser motivo de punição para o estudante.

Consideramos que os processos fonológicos que se dão devido às variações linguísticas precisam ser considerados objetos de estudo e valorizados por todos os envolvidos no processo de aprendizagem. Nessa perspectiva, os processos fonológicos explícitos nas produções de escrita dos estudantes são resquícios da fala oral de sua comunidade. Desse modo, a escrita constitui-se um reflexo da fala.

No tocante aos desvios cometidos pelos estudantes, estes são objetos de estudos do campo da fonologia, área que busca esclarecer a função linguística dos sons da fala, levando em conta as variações sonoras presentes na fala. Portanto, dentro destes modelos teóricos há uma forma particular de compreender a linguagem. Porém, apesar de comportar várias visões, não significa que uma língua seja melhor ou pior que a outra.

¹¹ Faraco (2008, p. 7) designa como “um conjunto de fenômenos linguísticos que ocorrem habitualmente no uso dos falantes letrados em situações mais monitoradas de fala e escrita”. A que chama, também, de norma comum/*standard*. Para um aprofundamento desse estudo ver Faraco (2008).

Cada falante tem o conhecimento implícito de sua fala, mas, de acordo com sua região, atrelada a sua cultura linguística, apresenta variações. Mediante o exposto, o professor deve ensinar a ortografia, explicando as relações entre sons e letras, mas, sobretudo, esclarecendo a presença da língua falada, o que não pode ser motivo de deboche ou desrespeito, e sim, de valorização e aceitação.

Assim, pontuamos os principais tipos de desvios ortográficos, tomando como base os estudos de Alencar (1997), Roberto (2016) e Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2019). Os desvios no nível fonético-fonológico se dão pela alteração na estrutura da palavra e conforme Aragão e Alencar (2020) “os fonemas podem combinar-se para formar unidades maiores, como sílabas, morfemas e palavras”. Dessa maneira, entendemos que os desvios podem ocorrer de formas diversas. Aragão e Alencar (2020) nomeiam os processos fonológicos de “alterações fonéticas” ou “metaplasmos”. Ainda de acordo com Roberto (2016) podem ser classificados em quatro categorias: processos por apagamento, por acréscimo, por transposição e por substituição, detalhados a seguir:

a) Processos fonológicos por apagamento: Estes processos acontecem pelo apagamento de um segmento, podendo ser uma vogal, consoantes, semivogal ou mesmo de uma sílaba inteira. Por exemplo, respectivamente: obrigado > “bri- gado”; garfo > “gafo”; roupa > “ropa”; chácara > chácra. Sendo estes processos por apagamento classificados de acordo com o tipo de segmento apagado;

b) Processos fonológicos por acréscimo: Estes se referem ao acréscimo de vogais no interior de palavras e, portanto, recebendo a classificação de ditongação, como no caso de: pneu > “pineu”. Podem ainda consistir num processo de acréscimo de fonema no início de palavras, a exemplo, temos: levantar > “alevantar”, sendo classificado, mais especificamente, de prótese e a paragoge, sendo um tipo de acréscimo que se dá no final de palavras, a exemplo, temos: internet > “internete”;

c) Processos fonológicos por transposição: temos a metátese que consiste na alternância de segmentos dentro do mesmo vocábulo, podendo ocorrer dentro de uma única sílaba ou envolver sílabas diferentes. Por exemplo, temos a palavra: Pedro > “Predo”. Ainda sobre este processo, quando se dá uma transposição por acento, recebe o nome de hiperbatismo, como ocorre no exemplo da palavra: rubrica > “rúbrica”;

d) Processos fonológicos causados por substituição: temos o caso da assimilação, ocorrendo quando um fone assimila um ou mais traços de outro fone próximo, como acontece na palavra: braveza > “brabeza”. Nesse caso, Cagliari (2015, p. 102) explica que pode ocorrer um processo de fortalecimento – troca de uma articulação mais “frouxa” por uma que requer

maior esforço - ou enfraquecimento – Quando acontece o contrário do processo anterior. Verifica-se um processo de labialização – quando o fonema adquire traços de articulação bilabial – no caso de “bravo” e um processo de plosivização – ocorrendo quando um fonema fricativo ou africado é trocado por um plosivo. Ainda, em “vamos”, pode haver uma harmonia vocálica, quando o “a” é substituído por “õ”. Segundo Roberto (2016, p. 124), esse tipo de assimilação ocorre nos casos em que as vogais se tornam iguais ou semelhantes entre si”. No processo de sonorização, ainda causado por substituição, consiste em substituir o segmento surdo por um sonoro, a exemplo temos: subsídio> “subzídio”. No caso da dessonorização, acontece o oposto da sonorização, como em: gato>“cato”. Ainda dentro dos exemplos de assimilação, ocorre um fenômeno contrário, a desassimilação – quando um segmento perde um ou mais traços para se distinguir de outro próximo a ele. Por exemplo: voo> “vow”. E, por último, outro processo que ocorre quando um segmento se torna palatal ou mais semelhante a um som palatal – a palatalização- como em “leite”. Em relação ao Sândi, outro processo por substituição, os segmentos finais de vocábulos ou de morfemas ou, ainda, no interior de um vocábulo ficam juntos. Além disso, o sândi pode ser classificado em externo ou interno. A exemplo de sândi externo, vemos “lápiz azul”, pois a primeira palavra termina em consoante e a seguida começa com vogal. Porém, quando acontece no interior de um vocábulo, é denominado de sândi interno, como em “inútil”. No tocante a substituição do /l/ pelo /r/, ocorre um processo de rotacismo, como em: problema> “poblema”. Já no caso de semivocalização de líquida – substituição de uma líquida por uma semivogal – temos o exemplo de: carne> “caine”. O processo que ocorre na mudança de um fonema por outro mais anterior quanto ao ponto de articulação, como no exemplo: churrasco> “surrasco”, é chamado de anteriorização. Por outro lado, quando ocorre o oposto, como em: salsinha> “salchicha”, denomina-se posteriorização. O alçamento, ademais, consiste na mudança de uma vogal por outra mais alta, como no exemplo: menino> “minino”.

Diante do exposto, os processos fonológicos são variações linguísticas que ocorrem na fala dos indivíduos e estão, em todo caso, inerentes ao seu contexto de vivência, em determinada época. Portanto, os desvios são denominados de acordo com a suas especificidades e merecem ser objetos de estudo do professor, para que saibam abordá-los com devido respeito nas suas aulas, levando os estudantes a ter conhecimento da variedade linguística e que possam valorizar o seu lugar de fala na comunidade em que se insere.

3 METODOLOGIA

Passamos a apresentar os aspectos metodológicos que possibilitarão a realização da pesquisa, bem como o método empregado para a orientação de nossas ações e como se deu a análise dos dados coletados: o contexto da pesquisa, o método e os participantes do estudo; os procedimentos adotados, assim como os instrumentos utilizados para a geração de dados.

3.1 A escola

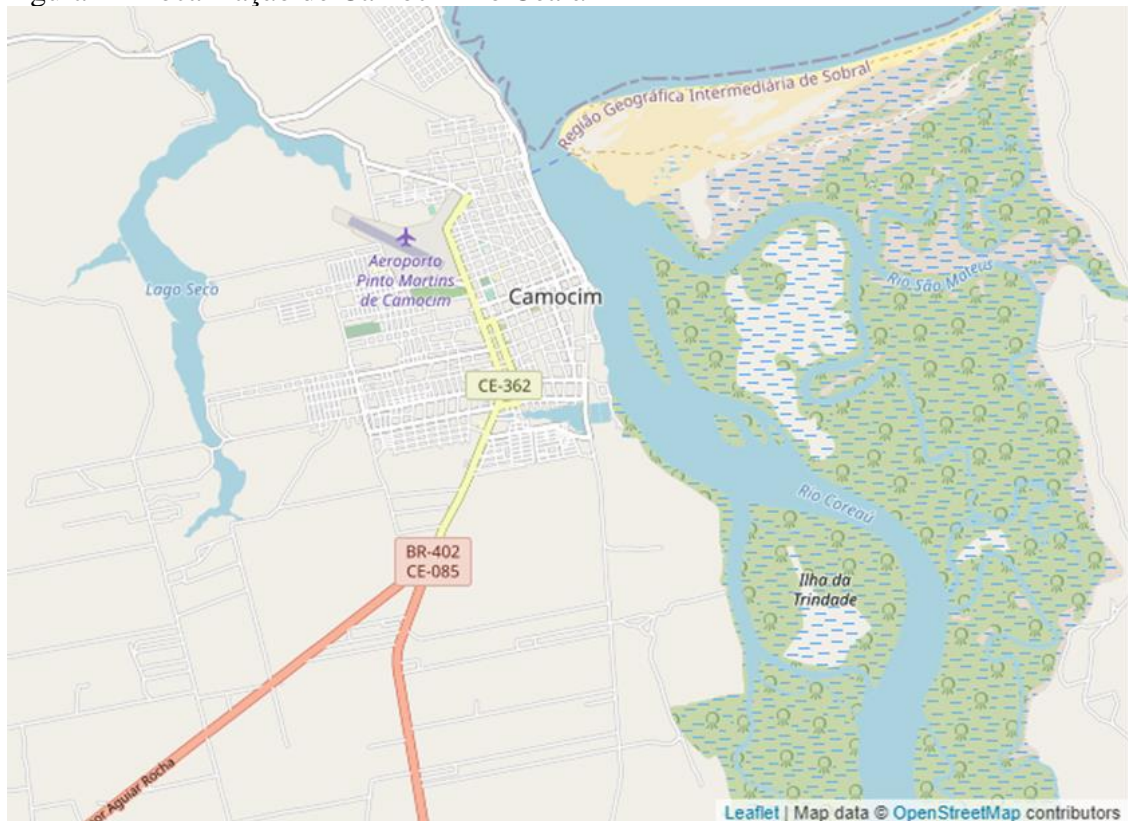
Para melhor entender a comunidade de fala da escola campo, recorreremos a Santos e Freitas (2017), para quem Camocim passou por diversas variações em seu nome, até chegar a sua forma definitiva. Segundo os autores, Camocim chegou a ser chamada de Rio da Cruz ou dos Braços, Camuci, Camosi, Camori, Camossim. Em alguns mapas holandeses foi apontada, ainda, como Camocipe ou Camocipe e Camotim, que é derivado de Khamsim, até chegar a sua forma final que é Camocim. A explicação para tantas mudanças em sua grafia pode ser explicada por ter nascido entre conflitos de índios e sesmeiros. Segundo os autores, “os primeiros registros sobre a região de Camocim revelam a presença de indígenas, as tentativas de estabelecimento de colonos e os respectivos confrontos” (SANTOS; FREITAS, 2017, p. 18). Os autores ainda acrescentam,

Mais do que essas variedades linguísticas, a história dos povos também pode ser contada a partir das relações e dos choques culturais advindos das lutas de conquista e sobrevivências dos povos. No nosso caso, a colonização do território provocou este tipo de encontro, revelando não somente a dominação do colonizador, mas também as histórias de resistências (SANTOS; FREITAS, 2017, p. 18).

Portanto, entender as variações linguísticas de uma comunidade local requer conhecer sua origem no mapa, como surgiu sua colonização, a fim de saber quem primeiro chegou ali, as misturas de povos e, naturalmente, sua língua.

A fim de compreender melhor a comunidade local de fala dos estudantes protagonistas dessa pesquisa, apresentamos o mapa da localização do município de Camocim, a seguir:

Figura 1 - Localização de Camocim no Ceará

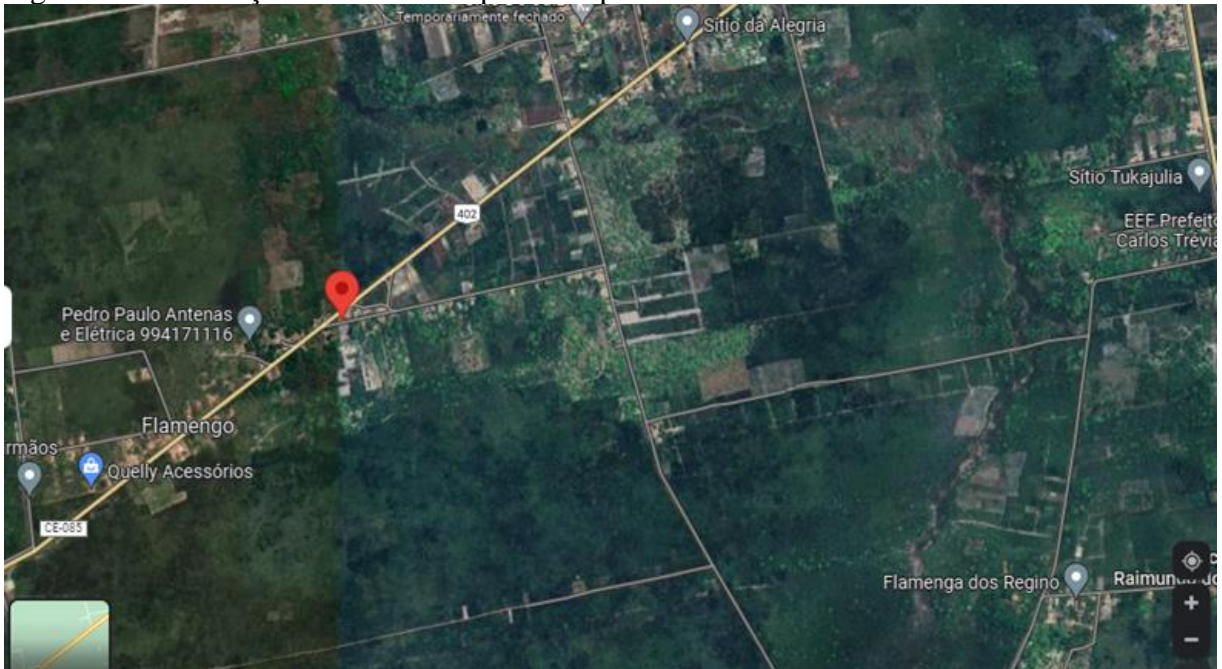


Fonte: Google Imagens (2022).

O Município de Camocim, onde se situa a escola *locus* da pesquisa, foi criado pela Lei provincial nº 1.849, de 29 de novembro de 1879, levado a categoria de cidade em agosto de 1889. Ocupa uma área de 1.120.452 Km², situado no extremo Norte do Estado do Ceará ficando a 366 km da capital. Tem como limite o Oceano atlântico, os Municípios de Granja, Acaraú e Chaval e, finalmente, o Estado do Piauí. Possui clima ameno e aspecto urbano atraente. Caracteriza-se como zona litorânea semi-árida. A sede do município alcança somente cinco metros de altitude da beira-mar. Estima-se a população de 62.326. Popularmente a cidade é conhecida como “princesa do mar”.

Na figura 3, temos o mapa com a indicação da escola que permitiu a coleta de dados, em Camocim - CE. Como podemos observar, a escola está localizada na zona rural da cidade o que fez com que a variação linguística apresentasse traços descontínuos na produção dos estudantes, pois são moradores da zona rural, e graduais, pois os estudantes moram a 3 km da zona urbana e o fluxo diário entre o campo e a cidade é comum devido às necessidades de trabalho.

Figura 2 - Localização da escola campo no mapa de Camocim



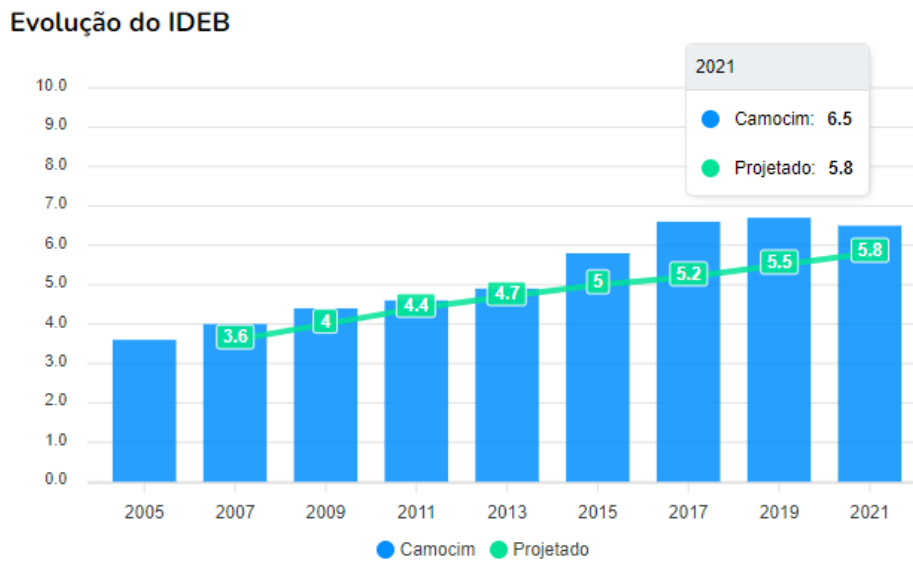
Fonte: Mapa adaptado de Google Maps (2022).

Considerando os dados do ano de 2022, ano em que a pesquisa foi realizada, a escola prestava serviços a 53 alunos, divididos em 5 turmas, distribuídas da seguinte forma: 1 turmas de 1º ano com 8 alunos, 1 turma de 2º ano com 13 alunos, 1 turma de 3º ano com 6 anos, 1 turma de 4º ano com 15 alunos e 1 turma de 5º ano com 11 alunos. Para o trabalho com os discentes, contava-se com a atuação de 6 professores polivalentes. O núcleo gestor é composto por uma coordenadora, uma diretora e secretária administrativa. Além desses profissionais, conta-se também com uma auxiliar de serviços gerais e três porteiros vigilantes.

No que tange à educação, o município é administrado por uma Secretaria de Educação coordenada por uma política Municipal de Educação mediante a formulação de políticas públicas e diretrizes gerais, visando à otimização e à garantia de padrões de qualidade do modelo educacional e ao consequente aumento dos índices de escolaridade.

O Ideb (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica), divulgado a cada dois anos pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), apresenta de 6,5 nos anos iniciais em 2021, sendo considerado um município com Ideb alto. Vejamos, nas figuras a seguir, os dados estatísticos de 2021.

Figura 3 - Evolução do IDEB



Fonte: Inep¹² (2021).

Figura 4 - Percentual de estudantes com aprendizado adequado em edições do Saeb/Inep



Fonte: QEdu.org (2022)¹³.

No gráfico 2, a cor verde indica, na meta 3 de todos pela educação, que 70% dos estudantes estão com o nível de aprendizagem adequado e ficam acima da expectativa no Brasil. Como vimos, a aprendizagem mostrou-se satisfatória nos últimos três anos dos 3º, 4º e 5º anos. Nessa etapa de ensino, uma das competências avaliada nos programas de avaliação de larga escala no município de Camocim, é se o aluno possui o domínio da escrita silábica alfabética, verificando o desempenho desses estudantes no que se refere ao domínio da escrita na habilidade 1. Contudo, apenas a partir do 4º ano, é exigido que o aluno escreva com o domínio da ortografia de palavras mais usuais. Na habilidade 6, é esperado que os alunos grafem corretamente as palavras, obedecendo à norma padrão.

¹² Disponível em: <https://qedu.org.br/municipio/2302602-camocim/ideb>. Acesso em: 5 abr. 2022.

¹³ Disponível em: <https://qedu.org.br/municipio/2302602-camocim>. Acesso em: 5 abr. 2022.

Compreender o funcionamento desse índice é importante para esclarecer o nível de aprendizagem dos alunos em Língua Portuguesa.

3.2 O contexto da pesquisa

A fim de nortear o estudo da variação linguística no contexto escolar, esta pesquisa foi desenvolvida numa escola municipal, localizada na zona rural do Município de Camocim, no estado do Ceará, com o propósito de analisar a variação linguística refletida na produção de texto dos estudantes dos 3º, 4º e 5º ano do Ensino Fundamental. Ao analisarmos os desvios ortográficos na escrita dos estudantes que, embora tenham contato com a norma padrão da língua no âmbito escolar, percebemos que a variação linguística da comunidade de fala é bastante presente.

Após os diagnósticos dos processos fonológicos dos estudantes, foi proposto um trabalho pedagógico, buscando trabalhar a variação linguística no contexto escolar. Nesse sentido, enfatizamos que esta pesquisa fora ancorada nos estudos da teoria Sociolinguística Variacionista e seu papel no campo da Linguística Aplicada foi embasada, principalmente, pelas ideias de William Labov (1972), que contribuiu para os estudos da relação entre a língua e a sociedade, e de Bagno (2014), sobre o preconceito linguístico e comunidade de fala. Além desses autores, tivemos outros que endossaram os estudos da Sociolinguística Educacional e o lugar de fala da comunidade linguística escolar, entre eles Bortoni-Ricardo (2009).

Apontamos os processos fonológicos classificados por Bisol (2001), Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2019), Roberto (2016) e Alencar (1997) e, na continuidade, analisamos os desvios ortográficos oriundos da variedade linguística na produção escrita dos estudantes novamente com a contribuição de Bortoni-Ricardo (2009) e Bagno (2007), com o intuito de levantar profundas reflexões que auxiliam o trabalho dos professores de Língua Portuguesa e pesquisadores da área, ampliando, assim, o repertório de conhecimentos linguísticos, sobretudo, no campo da variação linguística.

3.3 Abordagem da pesquisa

Em termos metodológicos nossa pesquisa destaca-se pela pesquisa-ação, a qual permite a participação do pesquisador no campo de pesquisa, por meio da interação com os participantes envolvidos no processo, a fim de compreender a motivação para os desvios ortográficos e, desse modo, propor estratégias de intervenção que possam contribuir para a

melhoria do ensino e aprendizagem. De acordo com Thiollent (1985, p. 14), “os pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo”. Ainda, por sua vez, a pesquisa-ação requer participação (ou colaboração) dos pesquisadores e dos diferentes atores implicados na situação, no caso, os educandos.

Nossa pesquisa buscou promover ações deliberadas e planejadas, no sentido de melhorar aspectos da prática educacional dentro de princípios científicos, pedagógicos, políticos e éticos amplamente aceitos pelas comunidades educacionais. A pesquisa se deu numa abordagem qualitativa, pois, em nossa análise, interpretamos os fenômenos ocorridos nas produções dos estudantes. Segundo Godoy (1995, p. 62), “a pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento fundamental”.

Por fim, trata-se de uma pesquisa de caráter propositivo, pois, ao final, propomos um produto que comporá uma proposta de atividade sistematizada de acordo com a Resolução nº 003/2021 – Conselho Gestor, de 31 de março de 2021, da Coordenação Nacional do Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) conforme consta em seu regimento:

CAPÍTULO I

Das Finalidades

Art. 1º O Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional (PROFLETRAS) visa à capacitação de professores de Língua Portuguesa para o exercício da docência na Educação Básica, com o intuito de contribuir para a melhoria da qualidade do ensino no país. (PROFLETRAS, 2021)

Dentro dessa demanda, elaboramos, como forma de proposta, um material didático direcionado aos professores de Língua Portuguesa da Educação básica com a finalidade de levá-los a uma reflexão a respeito da variação linguística refletida na escrita dos estudantes.

3.4 Sujeitos

Os sujeitos participantes desta pesquisa constituem um total de 10 alunos matriculados regularmente no ano de 2022, nas turmas de 3º, 4º e 5º anos do Ensino Fundamental do turno vespertino, da escola Sítio Santa Lúcia, localizada na zona rural, do município de Camocim no Ceará. A faixa etária dos estudantes é de 8, 9 e 10 anos. Os estudantes moram no entorno da escola.

Por se tratar de escola de zona rural, o número de estudantes foi pequeno. Assim, na turma do 3º ano, tinha 6 estudantes, mas somente 3 escreveram. Na turma do 4º ano, tinha 15 estudantes (escreveram 3) e na turma do 5º ano, 11 estudantes (escreveram 4). Ou seja, dos 32 estudantes que compunham essas turmas, apenas 10 foram considerados nesta análise. Os que estiveram presentes no dia da aula e os que concordaram em escrever o texto para respectiva análise.

Os participantes desta pesquisa escreveram textos para o levantamento do *corpus*, sendo realizados em 3 encontros de 50 minutos em cada turma durante o segundo semestre letivo de 2022, conforme cronograma previsto neste trabalho. Esta pesquisa foi assinada pelos gestores da escola em um termo de consentimento de participação na pesquisa a fim de que estivessem cientes.

Cabe mencionar que, como nosso trabalho envolve ação dentro do contexto escolar aliada à prática do professor e voltada exclusivamente para o mestrado profissional, não foi necessário submeter o cadastro na plataforma Brasil para obtenção do Comitê de Ética da UFC, uma vez que, não colhemos o perfil social de seres humanos, apenas as produções de textos dos estudantes.

3.5 Procedimentos

No primeiro encontro com a turma, foi apresentada a proposta de trabalho da produção escrita do gênero relato pessoal. Os estudantes foram convidados a relatar um dia de vacinação do seu bichinho de estimação. Vale ressaltar que todos os estudantes responderam que tinham um bichinho de estimação e que, por meio da Secretaria Municipal de Saúde, havia campanha de vacinação de cães e gatos na comunidade local. Optamos pela temática: Vacinação dos animais, por se tratar de uma situação vivida pelos estudantes que participaram da pesquisa. De acordo com Labov (1972), para fazer uma coleta sobre o vernáculo, é preciso coletá-la em situações menos monitoradas, em momentos de descontração dos falantes e narrativas pessoais. Assim é possível avaliar como a fala dos estudantes teve interferência na escrita.

Para iniciar, levantamos os conhecimentos prévios dos estudantes acerca do tema da produção, com os seguintes questionamentos:

- 1) Quem já teve ou tem um *pet*?
- 2) Por que você teve ou tem um bichinho de estimação?
- 3) Você acha importante cuidar do seu *pet*? Por quê?

- 4) Como você cuida dele?
- 5) Você acha importante vacinar os animais de estimação?
- 6) Para que serve a vacinação dos bichinhos de estimação?

Em seguida, apresentamos textos motivadores para dar embasamentos na produção dos estudantes. Após, os estudantes foram convidados a escrever um texto do gênero relato pessoal, narrando um dia de vacinação do seu bichinho de estimação. Das 10 produções analisadas, foram selecionados os processos fonológicos relacionados com a variação linguística, a fim de mostrar o quanto a língua falada influencia na escrita dos estudantes.

3.6 A proposta do caderno didático

A partir das análises da variação linguística nas produções dos alunos, desenvolvemos uma proposta didática dividida em dois blocos: no primeiro, atentamos para introduzir a compreensão sobre a variação linguística, a fim de situar o estudante no assunto questões acerca da variação e linguagem formal e informal. Posteriormente, no segundo bloco, foram propostas atividades em forma de planos de aulas para os professores acerca da variação estilística, os processos fonológicos e a reflexão sobre os mesmos com o intuito de diminuir o preconceito linguístico no contexto escolar.

Tais propostas de atividades são ancoradas no que preconiza a BNCC e no campo da sociolinguística, levando o estudante a entender a heterogeneidade da língua. O ensino da BNCC sobre o fenômeno da variação linguística em todos os campos de atuação visa ao desenvolvimento da competência linguística no uso da língua e o combate ao preconceito linguístico.

Outro pressuposto da BNCC que embasa nosso caderno de atividade é que o ensino das variedades linguísticas deve estar adequado a sua produção e ao contexto da situação comunicativa dos falantes. Nisso, uma das competências específicas para o ensino de Língua Portuguesa passando pelo viés da sociolinguística, é levar os estudantes a compreender a língua como um produto cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, concebendo, assim, a variação linguística como parte de sua identidade. Na mesma medida, demonstrar atitude respeitosa diante da variedade linguística, rejeitando preconceitos linguísticos, bem como, empregar a variedade, o estilo de linguagem adequado à situação comunicativa aos interlocutores e ao gênero discursivo.

A fim de didatizar a sociolinguística na sala de aula, visto que, sua contribuição traz grandes avanços para o aprendizado da língua em uso, a seguir, apresentamos o sumário do nosso caderno pedagógico:

Figura 5 - Amostra do sumário do caderno pedagógico

SUMÁRIO	
1	Introdução..... 1
2	Proposta de ensino da língua portuguesa e a variação linguística 3
3	Bloco 1 - ATIVIDADE PARA O ALUNO..... 4
	Atividade 1 - A mala de Larissa 5
	Atividade 2 - A língua é contexto 8
	Atividade 3 - Da fala para escrita 10
	Atividade 4 - Variação social 13
	Atividade 5 - Fala versus escrita 16
	Atividade 6 - A linguagem e o ambiente 19
	Atividade 7 - Que linguagem usar? 22
	Atividade 8 - Realidade do aluno versus escola 24
	Atividade 9 - Nossa língua na escola 28
	Atividade 10 - A variação linguística estigmatizada 31
4	Bloco 2 PROPOSTAS PARA O PROFESSOR 34
	Atividade 1 35
	Atividade 2 36
	Atividade 3 36
	Atividade 4 37
	Atividade 5 38
	Atividade 6 39
	Atividade 7 40
	Atividade 8 41
	Atividade 9 41
	Atividade 10 42
	Atividade 11 43
	Atividade 12 44
	Atividade 13 44
	Atividade 14 45
	Atividade 15 46
5	Palavras finais 47
6	Referências 48

Fonte: Elaborado pela autora.

Para facilitar a organização e compreensão da proposta a descrição apresentada, a seguir, será apenas um panorama geral dos procedimentos realizados em sala de aula, que serão expostos de forma completa no apêndice B, posteriormente.

3.6.1 Bloco 1

Em nossa proposta¹⁴, o primeiro bloco contendo 10 aulas cada uma com 50 minutos de duração, tem como objetivo valorizar as variedades linguísticas da língua; adequar a linguagem estilística a diferentes situações de uso; refletir sobre a interferência da fala na escrita; escutar e compreender diversos textos orais ou oralizados, reconhecendo e respeitando

¹⁴ A proposta que elaboramos encontra-se de forma detalhada no Apêndice B – Manual Didático produto da pesquisa, ao final deste trabalho. Dedicamos este Manual aos professores de língua portuguesa da educação básica. Nele apresentamos conceito basilares da nossa pesquisa e a nossa proposição, juntamente com as sugestões de respostas e orientações para os professores. Salientamos que nossa proposição não se organiza em uma hierarquia linear, podendo, cada atividade ser trabalhada de forma isolada ou alterada, conforme a necessidade do professor em adequá-la a sua turma.

os diferentes falares. As atividades podem ser trabalhadas de forma contínua ou isolada e, sobretudo, de acordo com a realidade de cada professor.

A seguir, apresentamos os aspectos que permeiam nossa proposta de atividade para o estudante:

Figura 6 - Bloco I: Atividade para o estudante

4

BLOCO I

ATIVIDADES PARA O ALUNO

Objetivos de aprendizagem:

- Valorizar as variedades linguísticas da língua;
- Adequar a linguagem estilística a diferentes situações de uso;
- Refletir sobre a interferência da fala na escrita;
- Escutar e compreender diversos textos orais ou oralizados, reconhecendo e respeitando a diversidade linguística.

Duração: 10 aulas.

Duração de cada aula: 50 minutos.

Série: anos iniciais do Ensino Fundamental

Prática de linguagem: Análise linguística.

Objeto de conhecimento: Variação linguística.

Habilidade: (EF35LP11) Ouvir gravações, canções, textos falados em diferentes variedades linguísticas, identificando características regionais, urbanas e rurais da fala e respeitando as diversas variedades linguísticas como características do uso da língua por diferentes grupos regionais ou diferentes culturas locais, rejeitando preconceitos linguísticos.

Fonte: Elaborado pela autora.

Além disso, em nossa proposta cada atividade está nomeada por um tema e organizada através dos seguintes itens:

- *Conversa inicial:* este tópico busca fazer um levantamento prévios dos estudantes acerca da variação linguística;
- *Praticando:* este tópico leva os estudantes à realização da atividade proposta;
- *Espaço do professor:* este tópico traz orientações metodológicas para o professor.

Em síntese, ao final desse primeiro bloco, esperamos que o estudante chegue à conclusão de que a língua varia de acordo com o tempo, o espaço, situação comunicativa e os aspectos sociais: escolaridade, profissão etc. Vale salientar que não utilizamos as nomenclaturas mencionadas no decorrer dos estudos teóricos, visto que o estudante não precisa saber desses termos teóricos, servindo, apenas, para o conhecimento dos professores.

Acreditamos, pois, que a linguagem mais aproximada da realidade do estudante facilita a aprendizagem do objeto de estudo em questão.

3.6.2 Bloco 2

Neste segundo bloco, buscamos levar o estudante entender como se dá a relação fala/escrita causada pelos processos fonológicos, reconhecendo que a língua falada faz parte do contexto histórico do indivíduo. O objeto de conhecimento é a variação linguística do eixo da oralidade atendendo à habilidade da BNCC, buscando exclusividade no respeito às diversas variedades linguísticas e o combate ao preconceito linguístico. Esse bloco é composto por 15 atividades voltadas para o grau de formalidade, adequando a situações do cotidiano e demonstrando como a variação linguística está presente em toda forma de comunicação dos falantes.

Tais propostas são apresentadas em forma de plano de aula para os professores. Os conteúdos, objetivos, habilidades, procedimentos, recursos e comentários estão alinhados às orientações da BNCC (2017). Com foco no tópico da variação, nosso objetivo é levar os estudantes à reflexão sobre os aspectos de natureza fonológica que se dão nos fatores internos e externos da variação linguística. Essas propostas estão em conformidade com a habilidade (EF35LP11) - Ouvir gravações, canções, textos falados em diferentes variedades linguísticas, identificando características regionais, urbanas e rurais da fala e respeitando as diversas variedades linguísticas como características do uso da língua por diferentes grupos regionais ou diferentes culturas locais, rejeitando preconceitos linguísticos - da BNCC (2017). Além disso, nossa proposta de atividade buscou levar o estudante a reconhecer a heterogeneidade da língua como identidade da sua comunidade de fala.

Apresentamos, a seguir, uma amostra dos aspectos que nortearam nossa proposta:

Figura 7 - Aspectos norteadores da proposta de atividade do Bloco II

Tema: A fala como reflexo da escrita.

Objetivos:

- Entender como se dá a relação fala/escrita causada pelos processos fonológicos;
- Reconhecer que a língua falada faz parte do contexto histórico do indivíduo;

Prática de linguagem: Análise linguística.

Objeto de conhecimento: Variação linguística.

Habilidade: (EF35LP11) Ouvir gravações, canções, textos falados em diferentes variedades linguísticas, identificando características regionais, urbanas e rurais da fala e respeitando as diversas variedades linguísticas como características do uso da língua por diferentes grupos regionais ou diferentes culturas locais, rejeitando preconceitos linguísticos.

Fonte: Elaborado pela autora.

Para realização dessas propostas, será necessário que o professor instigue os conhecimentos prévios dos alunos acerca da variação linguística.

Em linhas gerais, as atividades versam sobre o comportamento linguístico em diferentes situações. e sobre os processos fonológicos. Os estudantes devem, portanto, perceber que a fala é diferente da escrita e que, em situações espontâneas do cotidiano, nossa linguagem é expressa de maneira não cuidada, porém, na escola aprendemos a norma padrão da língua para usá-la como forma de ascensão social na sociedade.

4 DESCRIÇÃO DA COLETA DE DADOS

Neste capítulo, iremos apresentar o material analisado na pesquisa, ou seja, os textos produzidos pelos estudantes. Para a realização da produção, utilizamos uma proposta de produção do gênero relato pessoal (Apêndice A), elaborada de acordo com a realidade dos estudantes, cumprindo assim, o propósito comunicativo da proposta de produção. Em seguida, iremos coletar a ocorrência da variação linguística nos textos dos estudantes.

4.1 Descrição da análise dos dados

Nesta seção, faremos a descrição da análise dos dados obtidos. No único encontro com cada turma de estudantes (3º, 4º e 5º) foi apresentada a proposta da produção de texto de um relato pessoal e, devidamente incluída no planejamento da disciplina de Língua Portuguesa, conforme acordado com os professores das referidas turmas. Após, fizemos uma explanação sobre a temática: vacinação dos animais. Após verificar as ocorrências da variação linguística nas produções dos estudantes, iremos categorizá-las, classificá-las e conceituá-las com base nos estudos de Bortoni-Ricardo (2004, 2009, 2014), Bagno (2001, 2014), Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2019), Bisol (2001), Roberto (2016), Alencar (1997), entre outros.

A etapa seguinte será propor um caderno de atividades, buscando sanar ou diminuir as dificuldades sobre essa temática no ensino de Língua Portuguesa.

4.2 Análise da variação linguística na produção textual dos estudantes

Explicar os fenômenos da variação linguística numa comunidade de fala não é tarefa fácil, pois muitos estudiosos e dentre eles o já citado William Labov (1972) enfrentou grandes barreiras em suas pesquisas para mostrar que a língua falada pode ser medida em dados quantitativos e não tem nada a ver com língua errada, pois, de acordo com Bagno (2014, p. 11) a própria linguística “demonstra que todas as formas de expressão verbal têm organização gramatical, seguem regras e têm uma lógica linguística perfeitamente demonstrável. Ou seja “nada na língua é por acaso” (BAGNO, 2007, p. 73). Nisso, no contexto escolar, é normal a presença da heterogeneidade linguística e social nas escritas dos estudantes em diferentes aspectos da língua, podendo haver acréscimo, apagamento ou substituição, sendo chamados desvios ortográficos pelos professores, pois a variação

linguística pode acontecer em diferentes níveis como corrobora, Mollica e Braga (2019),

[...] Todas as línguas apresentam um dinamismo inerente, o que significa dizer que elas são heterogêneas. Encontram-se assim formas distintas que, em princípio, se equivalem semanticamente no nível do vocabulário, da sintaxe e morfossintaxe, do subsistema fonético-fonológico e no domínio pragmático-discursivo (MOLLICA; BRAGA, 2019, p. 9).

Nos achados¹⁵, encontramos as seguintes categorias que decorrem da transposição de hábitos da fala para escrita. Vale ressaltar que as regras categóricas ou variáveis e a distinção de subcategorias têm de levar em conta o dialeto regional, que nosso estudo focaliza. Vejamos os exemplos¹⁶:

Figura 8 - Texto 1

O menino e o gatinho

eu estava sentado esperando os pessoais para vacinar meu Gatinho, então eles chegaram com Depósito de vacina e ai chamei o meu Gatinho ele veio eu segurei o gato e então eles tirarão as incheção o gato saiu correno, eu e meu irmão corremo atras de Gato ele se mandou no meio do mato Gritano miando nos se perdemo dele quando nos fomu encotrar ele ele tava em casa até que u Home vacinou ele fim.

Fonte: Acervo da autora.

Quadro 2 - Descrição dos fenômenos linguísticos

(continua)

Descrição do fenômeno variável	Variante encontrada na narrativa	Nível linguístico
Apagamento/ assimilação	gritano	Fonológico
Apagamento /Final da palavra – causado ´pela NÃO concordância	perdemo	Fonológico

¹⁵ Em cada tabela (quadro) apareceram apenas as palavras que diferiram uma das outras para não nos tornamos repetitivos, visto que houve palavras idênticas. Foram colhidas apenas os processos fonológicos, decorrentes da variação linguística mais recorrentes nas produções textuais dos alunos com a finalidade de alcançar os objetivos deste trabalho. Salientamos que, os erros ortográficos causados por concorrência de grafemas, não foi do nosso interesse aqui.

¹⁶ Participaram 32 alunos, porém somente 10 escreveram.

(continuação)

Apagamento/Substituição – Alçamento vocálico	fomu	Fonológico
Apagamento final da palavra	corremo	Fonológico
Apagamento/aférese	tava	Fonológico
Apagamento/desnasalização	home	Fonológico

Fonte: Elaborado pela autora.

Podemos verificar na palavra “gritano”, um caso de assimilação no morfema de gerúndio-ndo que, na oralidade, pode ser produzido como [nu] (jantanu, bebenu, caminhanu) em consequência do processo fonológico de apagamento da oclusiva alveolar [d]. A respeito disso, Coelho et al. (2010, p. 55) acrescenta que a assimilação “aproxima total ou parcial de fonemas devido à influência de um sobre o outro: (i) do (d) pelo /n/ (com queda do /d/)”. Houve, também, a queda do -s final das formas verbais de 1ª pessoa do plural nas palavras “perdemo” e “corremo”. Isso ocorre porque a fala é rápida, distensa e informal.

No exemplo “fomu”, temos um apagamento do /s/ da coda, privativo de variedades rurais e/ ou submetidas a forte avaliação negativa tratando-se de alçamento vocálico. Para Bisol (1981) o alçamento se dá quando as vogais médias altas /e/ e /o/ assimilam o traço da altura das vogais altas /i/ e /u/, o que também pode ser chamado de harmonia vocálica. A presença dessa variação já se encontra lexicalizada, pois a maioria dos falantes já internalizaram em sua fala.

A aférese, supressão da sílaba pretônica em “tava” para “estava” já se tornou tão natural que chega a ser regra em qualquer situação, mesmo quando exige formalidade do falante. Para Mollica et al. (1998), esse fenômeno, na criança, acontece pelo contato com os adultos. Na escrita, os alunos ainda não conseguem separar a fala da escrita e acabam suprimindo letras ou sílabas, ou, por outra, fazendo trocas no interior da palavra ou ainda acrescentando esses elementos.

No caso da desnasalização de sílabas postônicas como em “home” há a transformação de um fonema nasal em oral” (COELHO *et al.*, 2010, p. 55). No dizer de Bagno (2007, p. 144) “trata-se de uma tendência antiga da história da língua, sendo uma variante sem nasalização amplamente usada e provém de palavras latinas em que existia um - N final postônico”.

Figura 9 - Texto 2

O dia que eu fui vacinar meu gato

Eu me acordei, bom eu fui jogar bola joguei muitíssimo, ai eu almocei lá pras 5 horas, bem eu já tinha tomado café e tau, o homem que ia vacinar o gato disse pra eu ir pegar o gato eu leve i gato assim como se levava um bebê e o homem vacinou eu fiquei muito feliz.
fim.

Fonte: Acervo da autora.

Quadro 3 - Descrição dos fenômenos linguísticos

Descrição do fenômeno variável	Variante encontrada na narrativa	Nível linguístico
Apagamento/síncope	pras	Fonológica
Substituição/vocalização	tau	Fonológico

Fonte: Elaborado pela autora.

No quadro 3, encontramos na palavra “pras” um apagamento de síncope. Nesse caso, temos uma interferência de regras fonológicas graduais, pois há, para os falantes, a existência de um único segmento, no caso uma única palavra. Essa variação linguística já se encontra lexicada, ou seja, faz parte do léxico do brasileiro. Os estudantes passam a maior parte de seu tempo com a família e é natural que sua fala esteja fortemente atrelada a este contexto, embora a força tarefa da escola seja ensinar a língua padrão.

No exemplo “tau” há um processo fonológico chamado vocalização. Na escrita dos alunos ocorre porque, comumente, a grande maioria das variedades linguísticas brasileiras têm pronúncia idêntica. Na aquisição da escrita o estudante pode representar o /l/ como /u/ por convenções da língua escrita. Nesse caso, o estudante faz hipóteses e analogias a respeito das relações entre fala e escrita. Porém, os desvios ortográficos se relacionam com a incidência, na produção escrita com características próprias da variação linguística que o estudante adquire no convívio com sua família e na interação com sua comunidade de fala.

Figura 10 - Texto 3

Vacinação do meu cachorro

eu e meu cachorro tava brincando e quando chegou um quadro e eu e meu cachorro nois fumo veio o que era ai era os pessoau dando vasina contra raiva e o meu cachorro correu para o quintal e eu fui buscar ele eu paguei a ração dele e a asubiei ele veio eu fui buscar uma corrente dele lana caveta do armario da minha mãe.

e eu fui a correnta ele i ele tomou a vasina e ele saiu pero quintal e quartei a corrente dele la no armario e eu foi brincar com ele lano quintal e fim.

Fonte: Acervo da autora.

Quadro 4 - Descrição dos fenômenos linguísticos

Descrição do fenômeno variável	Variante encontrada na narrativa	Nível linguístico
Substituição / rotacismo	pero	Fonológico
Apagamento/aférese	tava	Fonológico
Acréscimo/ditongação	nois	Fonológico
Substituição/alçamento vocálico	fumo	Fonológico
Substituição/vocalização	pessoau	Fonológico
Substituição/alçamento vocálico	i	Fonológico

Fonte: Elaborado pela autora.

Na palavra “pero” ocorre a substituição de líquida pela troca do /l/ pelo /r/. Esse fenômeno chama-se rotacismo, fazendo parte das variedades estigmatizadas e muito comum no português brasileiro. Vejamos o que diz Coelho (2010).

O Rotacismo troca do /l/ pelo /r/ trata-se de uma variação fonológica. Nesse caso houve um processo de transformação da língua que se chama de metaplasmo. Houve uma evolução do latim para o português. Na palavra portuguesa !escrevo! surgiu do latim !esclavu!. Essa mudança é muito comum no português brasileiro (COELHO *et al.*, 2010, p. 53).

Nessa mesma direção, aponta Bagno (2015), “o que acontece, de fato, é que as consoantes /l/ e /r/ são, do ponto de vista articulatorio, parentas muito próximas, o que faz com

que, na história de muitas línguas, [...] elas se substituíam uma à outra indiferentemente” (BAGNO, 2015, p. 133). Esse tipo de variação é comum entre falantes de baixa escolaridade, tratando-se, portanto, de uma regra descontínua. Em “nois” encontramos um processo de adição de uma semivogal no interior da palavra, o que configura uma ditongação de acordo com Seara (2011) e Roberto (2016). Na palavra “fumo” há a neutralização das vogais posteriores /o/ e /u/ em posição pós-tônica ou pretônica, tratando-se de um alçamento vocálico. Esse processo é uma regra descontínua e os falantes podem sofrer preconceito linguístico tanto na escola como na sociedade. No exemplo “pessoau” ocorreu uma vocalização. Essa variação linguística se dá na troca da consoante lateral pela vogal /u/.

No caso da palavra “i” para dizer /e/ ocorre comumente na fala do brasileiro. O alçamento vocálico nesta palavra já faz parte da gramática internalizada da língua oral. Dessa forma, é comum que os estudantes escrevam /i/ ao invés de /e/, pois, mesmo em processo de alfabetização pode ocorrer na escrita e na fala dos estudantes de série iniciais.

Figura 11 - Texto 4

A vacinação

u meu gato tava duemdi eu levei para vacina ai vomum dia muito velis quando xegou ela cholo poque ele ficou comedo. mais votamos para casa i voi o dia mais velis da minha vida meu gato preziza vacina pra sê um bichinho saudaviu

Fonte: Acervo da autora.

Quadro 5 - Descrição dos fenômenos linguísticos

Descrição do fenômeno variável	Variante encontrada na narrativa	Nível linguístico
Substituição -alçamento – vocalização	saudaviu	Fonológico
Substituição/sonorização	duemdi	Fonológico
Acréscimo/ditongação	mais	Fonológico
Apagamento/ apócope	sê	Fonológico

Fonte: Elaborado pela autora.

Na fala do português brasileiro, é comum os falantes trocarem a consoante [l], por uma semivogal [u] no final das palavras como ocorreu no exemplo “saudaviu”. Nas palavras de Coelho, “houve uma vocalização na transformação da consoante (lateral) em

vogal” (COELHO *et al.*, 2010, p. 55). Além disso, temos um alçamento de vogal [e] e [i] relacionados aos hábitos da fala dos estudantes. Esses desvios de aspectos fonológicos são de regras descontínuas e, portanto, ocorrem, geralmente, na fala dos falantes de zonas rurais. Na palavra “duemdi” o /t/ foi substituído pelo /d/. Nesse caso, houve um processo de fortalecimento pela troca de uma articulação mais branda por uma que exige maior esforço, tratando-se de um processo de sonorização. Além disso, identificamos no /i/ final uma neutralização das vogais [e] e [i], tratando-se de uma regra gradual, pois, mesmo os falantes escolarizados falam sem nenhum estranhamento em relação ao que é exigido pela norma padrão da Língua Portuguesa.

Temos em “mais” uma ditongação. Os falantes interpõem uma semivogal /i/ entre uma vogal tônica e um /s/, fazendo surgir um ditongo. Para Bagno, (2007, p. 147) “Essa ditongação é generalizada no português brasileiro, só não ocorre em algumas variedades do Sudoeste-Sul”. Trata-se de uma regra gradual, já que os falantes mais letrados falam e por esta razão não implica avaliação negativa, podendo ser considerada até uma regra na fala. Porém, na escrita é considerado um desvio grave, pois foge da regra padrão.

Encontramos uma apócope na palavra “sê”. O apagamento do /r/ ocorre na escrita, por que na fala não é comum verbalizar o rótico em finais de palavras. No quadro 6, discutiremos sobre esse fenômeno fonológico com mais detalhes.

Figura 12 - Texto 5

O cão da minha casa ele foi vasinado

no dia que o meu cão foi vasinado deu trabalho por que ele queria mordê o agentí de saúde. O luqui não gostava de vacin. ele latio muito para o pessoao ate corrê pra casa. no caminho a bicicleta ia baruano nele. o home abuzinou i o luqui saiu do mêi. o pior foi o luqui perdê a vasina. agora o luqui tá feliz porque. não pegou vasina.

Fonte: Acervo da autora.

Quadro 6 - Descrição dos fenômenos linguísticos

Descrição do fenômeno variável	Variante encontrada na narrativa	Nível linguístico
Apagamento- apócope	mordê	Fonológico
Apagamento - aférese	baruano ¹⁷	Fonológico
Acréscimo/ prótese	abuzinou	Fonológico
Apagamento - apócope	mêi	Fonológico
Alçamento vocálico	agenti	Fonológico
Substituição/vocalização	peessoa	Fonológico
Apagamento -apócope	perdê	Fonológico

Fonte: Elaborado pela autora.

Novamente, uma apócope do R em final de palavras, encontramos nas palavras “mordê” e “perdê” como um exemplo de apagamento do [r] em verbos nos infinitivos. A variação linguística acontece no modo e no ponto de articulação do /r/ pós-vocálico que tende a ser suprimido, especialmente nos infinitivos verbais, como nos exemplos: correr>corrê; almoçar>almoçá; desenvolver>desenvolvê; sorrir>sorri. De acordo com Bagno (2014, p. 73), “o [r] tende a desaparecer ou se tornar uma aspiração leve, mesmo na fala das pessoas mais letradas”.

Vejamos o que diz Monaretto (2000, 2001 *apud* COELHO, 2010), a respeito disso:

Um mesmo padrão de comportamento na fala de diferentes regiões com uma tendência à queda do /r/ mais acentuada em verbos no infinitivo, como andá (por ‘andar’), vendê (por ‘vender’), parti (por ‘partir’), enquanto em nomes, o apagamento desse fonema é pouco frequente (revolve por ‘revólver’). Nesse caso, a queda do /r/ é condicionada por fatores de natureza morfológica como ‘classe de palavras’ e se reflete na diferença de uso entre um /r/ morfêmico ou apenas fonêmico – um caso, portanto de interface (MONARETTO, 2000, 2021 *apud* COELHO, 2010, p. 57).

Já para Bortoni-Ricardo (2004) quando suprimimos o /r/ em finais de palavras no infinitivo, alongamos a vogal e o falante dá mais intensidade a ela e, ainda, faz isso por que na língua oral ele já não usa mais esse /r/.

Em “abuzinou”, encontramos uma prótese, processo por acréscimo. Esse tipo de variação linguística se reflete em expressões arcaicas, conforme Roberto (2016, p. 121). Ao contrário da prótese, temos a ocorrência de uma aférese na palavra “baruano” quando há o apagamento de fonemas no início do vocábulo. De modo geral, a aférese trata-se de um traço

¹⁷ Na comunidade de fala onde se deu nossa pesquisa, fala-se “baruano” para dizer “abalroano”. No sentido do texto escrito pelo estudante, quer dizer, chocar-se com alguém ou algo.

gradual no repertório linguístico do português brasileiro. Além disso, há um alçamento vocálico, pela neutralização das vogais posteriores /o/ e /u/ em posição pós-tônica ou pretônica. No contexto social em que os estudantes estão inseridos, os falantes criam suas próprias regras na língua. Esses processos fonológicos têm uma explicação nos estudos das ciências da linguagem, de modo específico na Sociolinguística Variacionista. Portanto, a aférese é muito comum, tanto no contexto urbano como no rural.

Encontramos um caso de apócope do ditongo crescente em sílaba final no exemplo “mêi” para escrever “meio”, ocorrendo em dois casos em ditongo oral e nasal, respectivamente.

Em “agenti” encontramos o processo fonológico alçamento vocálico. Trata-se de uma regra gradual, pois está presente em graus diferentes de frequência, na linguagem de todos os grupos sociais. Na palavra “pessoao” houve um abaixamento vocálico, que ocorre em algumas comunidades de fala do Brasil.

Figura 13 - Texto 6

O spaki
uma fez foram dois homes é vacinaro o meu cão e ele ficou feliz
porque foi vasinado.

Fonte: Acervo da autora.

Quadro 7 - Descrição dos fenômenos linguísticos

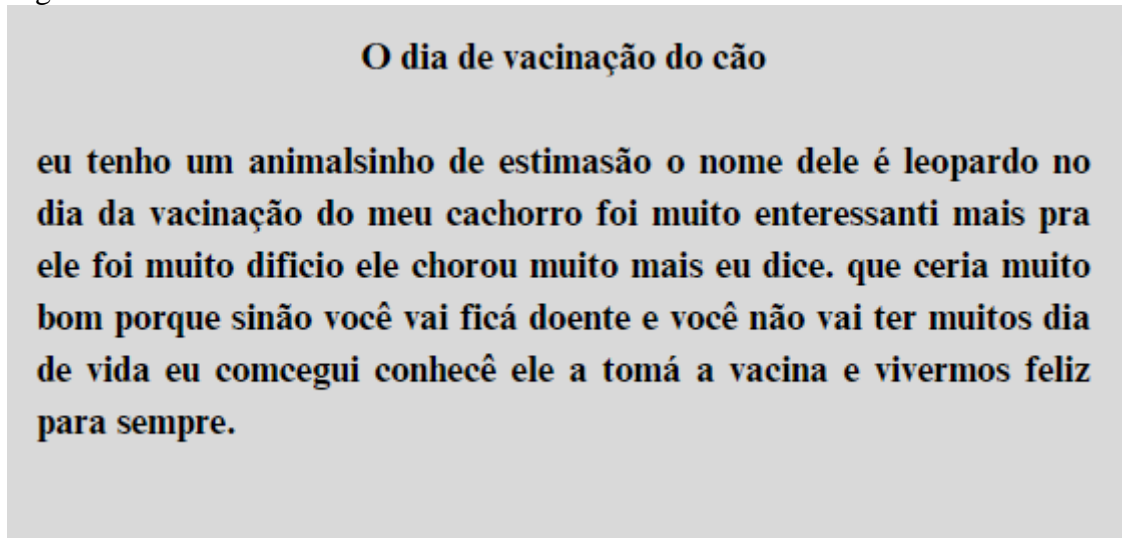
Descrição do fenômeno variável	Variante encontrada na narrativa	Nível linguístico
Apagamento - desnasalização de sílaba postônica	homes	Fonológico
Apagamento - desnasalização de sílaba postônica	vacinaro	Fonológico

Fonte: Elaborado pela autora.

No quadro acima, mostramos um caso de desnasalização das vogais postônicas em ‘homes’ e ‘vacinaro’. O fonema apagado está localizado no final da palavra, transformando a sílaba nasal em uma sílaba oral. Essa tendência é antiga na língua nas palavras de Bagno (2007, p. 144). Para o autor, até os dicionários apresentam palavras sem a nasalização como em ‘certâmem’ para ‘certame’, pois provém do latim em que existia um – N final pós-tônico. (idem). Assim, essa variação é do tipo social, pois, acontece, geralmente, com

falantes de baixa escolaridade, revelando um traço estigmatizado das comunidades rurais.

Figura 14 - Texto 7



Fonte: Acervo da autora.

Quadro 8 - Descrição dos fenômenos linguísticos

Descrição do fenômeno variável	Variante encontrada na narrativa	Nível linguístico
Substituição - hipercorreção – alçamento vocálico	Enteressanti	Fonológico
Apagamento - apócope	Tomá	Fonológico
Apagamento - apócope	ficá	Fonológico
Substituição/vocalização	difício	Fonológico
Apagamento/apócope	convencê ¹⁸	Fonológico
Acréscimo/ditongação	mais ¹⁹	
Alçamento vocálico	sinão	Fonológico

Fonte: Elaborado pela autora.

Na palavra “enteressanti”, temos o caso da alçamento vocálico pela troca do “e” final para “i”. Esse fenômeno é frequente na oralidade, ocorrendo sempre em sílabas átonas. Além disso, no primeiro “e”, é o caso de uma hipercorreção desencadeada pela harmonia vocálica, pois o falante não tem certeza da escrita ortográfica e acredita que está falando “corretamente”. De acordo com Bortoni-Ricardo (2004), “a hipercorreção ou ultracorreção é o fenômeno que decorre de uma hipótese errada que o falante realiza num esforço para ajustar-se à norma padrão” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 28). Na tentativa de usar a norma de prestígio ocorre o abaixamento de vogal.

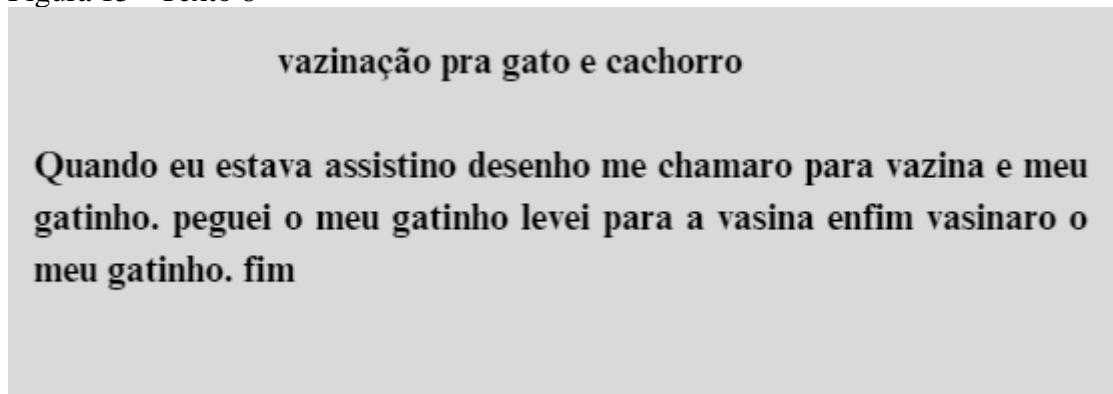
¹⁸ Esse fenômeno fonológico foi discutido no quadro 6.

¹⁹ Esse fenômeno fonológico foi discutido no quadro 5.

Novamente temos um exemplo de apócope no apagamento de fonemas no final do vocábulo nas palavras “tomá” e “ficá”. Na palavra “difício” houve um abaixamento vocálico, sendo considerado uma hipercorreção, pois o falante acredita que está falando de acordo com a norma padrão da língua. Na palavra “sinão” há um alçamento vocálico, processo já discutido anteriormente.

Diante das variações apresentadas neste quadro, ao se deparar com esses processos, o professor poderá levar o estudante a desenvolver a consciência linguística, mesmo mostrando a variedade padrão, estimulando o resgate da identidade sociolinguística dos estudantes.

Figura 15 - Texto 8



Fonte: Acervo da autora.

Quadro 9 - Descrição dos fenômenos linguísticos

Descrição do fenômeno variável	Variante encontrada na narrativa	Nível linguístico
Apagamento - assimilação	assistino	Fonológico
Apagamento - desnasalização	chamaro	Fonológico
Apagamento - desnasalização	vasinaro ²⁰	Fonológico

Fonte: Elaborado pela autora.

Foi encontrado o morfema de gerúndio-ndo em “assistino” que, na oralidade, é uma consequência do processo fonológico de apagamento da oclusiva alveolar [d]. O ponto de articulação do /n/ e o /d/ são semelhantes. Nos estudos fonéticos, esse processo chama-se de assimilação. Bagno (2007) explica esse fenômeno ao dizer que é “uma modificação que leva um dos fonemas a se tornar semelhante ao outro” (BAGNO, 2007, p. 214). Ainda assim, trata-se de um traço gradual, pois, mesmo os falantes escolarizados tendem a falar em situações monitoradas ou não. As terminações /no/ ao invés de /ndo/, tornam-se cada vez mais

²⁰ Essa palavra foi discutida no quadro 7.

comum na fala dos brasileiros. Houve outra ocorrência de desnasalização das vogais postônicas em “chamaro”, cuja explicação para o fenômeno fonológico foi discutido no quadro 7 desta seção.

Figura 16 - Texto 9

O dia qui o meu cachorro tumou vasina

O dia eu estava assitindo no meu celular e de repenti iscutei paumma e eu abri a porta, vii dois home perguntando si eu tinha um cachorro i eu disi qui eu tinha eu segurei o meu cachorro mais ele correu i eu corri atrais delis morau dais história o cachorro fugiu cachorro fugiu mais tumou vasina

Fonte: Acervo da autora.

Quadro 10 – Descrição dos fenômenos linguísticos

Descrição do fenômeno variável	Variante encontrada na narrativa	Nível linguístico
Substituição -alçamento vocálico	iscutei	Fonológico
Substituição - Alçamento	tumou	Fonológico
Acréscimo - Ditongação	mais ²¹	Fonológico
Substituição/abaixamento vocálico	pauma ²²	Fonológico
Apagamento/ desnasalização de sílaba postônica	home ²³	Fonológico
Substituição/alçamento vocálico	si	Fonológico
Substituição/ alçamento vocálico	i	Fonológico
Substituição/alçamento vocálico	dissi	Fonológico
Acréscimo/ditongação	atrais	Fonológico
Substituição/alçamento vocálico	deli	Fonológico
Substituição/vocalização	morau ²⁴	Fonológico

Fonte: Elaborado pela autora.

²¹ Processo fonológico discutido no quadro 5.

²² Processo fonológico discutido no quadro 5.

²³ Processo fonológico discutido no quadro 7.

²⁴ Processo fonológico discutido no quadro 5.

Temos outro traço descontínuo de alçamento vocálico ocorrido pela influência de uma vogal alta foi encontrado na palavra “tumou”. Essa variável ocorre em todo *continuum* dialetal, ou seja, das variedades estigmatizadas até as variedades mais prestigiadas, o que se configura como um traço gradual.

Voltamos a discutir sobre o fenômeno ditongação na palavra “atrais”, cuja explicação se encontra no quadro 5. Outros casos de alçamento vocálico que se dão pela neutralização da troca do /e/ para o /i/ postônico ou pretônico estão nos exemplos “iscutei”, “si”, “i”, “dissi” e “deli”. Esses fenômenos fonológicos foram discutidos em quadros anteriores.

Figura 17 - Texto 10

O dia de vacinação

O dia de vacina o meu bichinho ele estava de boua e as pessoas que vinheram. Eram muito legais com o meu bichinho. Eles ate brincaram com ele. E o meu cachorro estava sempre alegre. Quando foi na hora do meu cachorro tomá vacina. Ele saiu correndo comedo. da vacina e então eu peguei ele para tomá a vacina. E acabô dando certo ele ficô bem caumo. E quando foi na hora das pessoas que estavam la na minha casa. Ele acompanhô elas até o portão. E o nome da vacina que ele tomou era vacina da raiva.

Fonte: Acervo da autora.

Quadro 11 - Descrição dos fenômenos linguísticos

Descrição do fenômeno variável	Variante encontrada na narrativa	Nível linguístico
Acréscimo -ditongação	boua	Fonológico
Apagamento – monotongação	acabô	Fonológico
Apagamento – monotongação	ficô	Fonológico
Apagamento – monotongação	acompanhô	Fonológico
Acréscimo - palatalização	vinheram	Fonológico
Apagamento - apócope	tomá	Fonológico
Substituição/vocalização	caumo	Fonológico

Fonte: Elaborado pela autora.

Outro exemplo de ditongação é o acréscimo da semivogal em “boua” para dizer “boa”. Isso acontece de acordo com Bortoni-Ricardo et al. (2014, p. 136) com a “pressão social para usar o ditongo em contextos mais formais”.

Nas palavras “acabô” e “acompanhô” e “ficô” tratam-se de uma escrita simples da troca do O para o pseudoditongo “OU” (duas letras para representar um único som – muito comum no português brasileiro).

No exemplo da palavra “vinheram” há um processo de palatalização das sonoras palatais (lateral e nasal). Essa variação linguística ocorre até mesmo com falantes escolarizados, constituindo-se uma regra gradual.

A essa altura, é oportuno recorrermos ao trabalho de Bortoni-Ricardo a respeito da Sociolinguística para se ter uma descrição mais acurada da colônia do português. Segundo a autora podem acontecer dois tipos de regras variáveis: regras descontínuas e regras graduais. As regras descontínuas são aquela que sofrem mais preconceito na sociedade, pois advém dos falantes de zonas rurais mais conhecidos como dialeto caipira. E as regras graduais são aquelas em que fazem parte dos repertórios da maioria dos falantes, independente do grau de formalidade, (BORTONI-RICARDO, 2004). Nesse entorno, há também um terceiro *continuum*, o de monitoração estilística; aquele que exige atenção e planejamento dos falantes, pois, vai usar uma linguagem adequada a cada contexto. No caso, porém, não vamos nos deter profundamente neste assunto, pois o que nos interessa aqui é mais voltado para os processos fonológicos que ocorrem na língua falada e podem refletir na escrita dos estudantes.

Como vimos, os exemplos apresentados trazem uma grande quantidade de exemplos de regras variáveis de natureza descontínua e de natureza gradual. Com base na diversidade linguística proveniente da variação linguística, cabe-nos reconhecer dois campos dos estudos da sociolinguística: a variacional e a educacional a fim de contribuir para sistematização da língua em uso, sobretudo, o fenômeno da variação linguística e, dessa forma, colaborar para um ensino da língua mais democrático, no sentido de ensinar as variedades linguísticas existentes na comunicação. Os estudantes possuem sua linguagem e a usam para se comunicar, cabe à escola torná-los mais proficientes na competência linguística.

De acordo com Bortoni-Ricardo (2009), as escolas de zona rural ou de periferia atendem uma clientela com características socioculturais específicas, que se distinguem das características da clientela das escolas urbanas, principalmente, no repertório linguístico. Essas características nem sempre são consideradas no currículo escolar, tampouco, no livro didático. Essa escassez de recursos pedagógicos leva alguns professores a não notar a importância de efetivar o ensino de língua portuguesa com estratégias de ensino adequadas.

No entanto, os professores precisam identificar as peculiaridades sociolinguísticas da comunidade escolar.

Foi pensando nisso que, ao identificar as características linguísticas da comunidade escolar, o que constituiu o *corpus* desta pesquisa, elaboramos atividades que podem promover a reflexão sobre a variação linguística.

Mediante os achados, a escola não tem como fazer o estudante fugir do seu falar. Nesse sentido, os processos fonológicos na escrita dos estudantes passam a ser tarefa dos professores no sentido de adotarem um ensino que promova a competência linguística dos estudantes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscou-se com este trabalho, analisar a variação linguística ocorrida pelos desvios ortográficos na escrita dos estudantes de 3º, 4º e 5º anos de uma escola pública da zona rural do Município de Camocim - CE. Com isso, identificar os processos fonológicos que motivaram a variação linguística, observando a sua relação com a escrita dos referidos estudantes. Procuramos atender, com isso, a necessidade de desenvolver estratégias de ensino, envolvendo a variação linguística nas aulas de Língua Portuguesa para melhorar a competência linguística dos estudantes, pois os mesmos necessitam de um aprendizado reflexivo sobre a competência da língua em uso, sobretudo a língua falada.

Para responder os questionamentos desta pesquisa concluímos: começando pela Sociolinguística Variacionista, os estudos mostraram que foi o pontapé inicial para mudança Variacionista ser levada a sério, uma vez que provou que as variáveis e variantes de uma língua podem ser explicadas e quantificadas através dos estudos de William Labov. Dando continuidade, a variação linguística mereceu destaque na linguística aplicada e seus desdobramentos fez surgir a Sociolinguística Educacional – área que endossou o papel da variação linguística no contexto escolar. Com o reconhecimento da variação linguística na sala de aula, foi necessário reconhecer e valorizar a comunidade linguística no entorno da escola. Nesse processo, a variação linguística tornou-se objeto de ensino obrigatório nos documentos educacionais, embora que, ainda, de forma muito tímida.

Para aprofundar o trabalho com a variação linguística, os estudos da fonética e da fonologia devem fazer parte dos conhecimentos do professor, a fim de aprimorar seu trabalho no campo da linguística, e, dessa forma, identificar os desvios ortográficos, decorrentes da variação linguística dos estudantes.

As variações linguísticas presentes nas produções dos estudantes e observadas neste trabalho revelam o quanto a fala é reproduzida na escrita. Como podemos notar, os fenômenos linguísticos presentes na escrita dos estudantes das turmas do 3º, 4º e 5º anos são de apagamento do /s/ e /r/ em posição de coda final, monotongação, aférese, apócope, nasalização, desnasalização, ditongação, alçamento vocálico, prótese, síncope, rotacismo, hipercorreção, abaixamento vocálico, vocalização e assimilação.

Através dos dados, constatamos que os processos fonológicos presentes na produção dos alunos são desencadeados pela variação linguística da comunidade local da escola campo de pesquisa. Desse modo, o levantamento das variações linguísticas a partir dos textos dos estudantes nos apontou um norte para fortalecer o ensino da variação linguística,

podendo assim, o professor realizar um trabalho direcionado para melhorar o respeito pela heterogeneidade da língua em uso. Em contrapartida, não se pode limitar a apenas observar os processos fonológicos na escrita dos estudantes, mas refletir sobre as suas ações para levá-los a entender que a língua falada tem explicações nas ciências. Isso leva a entender que há uma diferença entre erro linguístico e uso diferente da língua, como também, entre a modalidade oral e a escrita. Para tanto, é preciso reflexão sobre o fenômeno natural da língua como significado de identidade constituída de fatores geográficos, sociais e situacionais da e pela variação linguística.

Como vimos, o domínio da língua, sobretudo falada, é algo que o estudante exerce fora da escola e acolher essa linguagem no âmbito escolar é reconhecer e respeitar sua identidade linguística. Nesse contexto, o domínio da língua na escola requer que o estudante mantenha suas raízes linguísticas, mesmo aprendendo a variedade padrão – a ensinada na escola. Contudo, os desafios do professor de língua portuguesa são grandes para proporcionar um ensino de qualidade no ensino da língua em uso. Para tanto, as políticas educacionais precisam passar por uma reforma de ensino da Língua Portuguesa proporcionando mais formação continuada para os professores, a fim de que estes possam atingir o objetivo de oferecer um ensino de forma efetiva e contínua acerca do objeto da variação. O ideal aponta para um ensino constante e que esteja dentro dos parâmetros da BNCC.

Uma metodologia que apoia a diversidade linguística e ensina o funcionamento da língua, identificando os processos fonológicos na escrita dos estudantes, caminha para o combate ao preconceito linguístico tão arraigado em nossa cultura brasileira.

Estudos de Bagno (2014) mostram que a tendência é cada vez mais acolher e valorizar as variações linguísticas no ensino de português, bem como, também, aponta os documentos da Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018), a fim de que o estudante não fuja da sua identidade linguística e saiba se defender diante de atitudes preconceituosas para com o seu modo de falar.

Sendo assim, um dos caminhos pensados para trabalhar a variação linguística foi a proposta de atividades (apêndice B), que desenvolve um trabalho com a heterogeneidade da língua, pautado em princípios democráticos e despertando a consciência do respeito pela diversidade linguística da comunidade escolar.

Ao constatarmos, após o levantamento de *corpus*, que a variação linguística tem muita força na escrita dos estudantes, consideramos imprescindível uma intervenção pedagógica que se voltasse para os docentes, visto que, a sua atuação efetiva é fundamental para mudar a realidade do preconceito linguístico na sociedade. Ainda com o olhar nos

processos fonológicos da escrita dos estudantes e na tentativa de responder as inquietações que motivaram essa investigação, a referida proposta de atividade foi ofertada para todos os professores de Língua Portuguesa da escola campo de pesquisa, bem como professores da educação básica, em geral.

Concluimos esta pesquisa, ainda, com muitas inquietações acerca do ensino sobre a variação linguística. Porém, acreditamos que é possível oferecer um ensino democrático com o objeto da variação linguística, buscando a igualdade e a consciência de uma cultura sensível, pondo fim ao preconceito linguístico.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, M. S. M. de. **Aspectos fonético-lexicais da linguagem regional/popular na obra de Patativa do Assaré.** 1997. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 1997.
- ARAGÃO, M. do S. S. de; ALENCAR, M. S. M. de. Fonética e Fonologia. *In*: LIMA, Á. H. V; SOARES, M. E.; CAVALCANTE, S. A. de. S. (org.). **Linguística geral: os conceitos que todos precisam conhecer.** Volume 3. 1ª ed. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020, p. 13-55. Disponível em: https://www.pimentacultural.com/_files/ugd/c6b165_e41ddba6fa574885b237034e96103695.pdf. Acesso em: 6 maio. 2023.
- ARAÚJO, S. S. de F.; SOUSA, N. C. C. História social do português do Brasil e o preconceito linguístico. **Tabuleiro de Letras**, [S. l.] v. 12, n. 3, dez. 2018. ISSN: 2176-5782. DOI: 10.35499/tl.v14i2. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/article/view/5568>. Acesso em: 5 abr. 2023.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz.** São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- BAGNO, Marcos. **Português brasileiro?** Um convite à pesquisa. São Paulo. Parábola Editorial, 2001.
- BAGNO, Marcos. **Nada na Língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística.** São Paulo: Parábola, 2007.
- BAGNO, Marcos. **Língua, linguagem, linguística: pondo os pingos nos ii.** São Paulo: Parábola Editorial, 2014.
- BAGNO, M. **Preconceito Linguístico.** São Paulo: Parábola, 56. ed., 2015.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna.** A sociolinguística na sala de aula. São Paulo, Parábola, 2004.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Nós chegemos na escola e agora?** sociolinguística educação. [S.l.]: São Paulo: Parábola, v .11, 2009.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *et al.* **Por que a escola ensina gramática assim?** – 1. ed. – São PAULO: Parábola Editorial, 2014
- BISOL, Leda. **Harmonização vocálica: uma regra variável.** Tese (Doutorado). Rio de Janeiro: UFRJ, 1981.
- BISOL, L. **Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro.** 3. ed. Porto Alegre: ADIPUCRS, 2001.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais terceiros e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa.** Brasília, DF: MEC/SEF, 1998a.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental. 1998b.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versao_final_site.pdf. Acesso em: 1º abr. 2022.

CAGLIARI, L. C. Aspectos teóricos da ortografia. In: SILVA, Maurício (org.). **Ortografia da Língua Portuguesa: história, discurso, representações**. São Paulo: Editora Contexto, 2015.

COELHO, I. L. *et al.* **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.

FARACO, C. A. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo, Parábola Editorial, 2008.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **RAE-Revista de Administração de Empresas**, [S. l.], v. 35, n. 2, p. 57–63, 1995. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rae/article/view/38183>. Acesso em: 11 abr. 2023.

GNERRE, M. **Linguagem, escrita e poder**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

HORA, D. da. Variação da lateral /l/: correlação entre restrições sociais estruturais. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 9, n. 18, p. 29-44, 1º semestre. 2006. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/12592>. Acesso em: 9 abr. 2023.

LABOV, W. **Sociolinguistic patterns**. Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, W.; WEINREICH, U.; HERZOG, M.. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006. [1968]

LUCCHESI, D. A periodização da história sociolinguística do Brasil. **Delta**, v. 33, n. 2, p. 347–82, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-445067529349614964>. Acesso em: 2 maio 2023.

MOLLICA, M. C.; FUNDO, K. H.; GOMES, L. S.; OLIVEIRA, M. S.P.; SILVA, R. F. Variação e função em aférese. **Revista. Est. Ling**, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 71-87, jul/dez. 1998. Disponível em: <http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/2295/2244>. Acesso em: 7 abr. 2023.

MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. [S.l.]: 4. ed., 2ª reimp. - São Paulo: Contexto, 2019.

MATTOS E SILVA, R. V. **Contradições no ensino de português**. São Paulo: Contexto. 2021.

RIBEIRO, P. B.; FRANÇA, M. de. Práticas dialógicas na aula de língua Portuguesa. In: RIBEIRO, P. B.; FRANÇA, M. (org.). **O enunciado concreto como objeto de ensino da aula de língua portuguesa**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020. Cap. 1, p. 23-54

ROBERTO, M. **Fonologia, fonética e ensino**: guia introdutório – 1ª. ed. – São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

SANTOS, C. A. P.; FREITAS, G. **Historiando Camocim**. Componente Curricular: história local. [S.l.]: 1ª. ed. Sobral: Edições UVA, 2017.

SAPIR, E. **A linguagem**: introdução ao estudo da fala. Rio de Janeiro: RJ, 1954. Tradução Joaquim Mattoso Câmara-Júnior.

SEARA, I. C. **Fonética e fonologia do português brasileiro**: 2º período. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011.

SEARA, I. C.; NUNES, V. G.; LAZZAROTTO-VOLCÃO, C. **Fonética e fonologia do Português brasileiro**. – 2. ed., 1ª reimp. – São Paulo: Contexto, 2019.

SILVA, R. V. **Linguística II**. Campo Grande: Ed. UFMS, 2009.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1985.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo, Cortes, 2005.

ANEXO A – TERMO DE ESCLARECIMENTO

Título do Projeto: A variação linguística na escrita dos estudantes do Ensino Fundamental I: Uma proposta de ensino

TERMO DE ESCLARECIMENTO

A(O) criança (ou adolescente) sob sua responsabilidade está sendo convidada(o) a participar do estudo intitulado: **A variação linguística na escrita dos estudantes do Ensino Fundamental I: Uma proposta de ensino**, por ser aluno da Educação Básica em escolas públicas. Os avanços na área do Ensino de Língua Portuguesa ocorrem através de estudos como este, por isso a participação da criança (ou do adolescente) é importante. O objetivo deste trabalho é verificar e analisar a ocorrência da variação linguística na escrita dos estudantes do Ensino Fundamental I. Caso a criança (ou o adolescente) participe, será necessário que ele (o aluno) redija um texto a partir de uma proposta de redação que faremos a ele. Não será feito nenhum procedimento que traga qualquer desconforto ou risco à vida da criança (ou do adolescente). Esperamos, como benefício(s) desta pesquisa, contribuir para melhoria do ensino de língua portuguesa voltado para variação linguística, pois a partir da verificação na escrita dos estudantes poderemos compreender a relação fala/escrita oriunda da diversidade linguística da comunidade de fala da escola e, assim, contribuir para sua valorização. Cabe mencionar que a partir da compreensão da ocorrência da variação linguística, podemos ainda elaborar atividades mais eficazes e fornecer subsídios ao professor de língua portuguesa no tratamento de tais ocorrências linguísticas no dia-a-dia da sala de aula. Destacamos que os participantes da pesquisa serão tratados como números e o risco de perda de confidencialidade será minimizado. Você e a criança (ou o adolescente) sob sua responsabilidade poderão obter todas as informações que quiserem; a criança (ou o adolescente) poderá ou não participar da pesquisa e o seu consentimento poderá ser retirado a qualquer momento, sem prejuízo no seu atendimento. Pela participação da criança (ou do adolescente) no estudo, você nem a criança (ou o adolescente) receberão qualquer valor em dinheiro, mas haverá a garantia de que todas as despesas necessárias para a realização da pesquisa não serão de sua responsabilidade. O nome da criança (ou do adolescente), como já mencionado, não aparecerá em qualquer momento do estudo, pois ela (ou ele) será identificada (o) por um número ou por uma letra ou outro código.

ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE, APÓS ESCLARECIMENTO**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE, APÓS ESCLARECIMENTO**

Título do Projeto: A variação linguística na escrita dos estudantes do Ensino Fundamental I: Uma proposta de ensino.

Eu, Maria do Socorro Silva Marques, li e/ou ouvi o esclarecimento acima e compreendi para que serve o estudo e qual procedimento ao qual eu serei submetida(o). Eu entendi que eu sou livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento, sem justificar a decisão tomada e que isso não me afetará. Sei que meu nome não será divulgado, que não terei despesas e não receberei dinheiro por participar do estudo. Eu concordo com a minha participação na pesquisa, por isso, assino e recebo uma via deste Termo de Consentimento.

Comocim,13...../.....04...../.....2022.....

Assinatura do participante

Maria do Socorro Silva Marques

Documento de Identidade

2002031093407

Assinatura do pesquisador

Kátia Cristina Gomes Lino

E-mail: katiacristingl@hotmail.com

Telefone: (88) 994799716

Orientadora: Profª. Dra. Maria Silvana Militão de Alencar

ANEXO C - TEXTO 1

O menino e o Gatinho

Eu estava sentado esperando os
 pessoal para vacinas meu Gatinho
 então eles chegaram com depósito
 de vacinas e aí chameli e meu
 Gatinho ele veio eu peguei o
 gato e então eles tiraram as
 injeção e gato saiu correndo,
 eu e meu irmão corremos
 atrás de gato ele se mandou
 no meio do mata gritando
 quando nos fomos encontrar ele
 ele estava em casa até que
 o Home vacinou ele
 fim.

ANEXO D - TEXTO 2

O dia que eu fui raptado pela gata

Eu me acordei, bom eu fui raptado pela
gata maravilhosa, ai eu almocei lá por-
to 5 horas, bem eu só tinha tomado
café e tudo, o homem que eu conheço da
to disse pra eu ir pegar a gata eu levei
a gata assim como se levava um bebê
e o homem raptou eu fiquei muito
feliz.

fim

ANEXO E - TEXTO 3

VASINHA DO MEU CACHORRO

EU E MEU CACHORRO TAVA BRINCANDO E QUANDO CHEGOU
UM CARRO E EU E MEU CACHORRO NAIS FIMOS VER
O QUE ERA AI ERA OS PESSOAS DANDO VASINA CONTRA
RAIVA E O MEU CACHORRO CORREU PARA O QUINTAL
E EU FUI BUSCAR ELE EU PEGUEI A BACÃO DELE
E A SUBI ELE VEIO EU FUI BUSCAR UMA CORRETE
DELE LANA LAVETA DO ARMARIO DA MIMHA MÃE

E EU FUI A CORRETA ELE E ELE TOMOU A
VASINA E ELE SAIU PERO QUINTAL E QUARTEI
A CORRETE DELE LA NO ARMARIO E EU FOI BRIN
CA COM ELE LAMO QUINTAL E FIM

ANEXO F - TEXTO 4

AVACI^o NAÇÃO

U MEU GATO TAVA DU FMDI
EULEVEI PARA VACINA AI VOMUMDIA
MUI^o TOVELIS QUANDO XEGOU ELA
CHOLO POQUE ELE FICOU COMEDO.
MAIS VOTAMOS PARA CASA I VOI O DIA
MAIS VELIS DAMPNHAVIDA
MEU GATO PREZIZ AVACI VACINA
PRA SE UM BICHINHO SAU DAVIDU

ANEXO G – TEXTO 5

O CÃO DA MINHA CASA ELE FOI VASINADO
NO DIA QUE O MEU CÃO FOI VASINADO DEU TRABALHO
POR QUE ELE QUERIA MORDER O AGENTE
DE SAUDE. O LUQUI NÃO GOSTAVA DE VACINA.
ELE LATIU MUITO PARA O PESSOAO ATE
CORRÊ PRACASA. NO CAMINHO A BICICLETA
TA BARUANO NELE. O HOME ABUZINOU
O LUQUI GAIV DO MÃO.
O PIOR FOI O LUQUI PERDE A
VAGINA. AGORA O LUQUI TA FELIZ PORQUE
NÃO PEGOU VAGINA.

ANEXO H – TEXTO 6

O SPAKI

UMA VEZ FORAM DOIS HOMES. É VACINADO O MEU CÃO
E ELE FICOU FELIZ PORQUE FOI VASINADO.

ANEXO I - TEXTO 7

O DIA DA VACINAÇÃO DO CÃO

EU TENHO UM ANIMALSINHO DE ESTIMAÇÃO
O NOME DELE É LEOPARDO NO DIA DA
VACINAÇÃO DO MEU CACHORRO FOI MUITO
INTERESSANTE MAIS PRA ELE FOI MUITO
DIFÍCIL ELE CHOROU MUITO MAIS EU
DIZE QUE SERIA MUITO BOM PORQUE
SINÃO VOCÊ VAI FICAR DOENTE E VOCÊ
NÃO VAI TER MUITOS DIAS DE VIDA
EU COMECEI CONHECER ELE A TOMAR
A VACINA E VIVERMOS FELIZ PARA
SEMPRE

ANEXO J - TEXTO 8

VASINHA PRA GATO E CACHORRO
QUANDO EU ESTAVA ASSISTINDO DESenho ME CHAMARAO
PARA VASINA O MEU GATINHO. PEGUEI O MEU GATINHO
LEVEI PARA A VASINA TENFIM VASINARAO
O MEU GATINHO. FIM

ANEXO K - TEXTO 9

~~O dia em que o meu cachorro tumbou na sala
o dia eu estava assistindo no meu celular
e de repente isquei paumaa e eu Adri
AlonTa, vi dois home perguntando
se eu tinha um cachorro eu disse que eu tinha
eu segurei o meu cachorro mais
ele correu eu corri atrás dele
mostrando a história o cachorro fugiu
cachorro fugiu mais tumbou na sala~~

ANEXO L - TEXTO 10

O DIA DE VACINAÇÃO

O DIA DE VACINAR O MEU BICHINHO
ELE ESTAVA DE BOA E AS PESSOAS QUE
VINHAM, ERAM MUITO LEGAIS COM O MEU
BICHINHO, ELES ATE BRINCADAM COM ELE,
E O MEU CACHORRO ESTAVA SEMPRE ALEGRE,
QUANDO FOI NA HORA DO MEU CACHORRO
TOMAR VACINA, ELE SAIU CORRENDO COME-
DO, DA VACINA ENTÃO EU PEGUEI ELE PARA
TOMAR A VACINA, E ACABOU IDANDO
CERTO ELE FICOU BEM CALMO. E QUANDO
FOI NA HORA DAS PESSOAS QUE ESTAVAM
LA NA MINHA CASA, ELE ACOMPANHOU
ELAS, ATE O PORTÃO, E O NOME DA
VACINA QUE ELE TOMOU ERA VACINA
DA RAIVA.

APÊNDICE A – PROPOSTA DE PRODUÇÃO TEXTUAL

Proposta de produção:

Texto 1



Fonte: Sergie Notícias (2022).

Texto 2

Quem nunca teve um animalzinho de estimação? Para quem gosta de criar animais domésticos é preciso saber que, antes de servirem apenas para brincar e nos fazer companhia, precisam de cuidados especiais. Além de dar banho, alimentar e dar carinho, a vacinação é de suma importância para prevenção das doenças que acometem os bichinhos. Com a carteirinha de vacinação do seu bichinho em dia ele terá um estilo de vida mais saudável e evita transmitir doenças para os humanos. Vacinação é um ato de amor e cuidado!

Texto escrito pela autora.

A partir da leitura dos textos motivadores, o professor irá conversar com os estudantes fazendo as seguintes perguntas:

- 1) Quem já teve ou tem um *pet*?
- 2) Por que você teve ou tem um bichinho de estimação?
- 3) Você acha importante cuidar do seu *pet*? Por quê?
- 4) Como você cuida dele?
- 5) Você acha importante vacinar os animais de estimação?
- 6) Para que serve a vacinação dos bichinhos de estimação?

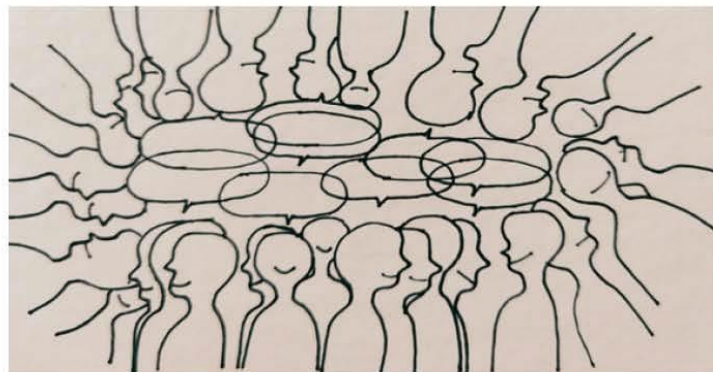
APÊNDICE B – CADERNO DIDÁTICO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
PROGRAMA MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

MANUAL DIDÁTICO

**A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA:
UMA PROPOSTA DE
ATIVIDADE**



Kátia Cristina Gomes Lino

FORTALEZA- CE

SUMÁRIO

1	Introdução.....	1
2.	Proposta de ensino da língua portuguesa e a variação linguística	3
3.	Bloco I - ATIVIDADE PARA O ALUNO.....	4
	Atividade 1 - A mala de Larissa	5
	Atividade 2 - A língua é contexto	8
	Atividade 3 - Da fala para escrita	10
	Atividade 4 - Variação social	13
	Atividade 5 - Fala versus escrita	16
	Atividade 6 - A linguagem e o ambiente	19
	Atividade 7 - Que linguagem usar?	22
	Atividade 8 - Realidade ao aluno versus escola	24
	Atividade 9 - Nossa língua na escola	28
	Atividade 10 - A variação linguística estigmatizada.....	31
4.	Bloco 2 PROPOSTAS PARA O PROFESSOR.....	34
	Atividade 1	35
	Atividade 2	36
	Atividade 3	36
	Atividade 4	37
	Atividade 5	38
	Atividade 6	39
	Atividade 7	40
	Atividade 8	41
	Atividade 9	41
	Atividade 10	42
	Atividade 11	43
	Atividade 12	44
	Atividade 13	44
	Atividade 14	45
	Atividade 15	46
5.	Palavras finais.....	47
6.	Referências	48

INTRODUÇÃO

Um dos maiores desafios do professor, no Brasil, é desenvolver a competência linguística de seus alunos no ensino da língua materna, especialmente, quando o objeto de ensino é a variação linguística. Entendendo que as variações linguísticas são constitutivas da língua, mas, sem, em hipótese alguma, menosprezar a norma padrão, ou seja, a sistematização da gramática normativa, e sim, perceber a língua como um constructo finito de recursos a favor do falante. Nisso, como postulado na BNCC, o contato com a cultura faz com que os estudantes levem para escola a diversidade linguística de sua comunidade. No entanto, a escola não está preparada para atuar com os saberes que levam à reflexão sobre a variação linguística.

Neste manual, produto de uma pesquisa realizada para o programa de Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal do Ceará, você obterá sugestões de como trabalhar o fenômeno da variação linguística, a principal área da sociolinguística educacional.

A escolha deste material, levando a variação linguística como objeto de estudo para o ensino de Língua Portuguesa, precisa fazer parte das ações didático-pedagógico de Língua Portuguesa, a fim de contribuir, significativamente, para o processo de ensino da análise linguística no contexto escolar. Numa perspectiva da variação, levamos em conta os fatores de natureza interna da língua - dos processos fonológicos - os fatores de natureza interna - aspectos sociais e contextuais. No tocante aos fatores sociais, propomos atividades que abordam a escolarização, a profissão e a classe social. Já, em relação aos aspectos contextuais, discutiremos nas questões propostas, o grau de formalidade, a tensão discursiva, ou seja, as características circunstanciais que ora envolvem o falante, ora o evento de fala.

Aliado à BNCC, este material defende a cultura letrada quando propõe "compreender a natureza plural e linguagem verbal" BNCC, (BRASIL, 2018)). Na sociolinguística, o paralelo entre fala e escrita na escola é resultado da diversidade linguística do português brasileiro. Essa variação, na sua pluralidade, é chamada de variação diatópica que se dá por meio de um gênero textual (BAGNO, 2007, P. 46) além de outras classificações, como variações históricas, sociais, geográficas, estilística, ou seja, um conjunto de variações que identificam as comunidades linguísticas dos estudantes/falantes, que serão abordados neste caderno. Ainda neste paralelo fala/escrita, este trabalho visa levar o estudante a perceber diferentes formas de pronunciar as palavras, mas, que há apenas uma forma de escrevê-las. Nesse entorno, o ensino da variação linguística desenvolve a ampliação dos letramentos, possibilitando ao aluno a compreensão da língua em uso. Com efeito, a nossa língua nos oferece essas possibilidades de adequação a cada situação.

Considerando que a sociedade e a escola mantêm uma estreita relação, a atividade, a seguir, objetiva expor aos professores um novo modelo de se trabalhar o fenômeno da variação linguística que, por muito tempo não fora vista como um objeto de estudo nas aulas de Língua Portuguesa. Como já discutido, a variação linguística, seja ela de aspecto semântico, fonológico, morfológico ou sintático, requer mais reflexão acerca da competência da língua e que não cabe mais ser trabalhada nas aulas de português como mera atividade que se resume a repetições e memorização de regras ao escrever as palavras do português brasileiro, doravante PB, visto que, a variação linguística constitui a diversidade linguística de um povo e, portanto, deve ser valorizada.

A atividade aqui apresentada foi desenvolvida para os estudantes dos 3º, 4º e 5º anos do Ensino Fundamental I, levando em consideração o que propõe a teoria da Sociolinguística Educacional. Tal abordagem envolve a integração da variação linguística no ensino de Língua Portuguesa, bem como, o domínio das práticas de leitura, escrita e oralidade. Além disso, métodos de ensino que contribuem para a reflexão acerca da língua em uso, desenvolvem a capacidade comunicativa do estudante. Nisso, incluímos nossa proposta de atividade dividida em dois blocos podendo ser trabalhado de forma não linear, pois, uma atividade não é pré-requisito para outra. Dessa forma, o professor terá autonomia para escolher o momento, previamente planejado para trabalhar com seus alunos.

PROPOSTA DE ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA E A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

As atividades que compõem este caderno didático têm como base os processos fonológicos oriundos da variação linguística mais recorrente nas produções textuais analisadas. Este caderno não tem o intuito de abandonar o livro didático adotado pelos professores, mas será um material complementar. Sabendo que o ensino da relação da fala com a escrita compreende o modo como as duas modalidades se articulam, seja por meio de diferentes gêneros ou práticas de linguagens, o papel da escola é garantir que os estudantes tenham uma aprendizagem significativa e eficiente nessa junção fala/escrita.

Para tanto, realizamos com base nos estudos teóricos da referida dissertação em apreço, a confecção de 25 propostas de atividades ancoradas na BNCC, divididas em dois blocos, contendo no primeiro, atividade para os estudantes e orientações para o professor e, no segundo, apenas propostas de atividades para o professor.

No bloco 1, são apresentados ao professor os objetivos da aprendizagem articulados ao desenvolvimento de habilidades e as orientações para aprimorar sua prática pedagógica. As questões propostas oportunizam aos estudantes compreenderem a variação linguística de sua comunidade de fala e aprofunda o conhecimento sobre o uso da língua falada, as características discursivas, as estratégias de fala e escuta em intercâmbios orais, conforme propõe a BNCC. Chamamos a atenção para a necessidade da construção do conhecimento das relações fonográfêmicas em uma língua específica, sobretudo, relacionadas com a língua falada e com a língua escrita sob a perspectiva sociolinguística. Ainda assim, procura contemplar a cultura linguística dos estudantes, com vista a considerar a língua oral tão importante no ensino da língua como qualquer outro conteúdo. Segundo esse documento, nos anos iniciais do ensino fundamental I, os gêneros textuais propostos para leitura e escuta, produção oral ou escrita e multissemiótica, devem ser os mais simples, pois favorecem a grafia. Além disso, devem ser os que circulam no meio familiar do estudante sempre partindo de uma conversação espontânea.

Trazemos atividades com oralização de textos escritos, considerando as situações sociais em que tal tipo de atividade acontece, além de, proporcionar uma reflexão sobre as variações linguísticas, adequando sua produção e esse contexto pautado nas propostas da BNCC, (2017).



BLOCO 1

ATIVIDADES PARA O ALUNO

Objetivos de aprendizagem:

- Valorizar as variedades linguísticas da língua;
- Adequar a linguagem estilística a diferentes situações de uso;
- Refletir sobre a interferência da fala na escrita;
- Escutar e compreender diversos textos orais ou oralizados, reconhecendo e respeitando a diversidade linguística.

Duração: 10 aulas.

Duração de cada aula: 50 minutos.

Série: 3º, 4º e 5º anos (do Ensino Fundamental)

Prática de linguagem: Análise linguística.

Objeto de conhecimento: Variação linguística.

Habilidade: (EF35LP11) Ouvir gravações, canções, textos falados em diferentes variedades linguísticas, identificando características regionais, urbanas e rurais da fala e respeitando as diversas variedades linguísticas como características do uso da língua por diferentes grupos regionais ou diferentes culturas locais, rejeitando preconceitos linguísticos.



ATIVIDADE I: A MALA DE LARISSA



CONVERSA INICIAL

Querido aluno, tomando como base a escolha das roupas para cada ocasião que Larissa usa, na linguagem funciona do mesmo jeito. Você consegue imaginar o tipo de linguagem que Larissa utilizou para apresentar seu projeto na empresa? Você não acha que ela procurou as palavras mais cuidadas ou regradas de acordo com a norma padrão da língua, aquela que aprendeu na escola e que, utilizando-se dessa escolha, procurou palavras mais estilosas para dar um tom de elegância, adequando-se ao seu propósito comunicativo naquela dada situação e por estar se comunicando com pessoas com as quais não tinha intimidade, tal qual fez com suas vestes? E, por outro lado, que tipo de linguagem Larissa usou quando foi à praia com sua prima? Será que Larissa se preocupou em procurar as palavras com vocabulário rebuscado e, tomando cuidado para não tropeçar nas palavras? Você acha que sua escolha foi espontânea, sendo levada pela situação íntima em que se encontra com sua prima Natércia? Com efeito, a nossa língua nos oferece essas possibilidades de adequação a cada situação.

PRATICANDO

1 Leia a situação abaixo:

Larissa, mora no interior, mas trabalha numa pequena cidade. Ela viaja de ônibus todos os dias para cumprir sua jornada de trabalho. Como diretora da empresa foi incumbida de apresentar um novo projeto da empresa onde trabalha para uma filial em outra cidade, na metrópole. Sua prima Natércia, reside na mesma cidade. Larissa irá aproveitar para rever sua prima. Larissa e Natércia se programaram para terem uma semana recheada de passeios e, para isso, organizaram uma agenda para cada dia. No primeiro dia da semana iriam apresentar-se na empresa para apresentar seu novo projeto cumprindo o maior objetivo de sua viagem. No segundo dia, iriam visitar o museu da cidade, no terceiro dia, iriam ao parque ecológico, no quinto, iriam ao cinema, no sexto, dia iriam à praia e no último dia iriam passar o dia em casa para descansar até chegar a hora de voltar para a rotina de trabalho. Imagine quais roupas, Larissa colocou na mala? Imagine, qual roupa, Larissa reservou para se apresentar na empresa? Qual roupa, ela reservou para ir ao museu? Qual roupa ela reservou para ir ao parque ecológico? Qual roupa ela reservou para ir ao cinema? Qual roupa reservou para ir à praia? E quais roupas reservou para ficar dentro de casa? Pegando os exemplos do primeiro dia e o último, percebemos os extremos nas vestimentas de Larissa. Nisso, você percebeu que para cada ocasião Larissa usará uma roupa adequada à situação? Dentro dessa situação há a necessidade de Larissa usar vestimentas mais formais, outras não? Por exemplo, para se apresentar na empresa certamente Larissa usará um look com estilo mais fechado no sentido de ser regrada, elegante causando impressão de firmeza e sofisticação. Já para ir à praia, Larissa é forçada a usar um traje que descortina todo o seu corpo, e totalmente leve, sem a preocupação com os detalhes. Agora, vamos brincar com a mala de Larissa

Texto elaborado pela autora .

2. Para ir à apresentação do projeto na empresa, qual vestimenta você acha que Larissa usou? Marque a opção com um X.



(A)



(B)



(C)

3. Você percebeu a mudança de estilo de roupa adequada a cada ocasião que Larissa irá? Justifique sua resposta.

4. A nossa língua , também, tem estilos diferentes que podemos adequar de acordo com a situação. Ou seja, há situações em que temos que falar com mais cuidado, usando regra da Língua Portuguesa, em ambientes mais formais e, em outros momentos falamos sem nos preocuparmos se a linguagem está "correta", isto é, em ambiente do cotidiano. Agora responda:

- A língua que você fala tem alguma diferença da língua que você aprende na escola?

Justifique sua resposta.

5. Qual língua aprendemos na escola?

6. Por que precisamos conhecer os diferentes estilos da língua e adequar às situações que vivenciamos? Justifique sua resposta.

ESPAÇO DO PROFESSOR

Professor, na atividade 1, buscamos introduzir o tema e os conhecimentos prévios dos estudantes acerca do assunto que será o foco da nossa atividade. Abordamos uma simulação sobre a mudança de vestimentas adequada a cada situação em que os possíveis falantes se encontram, de modo a suscitar nos estudantes a semelhança com a linguagem em diferentes contextos. Em seguida, correlacionamos com a linguagem em uso. Para ativar a percepção dos estudantes, nos utilizamos de atividades, as quais irão trabalhar tanto com a língua oral, como a escrita.



RESPOSTA DA ATIVIDADE 1

1. Para ler.
2. Opção C.
3. Espera-se que o estudante perceba que para cada ocasião, Larissa usará a roupa adequada atendendo às exigências do ambiente.
4. Resposta pessoal.
Espera-se que o estudante responda que é a língua padrão, aquela exigida nas gramáticas normativas.
6. Espera-se que o estudante responda que em situações formais utilizamos a língua padrão e em situações não formais usamos a língua espontânea, a língua natural.



ATIVIDADE 2: A LÍNGUA É CONTEXTO

CONVERSA INICIAL



Querido aluno, como você aprendeu na atividade anterior, a língua tem estilos diferentes que podemos usar de acordo com cada situação. Ou seja, se for uma situação mais formal usamos um estilo formal de acordo com a norma padrão da língua, tanto em situações orais como na escrita. Em situações não formais, usamos um estilo mais adequado à fala do cotidiano. Nesta atividade é importante saber que a norma padrão da língua deve ser usada em contextos que exigem formalidade, como no exemplo de bilhete a seguir.

PRATICANDO

1. Se você precisasse solicitar um projeto de um campeonato de jogos esportivos na sua escola que tipo de linguagem você deveria utilizar? Assinale o bilhete adequado.

Bilhete 1

Bom dia, senhora, diretora,
Venho, em nome de meus colegas, pedir sua permissão para fazer uma maratona de jogos olímpicos na quadra da escola.

Respeitosamente,

Ass: _____

Bilhete 2

E aí, diretora,
Será que dá dar pra liberar a quadra da escola pra gente fazer jogos olímpicos?

Ass: _____

2. Qual dos bilhetes você escolheu? Por quê?

3. É possível um aluno escrever um bilhete para diretora da maneira como mostra o bilhete?

4. Quando escrevemos um texto no estilo formal, qual variedade linguística deve prevalecer? Por quê?

5. Qual a diferença entre a norma padrão da língua e a variação linguística?

ESPAÇO DO PROFESSOR

Professor, levar o estudante a perceber que no exemplo 1, apresenta-se um repertório linguístico com palavras mais aproximadas da norma padrão da língua, ou seja, que aprendeu no ambiente escolar. No exemplo 2, há um uso informal da comunicação, pois é comum ocorrer a variação linguística inerente à nossa cultura linguística, sendo uma forma de mostrar a importância da nossa linguagem no mundo, respeitando a nossa identidade linguístico-cultural. Nesta atividade, levar o estudante a refletir sobre a língua em uso. No primeiro exemplo, ao indagarmos ao estudante qual linguagem ele utilizaria para dirigir-se à diretora escolar, o estudante é levado a pensar que a linguagem adequada seria a linguagem informal por não ter intimidade com a receptora, no caso, a diretora. Vale ressaltar que essa competência comunicativa só pode ser realizada pelo falante se ele dispõe de recursos formais, apropriados e específicos para realizá-la. Ao responder o segundo exemplo, teria que rever a forma de tratamento para com a diretora, podendo até ser julgado como uma falta de respeito, caso utilizasse a linguagem “e aí”.



RESPOSTA DA ATIVIDADE 2

1. Bilhete 1.
2. Espera-se que o estudante marque o bilhete 1, pois está escrito na norma padrão da língua devido a exigência da situação.
3. É possível, pois, o falante muitas vezes, não desvincula a fala da escrita e não conhece os estilos da língua para adequar aos contextos.
4. Por uma exigência da escola, a variedade padrão.
5. Espera-se que o estudante aponte a norma padrão como língua ensinada nas gramáticas e a variação linguística, aquela expressa na fala dos falantes.



ATIVIDADE 3: DA FALA PARA ESCRITA



CONVERSA INICIAL

Você já escutou as palavras "bora" "pra" e "vamu" no seu convívio familiar? Se sim, que bacana! A língua oral, é espontânea oriunda das nossas origens linguísticas, no entanto, existem outras variedades que você precisa aprender na escola, a fim de aplicá-las em situações que exigem o uso dessa língua baseada na gramática normativa da nossa Língua Portuguesa.

PRATICANDO

1. Leia o relato pessoal em que Lúcia explica uma aventura com seu cãozinho durante uma viagem.

Aqui em Sobral tá um sol tremendo e o Thesco quer ir passear no parque. Já falei pra ele que, embora a cidade seja linda, agora não é uma boa hora pra bater perna por aí: - Bora tirá em soneca e quando chegar á noite, vam dar uma voltinha no parque.

Thesco abana o rabinho com cara de quem entendeu.

Texto escrito pela autora especialmente para este caderno

2. Quais palavras do texto constituem variações linguísticas?

3. Como você aprendeu a escrever estas palavras na escola?

Na atividade anterior, vimos que a maneira como falamos reflete na nossa escrita. Portanto, é preciso prestar atenção na hora de escrever.

4. Pinte de azul a última letra das palavras.

sonho **tempo** **dado** **sonho** **santo**
pano **caderno** **sonho** **vazio** **amigo**



5. Qual letra você pintou? _____

6. Agora, fale estas palavras em voz alta e responda qual o último som que você pronunciou?

7. O que você observou? Justifique sua resposta.

8. Agora, complete as palavras abaixo com a última letra que falta.

alegr__ troux__ leit__ alicat__ cabid__

9. Com qual letra você completou?_____

10. Agora, fale estas palavras em voz alta e responda qual o último som que você pronunciou.

11. O que você observou? Justifique sua resposta.

12. Considerando as questões acima, na sua opinião, porque a fala é diferente da escrita.

13. Agora, observe as palavras abaixo e forme uma frase para cada uma delas.

peixe - queijo - deixa - ameixa - louça - caixa - louca - cenoura - touca

14. Agora que formou as frases com as palavras da questão anterior, diga em voz alta para seus colegas e professor as frases que você escreveu. Em seguida, responda:

- O que você percebeu ao pronunciar as palavras da questão anterior?
 - Circule as letras que você não pronunciou.
 - Você percebeu alguma diferença entre a fala e a escrita?
-

d) Converse com seus colegas e seu professor sobre a grafia e a fala das palavras acima. Pronuncie-as para seus colegas e professor.

17. Agora, observe as palavras abaixo e, em seguida, leia-as em voz alta.

acabou - rolou - pegou - inventou - criou - pintou - andou - falou

- Agora responda oralmente, o que você percebeu? Houve alguma diferença da escrita para fala?
- Você pronunciou a última letra? Por quê?

ESPAÇO DO PROFESSOR

Explicar aos alunos que no relato há palavras que fazem parte da linguagem oral, de modo que o emissor se expressou de forma espontânea sem se preocupar com a variedade padrão da língua. Temos, então, uma ocorrência da variação linguística em sua fala. Nas demais questões, explorar palavras do vernáculo brasileiro, ou seja, a fala, explicando os fenômenos da variação linguística causados por apagamento de fonemas, como nos exemplos "caixa" pronunciada muitas vezes "caxa" e "acabou" pronunciado muitas vezes "acabô". Ademais, conversar sobre o [o] átono em finais de palavras, pronunciado como som de [u] e [e] átono em finais de palavras pronunciado como som de [i].



RESPOSTA DA ATIVIDADE 3

1. Para ler.
2. Espera-se que o estudante responda: tá, pra, bora, tirá, vamu.
3. Resposta pessoal.
4. Resposta pessoal.
5. A letra "o"
6. Resposta pessoal.
7. Espera-se que o estudante responda que o som da letra "o" na fala, foi pronunciada como "u".
8. Resposta pessoal.
9. Letra "e".
10. Espera-se que o estudante responda que o som /e/ foi pronunciado /i.
11. Resposta pessoal.
12. Resposta pessoal.
13. Resposta pessoal.
14. a) Resposta pessoal.
b) Espera-se que o estudante circule a letra "i".
c) Espera-se que o estudante responda que na escrita as palavras foram escritas os ditongos "ei" e "ou", mas, na fala houve uma supressão, causada pela pressa no ato da fala.
d) Resposta pessoal.
17. Resposta pessoal.



ATIVIDADE 4: VARIAÇÃO SOCIAL



CONVERSA INICIAL

Querido aluno, a língua que falamos está relacionada ao local que vivemos. A sociedade costuma reprovar e dizer que é errado o falar das pessoas que moram na zona rural. Porém, ninguém deve sofrer esse tipo de preconceito.

PRATICANDO

1. Paulo estuda numa escola do interior de uma pequena cidade e recebeu um convite da diretora escolar para ser orador de uma gincana de matemática na sua escola. Paulo escreveu uma carta para diretora agradecendo o convite. Veja abaixo, o texto que ele escreveu e procure palavras que apresentem a variação linguística.

Bom dia, diretora,

Quero agradecer pelo convite. Prometo que rô ser o mior e a siora não vai si arrepende por ter mi escolhido.

Paulo

2. As palavras que você circulou são, escritas na variedade padrão, nas formas abaixo:

agradecer - vou - melhor - se - me - senhora

3. O que você acha que aconteceu para Paulo escrevê-las no bilhete assim?

4. Na sua opinião, Paulo teve um motivo para escrevê-las assim?

5. Qual deve ser a atitude da diretora com relação à escrita de Paulo?

A variação linguística é natural da fala, mas, lembre-se sempre, na escrita utilize a norma padrão. Na fala, alguns fonemas são apagados ou substituídos por outros. Essas ocorrências são consideradas erros ortográficos graves na escrita. Porém, a fala não precisa atender as regras, salvo tiver uma intenção, pois não prejudica a comunicação.



6. Leia as seguintes frases abaixo. Elas estão escritas como acontece na fala do português brasileiro. Em seguida, reescreva as frases na língua padrão.

a) Condo tô cum meus amigus ficu feliz.

b) Vamu brincar di iscondi- iscondi no quartu.

c) Eu tava durmino na casa da vovó.

d) Us mininu foru passar nu parqui.

e) Todus nois vamu nu restauranti.

f) Otro dia fui jantá na casa dus meus primus.

ESPAÇO DO PROFESSOR

Professor, na atividade 4, o aluno irá perceber que Paulo, por morar no interior de uma cidade pequena, apresenta uma variação linguística peculiar e que, mesmo estando em um ambiente que exige a norma padrão da língua não consegue desvincular-se de sua fala no ato da escrita. Perguntar aos alunos se já ouviram alguém falar assim. Dizer que a fala dos falantes que moram na zona rural sofrem preconceito e que não se pode alimentar esse tipo de comportamento. Na atividade 5, abrir uma roda de conversa sobre as duas modalidades da língua: modalidade oral e modalidade escrita. Na modalidade oral, o falante pode escolher se fala a norma padrão ou não. A escola ensina a usar estilos monitorados ou não monitorados. Já na modalidade escrita, o falante é ensinado a escrever na norma padrão. Vale ressaltar que mesmo não sabendo escrever na norma padrão, não poderá ser punido, uma vez que, apenas está expressando sua identidade linguística.



RESPOSTA DA ATIVIDADE 4

1. Resposta pessoal.
2. Resposta pessoal.
3. Espera-se que o estudante compreenda que Paulo escreveu exatamente como fala, embora, a escola exija a norma padrão da língua no momento da escrita.
4. Resposta pessoal.
5. A diretora deve aceitar a fala do estudante como forma de respeitar a sua variação linguística e, em outro momento, mostrar-lhe a variedade padrão da língua.
6. a) Quando estou com meus amigos fico feliz.
b) Vamos brincar de esconde-esconde no quarto.
c) Eu estava dormindo na casa da vovó.
d) Os meninos foram passear no parque.
e) Todos nós vamos ao restaurante.
f) Outro dia fui jantar na casa dos meus primos.



CONVERSA INICIAL



Querido aluno, fala e escrita são coisas muito diferentes. Geralmente, na escola somos cobrados a escrever uma espécie de língua alva, aquela que aprendemos nos livros. Já a fala, aquela que costumamos usar no cotidiano é, em geral, espontânea e descuidada, e aceitável em situações do cotidiano familiar.

PRATICANDO

1. Leia a piada sobre dois caçadores que conversavam num acampamento:

- O que você faria se estivesse na selva e uma onça aparecesse na sua frente?
- Dava um tiro nela.
- E se não tivesse uma arma de fogo?
- Bom, eu matava com o um facão.
- E se você não tivesse um facão?
- Apanhava um pedaço de pau.
- E se não houvesse um pedaço de pau?
- Subia na árvore mais próxima.
- E se não tivesse árvore próxima?
- Saia correndo...
- E se você tivesse paralisado pelo medo?
- Mas, afinal, você é meu amigo ou amigo da onça?

COTRIM, Márcio. O pulo do gato 2. São Paulo: Geração Editorial, 2007, p. 30.

2. Agora, junto com um colega dramatize a narrativa para seus colegas e professores.
3. Houve alguma diferença nas palavras, entre a fala e a escrita, durante a dramatização. Quais?

4. Repita em voz alta as palavras abaixo. Agora escreva um X nas palavras que você pronunciou sem atender o sistema de regras da língua padrão.

**medo - amigo - árvore - aparecesse - tiro
fogo - correndo - pedaço - houvesse - se**

Responda oralmente:

a) O que você percebeu em relação a fala e a escrita?

b) Você pronunciou o som do "o" e do "e" do jeito como está escrito? Justifique sua resposta.

5. Observe as frases abaixo e responda:



1. Maria vai barrer a calçada.

2. Maria vai varrê a calçada.

3. Maria vai varrer a calçada.

a) Qual a palavra que apresenta diferentes variações?

b) Qual a escrita da palavra "varrer" apresenta uma maneira que falantes de comunidades rurais falam?

c) Qual a variação, que geralmente, ocorre em comunidade da zona urbana e entre falantes que frequentaram a escola?

ESPAÇO DO PROFESSOR

Professor, na atividade 2, os alunos serão convidados a dramatizar sem ler o texto escrito e a identificar a diferença entre fala e escrita. Copie o objetivo da atividade no quadro e diga que este objetivo será retomado e avaliado. Convide-os a abrir uma roda na sala e leia, em voz alta, a piada. Em seguida, convide dois alunos para lerem o texto e improvise um palco para encenarem a história. Esta atividade irá permitir que seus alunos percebam as diferenças entre a escrita e a fala. No texto, as palavras escritas atendem às regras ortográficas, porém, no momento em que narram, prevalece a língua oral, arraigada da cultura linguística do aluno. Instigar os alunos a dizerem em quais palavras eles perceberam diferenças da escrita para fala. Na questão 5, explicar sobre as variações de palavras no português brasileiro que iniciam com a letra v, mas, acontece em algumas regiões mais afastadas da zona urbana, a ocorrência da troca pelo b, como no exemplo da palavra "vassoura". Abrir uma roda de conversa sobre a origem desse fenômeno. Explicar sobre o contínuum de oralidade (variedade rural e variedade de prestígio). As comunidades de prestígio tendem a dizer "varrê" e não serem alvo de preconceito linguístico. Já, nas comunidades rurais os falantes tendem a dizer "barrer" e, no entanto, sofrem preconceito linguístico.



RESPOSTA DA ATIVIDADE 5

1. Resposta pessoal.
2. Resposta pessoal.
3. Espera-se que o aluno perceba que nas palavras terminadas em "e", foram pronunciadas com o som "i" e palavras terminadas com "o" foram pronunciadas com o som de "u". Caso houver o apagamento do -NDO na palavra "correndo" explicar que é comum na fala, porém, não é permitido acontecer na escrita.
4. a) Resposta pessoal.
b) Resposta pessoal.
5. a) varrer.
b) barrer.
c) varrê.



ATIVIDADE 6: A LINGUAGEM E O AMBIENTE

CONVERSA INICIAL



Querido aluno, o ambiente exige que usemos a linguagem adequada para cada ocasião. É preciso conhecer as variedades da língua. Uma delas é a que você aprendeu no convívio familiar e a outra é a que aprende na escola. Conhecendo nossa língua, poderemos escolher como usá-la em diferentes contextos. Fique atento!

PRATICANDO

1. Leia o texto abaixo e considere as seguintes situações.

Paulo é médico e trabalha na grande cidade. Antes disso, Paulo morava numa pequena cidade no interior onde nasceu, Ele gosta de passar as férias sempre em sua cidade natal. O comportamento linguístico de Paulo varia de duas maneiras: estilo monitorado e estilo não monitorado. No consultório Paulo fala usando uma linguagem de estilo monitorada, com cuidado, por exemplo as palavras "vamos embora". Na casa da família Paulo usa palavra de estilo não monitorado, ou seja, com espontaneidade, por exemplo a palavra "bora".

Texto elaborado pela autora especificamente para este caderno.

2. Qual a variação linguística corresponde a frase "vamos embora"?

3. Qual o tipo de linguagem que Paulo usa no contexto familiar?

4. Qual o tipo de linguagem que Paulo usa no ambiente de trabalho?

5. Quais as palavras que Paulo, normalmente, pode falar diante de cada contexto (ambiente)?
Faça a correspondência.

(A) Ambiente familiar.

(B) Ambiente de trabalho

() está

() você

() cê

() tá

() vamos

() bora

Agora que você sabe um pouco mais sobre a língua falada, leia a tirinha e observe como é a fala quando não estamos sendo pressionados para falar a norma padrão da língua.



Tirinha da autora para fins deste caderno.

6. A tirinha acima apresenta variações linguísticas na fala dos personagens?

7.

Onde se passa a história?

8. Algumas palavras expressam a forma de falar dos personagens. Observe essas palavras abaixo.

bâi - tá - fri - porque - cê - pur - fia - tumá - rái - intendi

- As palavras "bâi", rái e "fia" são, geralmente, faladas em comunidades rurais. As demais palavras "tá", "cê", "pur" "porque" e "intendi" fazem parte das variedades de prestígio. É importante que você conheça as diferentes variedades da língua para aumentar sua competência linguística. Agora, vamos conhecer a variedade padrão dessas palavras? Pesquise no dicionário como se escreve essas palavras na variedade padrão da língua e escreva no caderno.

ESPAÇO DO PROFESSOR

Professor, na atividade 5, questionar os alunos após a leitura: Paulo nasceu no interior de uma cidade, como você imagina que seja a linguagem do falante do interior? Qual linguagem Paulo aprendeu na escola? Por que ele utiliza variedades diferentes para cada contexto? O que aconteceria se Paulo falasse a linguagem espontânea no consultório médico? O que aconteceria se Paulo adotasse a linguagem que usa no trabalho no ambiente familiar? Após, explicar aos alunos que a variação linguística apresenta monitoração estilística e está relacionada aos papéis sociais do falante. Nenhum falante tem um estilo único. O estilo monitorado se dá quando o falante se encontra em ambientes em que se sente cobrado a falar de acordo com a norma padrão da língua. Porém, a variação linguística de regras graduais é perfeitamente aceita nas classes de falantes de prestígio. Já no estilo não monitorado, o falante não necessita ter o cuidado ao falar, podendo seguir as regras variáveis de sua comunidade de fala. Fazer esse paralelo nos dois ambientes em que o Paulo usa sua linguagem. Na tirinha, discutir, novamente, sobre as variedades rurais, levando o estudante a diferenciá-las da variedade padrão. Conversar sobre as palavras "bâi", "fia", e "rái", tão comuns nas comunidades rurais e chamadas por alguns autores de variedade rural. Levar o estudante a reconhecer essa linguagem como parte da cultura de um povo.



RESPOSTA DA ATIVIDADE 6

1. Resposta pessoal.
2. Bora.
3. Linguagem não-monitorada.
4. Linguagem monitorada.
5.
 - (B) está
 - (B) você
 - (A) cê
 - (A) tá
 - (B) vamos
 - (C) bora
6. Espera-se que o estudante responda sim.
7. Em casa.
8. Resposta pessoal.





CONVERSA INICIAL

Você já aprendeu que a *variação linguística* representa a fala, porém, na hora de escrever você deve atentar para *variedade padrão*.

1. Leia os textos abaixo:

Estimada, prima, Mariana,

Poderia emprestar-me seu vestido de seda para eu ir ao baile de formatura da Carla? Estou contando com sua generosidade.

Luciana

A

Prima, Mariana,

Pode me emprestar seu vestido de seda pra mim ir pro baile de formatura da Carla?
Tô contano com sua generosidade.

Luciana

B

2. A situação em que se dá a escrita exige uma linguagem mais cuidadosa? Por que ?

3. Levando em consideração a relação entre remetente e destinatário, que tipo de linguagem é apropriada?

() língua formal () língua informal

4. Qual dos bilhetes é mais adequado para os interlocutores?

5. Qual variedade foi utilizada no texto B?

6. No texto B, você acha que Luciana escreveu como fala no dia a dia?

7. Quais as palavras do texto B que apresentam variação linguística? Circule-as.

ESPAÇO DO PROFESSOR

Professor, nesta atividade, reforçar que a *variação linguística* é espontânea e, mesmo que o falante conheça a *variedade padrão* é quase impossível falar o tempo todo usando as regras normativas da gramática. No caso do bilhete, geralmente, não exige tanta formalidade, porém, como se trata de um texto escrito, a *variedade padrão* é a mais adequada. Diante dos textos propostos, fazer os questionamentos para a turma: Qual é o contexto comunicativo? Quem são os interlocutores? Qual texto apresenta grau de formalidade? Mostrar a importância da fala e da escrita, levando os estudantes entenderem que as duas modalidades têm objetivos diferentes. Enquanto que na fala, o falante deseja se comunicar e quase sempre não se atenta a regra ortográfica, na escrita, o objetivo é exercer função social e, portanto, precisamos atender às exigências que requerem a formalidade na língua. Discutir acerca das palavras do texto B que apresentam as variações linguísticas: "vistido", "pra", "pro", "tô", "contano" e a construção "pra mim ir", considerando que cada comunidade de fala têm uma gramática interna o que leva a ocorrência do fenômeno da variação na língua.



RESPOSTA DA ATIVIDADE 7

1. Resposta pessoal.
2. Não. Embora seja um texto escrito, o contexto é de intimidade entre locutor e interlocutor. Portanto, a linguagem pode ser informal.
3. Linguagem informal.
4. Texto B.
5. Variedade padrão.
6. Espera-se que o estudante responda não, pois a variedade padrão não representa a fala do cotidiano, salvo tenha uma intenção do falante.
7. Espera-se que o estudante responda: vistido, pra, pro, tô, contano. A construção "pra mim ir" empregada pela maioria dos falantes do português brasileiro é, também, uma variação que concorre com a regra da norma padrão "para eu ir".



ATIVIDADE 8: REALIDADE DO ALUNO VERSUS ESCOLA



CONVERSA INICIAL

Querido aluno, a linguagem nos é apresentada em duas modalidades: fala e escrita. A fala é nossa comunicação oral e no nosso cotidiano não é cuidada. Na escola, as regras da Língua Portuguesa devem ser seguidas tanto na escrita, como na oralidade. Porém, a escola também é lugar de exercer nossa língua sem sofrer preconceito. Portanto, o seu modo de falar deve ser respeitado no ambiente escolar.

1. Leia a tirinha abaixo:



Disponível em <http://wordsofleisure.com/2013/10/15/tirinha-do-dia-chico-bento-e-o-portugues/>. acesso em 05 de abril de 2023.

2. Onde se passa a história?

3. Quem são os personagens da história?

4. Por que Chico Bento foi para o castigo?

5. Por que a fala do Chico Bento foi reprovada pela professora?

6. A fala do Chico Bento está fora do padrão da língua da Língua Portuguesa, isso pode prejudicar a comunicação dele na escola? Justifique sua resposta.

7. Por que Chico Bento fala assim, mesmo frequentando a escola?

8. Por que a professora pediu para Chico Bento falar o português que ela considera correto?

9. Pela expressão do Chico Bento no último quadrinho, como você acha que ele se sentiu?

10. O que a professora quis dizer com a frase: "um fino no português"?

11. Escreva a fala da professora corrigindo Chico Bento:

Chico Bento: - Quar são minhas notas?

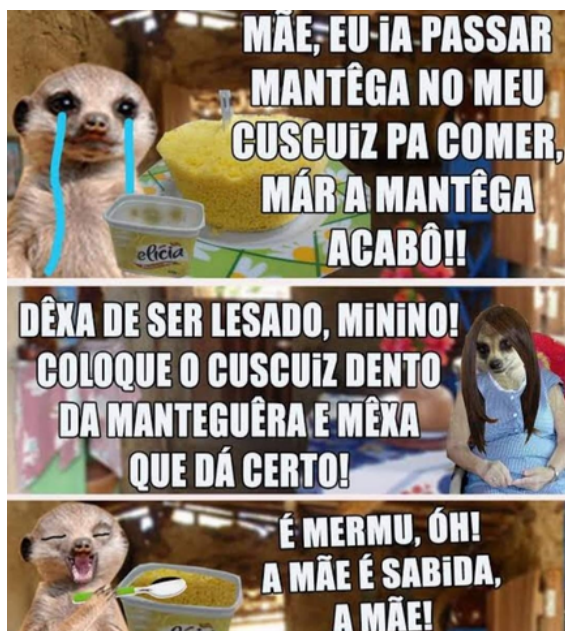
Professora: _____.

12. Identifique na fala da professora palavras que também não seguem as regras da norma padrão da língua portuguesa?

As variações linguísticas ocorrem tanto nas comunidades rurais como nas urbanas. No entanto, somente nas comunidades urbanas as variações são aceitas. Já, a variedade rural, a exemplo da fala de Chico Bento, não é aceita. Por outro lado, a professora, também, faz uso de variações linguísticas em sua fala, mas, por se tratar de uma pessoa letrada e culta, sua fala é aceita. A negatividade sobre a fala rural precisa acabar, considerando que suas raízes linguísticas precisam ser respeitadas.



13. Você conhece o Suricate Seboso? Esse personagem foi criado por Diego Jovino em 2012. Existe uma página no Facebook em que são postados memes representando a variação linguística do cearense.



- Leia o meme abaixo e identifique algumas variações linguísticas. Circule-as e discuta com seus colegas e professor sobre o apagamento e acréscimo de algumas letras.
- Na sua opinião, existe preconceito linguístico com as pessoas que falam da mesma forma dos personagens do meme?

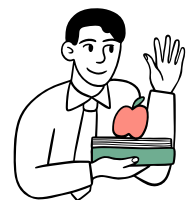
ESTAÇÃO VIRTUAL



Faça um vídeo expressando diferentes falares de sua região e divulge nas redes sociais. Lembrar de mostrar a diversidade da língua e despertar o respeito pela cultura linguística de sua comunidade.

ESPAÇO DO PROFESSOR

Professor, com o objetivo de mostrar aos estudantes a diferença entre a variedade rural e a variedade de prestígio, desenvolva uma conversa sobre a linguagem conhecida como "caipira" oriunda das comunidades rurais. Explicar que essa é uma variação linguística que sofre mais preconceito tanto na escola, como fora dela. Fazer os seguintes questionamentos: como você se sentiria se alguém "xingasse" a maneira como você fala? Qual a reação do Chico Bento ao ver a professora colocando-o de castigo por conta da sua linguagem? Qual linguagem a professora gostaria que Chico Bento falasse? Qual a diferença entre a linguagem de Chico Bento e a linguagem que se aprende na escola? Em seguida, abrir um espaço para os estudantes contarem suas experiências linguísticas na relação com familiares ou pessoas que vivem na zona rural. Explicar que a variedade de prestígio é usada por falantes que têm um alto grau de letramento e, mesmo assim, não falam a norma padrão da língua o tempo todo. Por outro lado, a variedade rural sofre muito preconceito. Promover a sensibilização sobre a valorização da heterogeneidade da língua de todas as comunidades de fala. Trazer memes do Suricate Seboso para roda de leitura. Discutir sobre a variação linguística representada em forma de humor. Incentivar os estudantes a criar um vídeo sobre o repertório linguístico da região nordestina, como iniciativa para valorização da nossa variação linguística.



RESPOSTA DA ATIVIDADE 8

1. Resposta pessoal.
2. Na escola.
3. Chico Bento e a professora.
4. Espera-se que o estudante responda que foi porque não falou conforme a professora gostaria.
5. Espera-se que o estudante responda que foi porque não falou de acordo com a norma da língua padrão.
6. Espera-se que o estudante responda não, pois a professora entendeu o que Chico quis dizer.
7. Espera-se que o estudante responda que é porque Chico Bento da maneira como aprendeu no convívio familiar.
8. Porque na escola exige-se a norma padrão da língua.
9. Sentiu-se desanimado e sem entender a situação.
10. Que Chico Bento ficasse muito bom no português.
11. Quais são minhas notas?
12. A professora falou "pro" que se constitui uma variação linguística no território brasileiro. De acordo com a norma padrão da língua deve-se falar "para".
13. Respostas pessoais.





CONVERSA INICIAL

Querido aluno, a fala de Alice é bastante comum, tanto pelos falantes da zona urbana como rural. Você já sabe como se escreve a palavra "trouxe", mas, reflita a forma como Alice falou e converse com seus colegas.

1. Observe o diálogo abaixo:

Ainda na sala de aula...

Professora: Alice, trouxe o livro de matemática que pedi?

Alice: Eu truxe, professora.

Diálogo elaborado pela autora para fins deste caderno.

2. Qual a palavra que apresenta diferença entre a fala da professora e a fala de Alice?

3. Você já ouviu alguém falar "truxe"? É comum da sua comunidade as pessoas falarem dessa forma?

4. Observe as palavras abaixo e marque um x na palavra que ocorreu uma variação linguística.

trouxe

truxe

5. A escola nos ensina a escrever de acordo com a norma padrão do português. Ainda sobre a questão, qual a palavra que está escrita na norma padrão? _____

6. Você conhece outra palavra em que ocorre variação linguística?

- Como está escrita? _____
- Como é falada? _____

7. Agora vamos observar outras palavras abaixo. Veja como são escritas na variedade padrão e suas respectivas variações linguísticas em algumas comunidades de falas.

ESTÃO- TÃO

REBOLANDO - REBOLANO

MESMO - MERMOM

POUCO - PÔCO

PRECUPADO - PREOCUPADO

MANSINHO - MANSIM

- Agora, escreva as palavras que apresentam variação linguística, separadas por variedades rurais e variedades de prestígio.

Falantes que moram na zona rural e não tiveram acesso a escola.

Falantes que moram na zona urbana e têm acesso a escola.

8. Na sua opinião, quem sofre mais preconceito? Marque com um x.

pessoas que não têm acesso a escola e moram na zona rural.

pessoas que têm acesso a escola e moram na zona urbana.

9. Na sua opinião, pessoas que não tiveram acesso a escola, podem sofrer preconceito sobre sua linguagem? Justique sua resposta.

10. Qual a variedade linguística que aprendemos na escola? Para que ela serve? Discuta com seus colegas e professor(a)

ESPAÇO DO PROFESSOR

Professor, antes de iniciar a atividade, retomar o conceito de variação linguística. Explicar que a fala da Alice tem origem na sua comunidade de fala. Mesmo no convívio escolar, algumas variações são, já, aceitas, como no exemplo da palavra "troxe", apesar de, não sabermos se Alice pronunciou o som do /x/ como /s/ ou /x/. Explicar que a variação linguística da palavra "trouxe" pode acontecer de duas maneiras e são vistas pelos falantes de formas diferentes: Vejamos:

- *truxe-* quando o falante pronuncia o "x" como som de s.
- *truxe-* quando o falante pronuncia o "x" com som de ch.



No primeiro caso, trata-se de uma regra gradual que, geralmente, ocorre entre falantes da zona urbana. No segundo caso, trata-se de uma regra descontínua, sendo muito comum entre falantes de baixa ou nenhuma escolaridade residentes de zona rural. Explicar sobre o conceito de regras graduais e regras descontínuas. A regra gradual parte de falantes que tem nível alto de escolaridade e aprenderam a norma padrão e mesmo assim o seu falar é regido pelas forças centrífugas da sua comunidade de fala. Nesse caso, algumas variações são aceitas pela maioria dos falantes sem correr o risco de serem taxados de "não sabe falar". Por outro lado, as regras descontínuas, partem de falantes que têm baixa escolaridade ou ainda não tiveram acesso a escola. Esses falantes sofrem preconceito linguístico, que de forma camuflada é um preconceito social, também.

RESPOSTA DA ATIVIDADE 9

1. Resposta pessoal.
2. Trouxe.
3. Resposta pessoal.
4. Resposta pessoal.
5. Trouxe.
6. Resposta pessoal.
7.
 - **Falantes que moram na zona rural e não tiveram acesso a escola:** preocupado, mermo, mansim.
 - **Falantes que moram na zona urbana e têm acesso a escola:** pôco, tão, rebolano.
8. Resposta pessoal.
9. Resposta pessoal.
10. Espera-se que o estudante responda que é a variedade padrão. Ela serve para exercermos atividades sociais que exigem a formalidade da língua.



**CONVERSA INICIAL**

Querido aluno, geralmente, nas comunidades rurais podem ocorrer variações na troca do /l/ pelo /r/. Essas variáveis costumam ser estigmatizadas, ou seja, seus falantes sofrem preconceito linguístico. Vejamos um exemplo dessa variação no texto abaixo.

1. Leia o texto abaixo:

Verbos

A professora disse para a Mariazinha: -Mariazinha, me dê um exemplo de verbo.

-Bicicreta! - respondeu a menina.

-Não se diz "bicicreta", e sim "bicicleta". Além disso, bicicleta não é verbo. Pedro, diga um verbo.

-Prástico! - disse o garoto.

-É "plástico", não "prástico". E também não é verbo.

Laura, é sua vez: me dê um exemplo correto de verbo - pediu a professora.

- Hospedar! - respondeu Laura.

- Muito bem! - disse a professora.

- Agora, forme uma frase com esse verbo.

-Os pedar da bicicleta é de plástico!

http://crianças.oul.com.br/piadas_aula. Acesso em 01/05/2023

2. No texto que você leu, algumas palavras concorrem na fala dos alunos e na fala da professora. Quais são essas palavras?

3. Apesar de serem modos de falar diferentes, há mudança de significado? Porque?

4. Além dessas palavras existem outras que apresentam mudança na variação da troca do /v/ pelo /b/ e vice versa ou a troca do /v/ pelo som do /r/, como mostra no quadro abaixo. Marque com um x as palavras que se diferenciam da norma padrão.

Vou - rô

vassoura - bassoura - rassoura

assobiar - assoviar

vamos - ramo

5. Agora que você aprendeu que existe a variação linguística, é importante que você levante a bandeira contra o preconceito linguístico. Escreva um texto, a partir da imagem abaixo, argumentando sobre a importância do respeito às variações linguísticas.



Imagem feita pela autora para fins deste caderno.

ESPAÇO DO PROFESSOR

Professor, nas questões 1, 2 e 3, os estudantes irão conhecer sobre o fenômeno da variação linguística da troca do /ll/ pelo /l/ que ocorre em algumas comunidades de fala. Isso acontece porque o /ll/ e o /l/ são muito próximos no ponto articulatorio e faz com que a história de muitas línguas, sobretudo, no português em que elas se substituam uma à outra indiferentemente. (Bagno, 2015). Na questão 4, apresentar as variações linguísticas que ocorrem na troca do /v/ pelo /b/ e vice versa e a troca do /v/ pelo /r/ sendo um fator linguístico estigmatizado. Explicar que a variação linguística tem sua própria gramática e pode ser explicada pela teoria da sociolinguística. Na questão 5, motivar os estudantes a escrever um texto argumentando sobre o respeito às variações linguísticas, contribuindo para um mundo sem preconceito.



RESPOSTA DA ATIVIDADE 10

1. Resposta pessoal.
2. Bicicreta - bicicleta, prático - plástico, hospedar - os pedar
3. Não. Porque o fenômeno da variação linguística permite que as palavras sejam faladas de modo diferente mas, o sentido é o mesmo. As variações linguísticas não atrapalham a comunicação.
4. Rô, bassoura, rassoura, assoviar, ramo.
5. Resposta pessoal.





BLOCO 2: PROPOSTAS PARA O PROFESSOR

Neste bloco, direcionamos as propostas de atividades para prática do professor. Tais propostas são apresentadas em forma de plano de aula em que os conteúdos, objetivos, habilidades, procedimentos, recursos e comentários estão alinhados às orientações da BNCC (2017). Com foco no tópico da variação, nosso objetivo é levar os estudantes à reflexão sobre os aspectos de natureza fonológica que se dão nos fatores internos e externos da variação linguística. Essas propostas estão em conformidade com a habilidade (EF35LP11) - Ouvir gravações, canções, textos falados em diferentes variedades linguísticas, identificando características regionais, urbanas e rurais da fala e respeitando as diversas variedades linguísticas como características do uso da língua por diferentes grupos regionais ou diferentes culturas locais, rejeitando preconceitos linguísticos - da BNCC (2017). Além disso, nossa proposta de atividade buscou levar o estudante a reconhecer a heterogeneidade da língua como identidade da sua comunidade de fala.

Para realização dessas propostas, será necessário que o professor instigue os conhecimentos prévios dos alunos acerca da variação linguística. Sugerimos 50 minutos para cada proposta, mas, a depender da realidade de sua turma, professor(a), você poderá planejar para adequar em mais momentos ou com usos de outros recursos que achar mais apropriados.

Convido você, caro colega, para conhecer nossas propostas de atividades!





Tema: A fala como reflexo da escrita.

Objetivos:

- Entender como se dá a relação fala/escrita causada pelos processos fonológicos;
- Reconhecer que a língua falada faz parte do contexto histórico do indivíduo;

Prática de linguagem: Análise linguística.

Objeto de conhecimento: Variação linguística.

Habilidade: (EF35LP11) Ouvir gravações, canções, textos falados em diferentes variedades linguísticas, identificando características regionais, urbanas e rurais da fala e respeitando as diversas variedades linguísticas como características do uso da língua por diferentes grupos regionais ou diferentes culturas locais, rejeitando preconceitos linguísticos.

ATIVIDADE 1

Duração: 50 minutos.

Recursos: áudio, gravador, quadro branco, pincel.

Procedimentos metodológicos: Levar uma música para sala de aula para os estudantes ouvirem. Solicitar que escolham algumas palavras presentes na música e escrevam-nas no caderno. Em seguida, solicitar que escrevam as palavras no quadro. Depois, analisar a forma como as palavras foram escritas e explicar-lhes os processos fonológicos que ocorreram nestas palavras ao longo do tempo. Neste momento, irá mostrar-lhes a variedade padrão da língua, explicando que podem utilizar esta linguagem na escrita ou em situações formais como, por exemplo, ao dirigir a palavra ao diretor da escola, a uma autoridade.



Comentário da atividade: Na atividade 1, conversar sobre a diferença entre a fala e a escrita, percebendo como as palavras sofrem mudanças ao longo do tempo, pois, os falantes vivem numa determinada época no tempo e no espaço e essas épocas têm necessidades diferentes e a língua varia acompanhando as transformações da sociedade.

ATIVIDADE 2

Duração: 50 minutos.

Recursos: Quadro branco e pincel.

Procedimentos metodológico: Fazer um ditado com as palavras caixa - feira - ameixa - manteiga - beira - queijo - beijo - roupa - doura - besouro - louco - doutor - tesouro. Após os estudantes escreverem as palavras no caderno, o professor escreve no quadro as seguintes palavras: **dotor - tesoro - besoro - loco - dora - quejo - bejo - bera - mantega - caxa - fera - amexa**. Em seguida, pergunta se alguém escreveu dessa forma. Deixar que os estudantes exponham suas escritas. Após, explicar que escrevemos dessa forma porque costumamos escrever como falamos. Discutir com os estudantes que na variação linguística há o contínuo de oralidade-letramento. Nisso, há o evento de oralidade e o evento de letramento. Os estudantes costumam levar para escola sua bagagem linguística, em que os eventos de oralidade nascem no convívio familiar e o evento de letramento se dá na escola.

.....



ATIVIDADE 3

Duração: 50 minutos.

Recursos: Paradidático.

Procedimentos metodológicos: Contar uma história para os estudantes. Escolher um para fazer um relato escrito da história ouvida. A produção do estudante será analisada pelos demais, observando a escrita das palavras. Após, o autor do relato irá compartilhar com a turma suas motivações para escrever as palavras tais como fez e se ele conseguiu falar da forma como escreveu. Promover um espaço para os estudantes questionarem a diferença da história falada para história escrita.



ATIVIDADE 4

Duração: 50 minutos.

Recursos: áudio.

Procedimentos metodológicos: Convidar os alunos para ouvirem uma piada no áudio. Solicitar que cada estudante escreva a piada contada no caderno. Após a correção da professora, transformar algumas palavras que passaram por processos fonológicos e transformá-las na variedade padrão da língua. Conversar sobre a diferença entre as duas modalidades: falada e escrita.



Comentário da atividade: Na atividade 2, explicar que é muito comum na fala dos brasileiros a monotongação (apagamento da semivogal na posição de coda), por esta razão os estudantes escrevem como falam. Na fala pode ocorrer, porém, na escrita é preciso obedecer a regra da norma padrão. Nas atividades 3 e 4, explicar que na variação linguística há o continuum de oralidade-letramento, percebendo que a fala passa por processos fonológicos e estes, muitas vezes, estão distantes da escrita exigida na norma padrão da língua. O evento de oralidade parte da bagagem linguística do aluno, que nasce no seio familiar. Já o evento de letramento se dá na escola.

ATIVIDADE 5

Duração: 50 minutos.

Recursos: caderno.

Procedimentos metodológicos: Entregar para cada estudante um caderno de anotações (preparado anteriormente). Convidar os estudantes para colherem, no ambiente familiar, palavras que eles vão ouvir no dia a dia e anotá-las no caderno. No dia seguinte, as crianças que desejarem, irão ler as palavras para turma. Registrar no quadro as palavras ouvidas. Após, os estudantes irão comparar as suas escritas com a escrita do professor. Propor uma discussão com as seguintes perguntas: Existem diferenças nas palavras que você e as que a professora escreveu? Por que existe essa diferença? Por que ao chegar à escola aprendemos a escrever as palavras de acordo com a norma da Língua Portuguesa? Você acha importante escrever as palavras de acordo com a norma padrão da Língua Portuguesa? Por que você acha que escreveu assim? O professor irá levantar questões o respeito da variação linguística.



Comentário da atividade: Na atividade 5, motivar os estudantes a fazerem uma pesquisa sobre a variação linguística fora da escola. Perceber que os falantes escrevem como falam, entendendo que na escola irão aprender as palavras de acordo com a norma da Língua Portuguesa e respeitar a variação linguística advinda do convívio na sua comunidade de fala.

ATIVIDADE 6

Duração: 50 minutos.

Recursos: Papel cartolina e pincel.

Procedimento metodológico: Ler o texto para os alunos exposto no cartaz.

À moda caipira

**U musquitu ca mutuca
num cumbina.
U musquitu pula
i a mutuca impina.**

**U patu ca pata
num afina.
U patu comi grama
i a pata qué coisa fina.**

**U gatu cum u ratu
vivi numa eterna luita.
U ratu vai cumê queiju,
vem um gatu i insurta.**

**U galu ca galinha
num pareci casadu.
A galinha vai atrais deli
i u galu sarta di ladu.**

**U pavão ca pava
mais pareci muléqui.
A pava passa réiva
e eli só abri u léqui.**

**U macacu ca macaca
num pareci qui si ama:
ela pedi um abraçu,
ele dá uma banana...**

**Eu mais ocê cumbina
qui dá gustu di vê:
eu íscrevu essas poesia
i ocê cuida di lê...**

(Cantos de encantamento. Belo Horizonte: Formato, 1996. p. 22.)

Após, os estudantes fazem a leitura em voz alta. Em seguida, perguntar: vocês sentiram dificuldade para ler as palavras? Tem alguma palavra que acham estranha na escrita? Por que as palavras foram escritas assim? Por que vocês acham que isso aconteceu? Chamar a atenção dos estudantes para o processo fonológico de substituição - a troca do /e/ pelo /i/ e do /o/ pelo /u/. Após, explicar que as palavras foram escritas, dessa forma, para representar a língua oral que, de fato, é falada pela maioria dos brasileiros, salvo quando o falante está numa situação em que tem a intenção de causar boa impressão para os ouvintes. Circular as palavras que sofreram processos fonológicos e procurar no dicionário a forma escrita na norma padrão da língua. Discutir sobre as diferenças da variação linguística e da norma padrão através da pergunta: O que cada uma representa na sociedade?



Comentário da atividade: Nesta atividade 6, os estudantes serão levados a perceberem a diferença da variação linguística e a norma padrão da língua na escrita. Os falantes, na fala, tendem a ser mais rápidos e “economizar” as palavras. Na escrita, ocorre o contrário, pois a tendência é causar boa impressão. Isso porque a norma padrão da língua é regra na escrita, porém, na fala é, naturalmente, impossível usá-la o tempo todo. De acordo com Bagno (2007, p. 95), “ninguém fala, efetivamente, nem mesmo as pessoas altamente escolarizadas.” Contudo, a função da fala e da escrita é promover a comunicação e cada uma tem sua parcela de importância na sociedade.

ATIVIDADE 7

Duração: 50 minutos.

Recursos: quadro branco.

Procedimentos metodológicos: Entregar aos alunos uma lista de verbos no modo infinitivo e pedir um aluno para ler estas palavras em voz alta para o grupo. Em seguida, escrever no quadro os pares de palavras: cantá-cantar/falá-falar/fugi-fugir/amá-amar/caminhá-caminhar/sofrê-sofrer/dizê-dizer. Perguntar aos alunos se perceberam alguma diferença entre a língua escrita e língua falada. Abrir uma roda de conversa sobre essa disparidade entre a língua falada e a língua escrita, conscientizando-os de que nessas duas modalidades não existe uma melhor que a outra, cada uma tem seu valor, seja dentro ou fora da escola.



ATIVIDADE 8

Duração: 50 minutos.

Recursos: áudio.

Procedimentos metodológicos: Professor escolha uma música em que se possa observar a supressão do /r/ pós-vocálico em final de palavra. Fazer uma lista de palavras terminadas em /r/. Em seguida, pedir aos alunos que escutem a música: Que vida boa (disponível em: youtube) e observem se o /r/ foi pronunciado ou não. Solicitar que identifiquem outros exemplos de variação linguística na letra da música, por exemplo, na palavra "marvada" para dizer "malvada". Perguntar aos alunos: O que ocorre com a língua falada que não corresponde à língua escrita? Por qual ou quais razões a fala muitas vezes não se aproxima da escrita? Após, solicitar a um aluno que cite algumas palavras com /r/ pós-vocálico e depois escreva-as no quadro, fazendo a leitura em voz alta.



Comentário da atividade: Nas atividades 7 e 8, abrir uma discussão sobre a variação linguística que ocorre no modo e no ponto de articulação do /r/ pós-vocálico e tende a ser suprimido especialmente nos infinitivos verbais, como nos exemplos: correr>corrê; almoçar>almoçá; desenvolver>desenvolvê; sorrir>sorri. De acordo Bortoni- Ricardo (2020) quando suprimimos o /r/ em finais de palavras no infinitivo, alongamos a vogal e o falante dá mais intensidade a ela e, ainda faz isso porque na língua oral ele já não usa mais esse /r/. Há outros exemplos de variação linguística na letra da música que podem ser aproveitados para enriquecer esse momento.

ATIVIDADE 9

Duração: 50 minutos.

Recursos: pincel, quadro branco.

Procedimentos metodológicos: Escrever os pares de frases abaixo, no quadro:

a) *Os jornais chegaram.*

b) *Já chegou os jornais.*

a) *Eles falaram tudo do jeito que quiseram.*

b) *Eles fala tudo do jeito que quer.*

Em seguida, solicitar que circulem as frases que se aproximam mais da fala. Espalhar revistas velhas e/ou jornais e recortar frases que tenham concordância verbal e nominal e colar no cartaz. Em seguida, cada aluno irá ler a sua frase e fazer uma comparação da língua escrita para língua falada. Após, perguntar aos alunos quais as alternativas que eles ouvem com mais frequência. Explicar aos alunos sobre a regra gramatical do português padrão que trata sobre flexão da concordância nominal e verbal.



Comentário da atividade: Professor, na atividade 9, conversar com os estudantes que a variação linguística, nesse caso, dá-se pela tendência de não flexionar a terceira pessoa de plural em formas como: *estavam/querem/sabem/fazem* do que em formas como: *foram/fizeram/jogaram*. A concordância entre o verbo e o sujeito é um fenômeno variável, pois se realiza através de duas variantes (o verbo e o sujeito). Além disso, os falantes podem usar a regra da desnasalização realizando as formas: *foru, fizeru, jogaru*, na língua oral.

ATIVIDADE 10

Duração: 50 minutos.

Recursos: Plaquinha (tarjetas).

Procedimentos metodológicos: Formar dupla de estudantes. Cada estudante irá receber duas plaquinhas os comandos "monitorado" e "não monitorado". Cada estudante irá dizer uma frase apresentando a variação linguística (estilo não-monitorado) que já falam. Ex: Ontonte visitei mia'vó. O outro aluno, por sua vez, irá dizer a mesma frase na norma padrão (estilo monitorado). Ex: "Anteontem, visitei minha avó". Adequar os fatores de estilos monitorados e não monitorados a cada fala, ou seja, um estudante fala com grau não monitorado (íntimo) e o outro com grau monitorado (não íntimo) de acordo com o comando da sua plaquinha. Após, discutir com os alunos a mudança brusca de monitoramento da fala com estilos monitorados e não monitorados.



Comentário da atividade: Na atividade 10, os estudantes irão aprender o que são estilos monitorados e estilos não-monitorados. Segundo Bortoni-Ricardo (2004) a variação ao longo do contínuo de monitoração estilística tem, portanto, uma função muito importante de situar a interação dentro de uma moldura ou enquadre. As molduras servem para orientar os interagentes sobre a natureza da interação.

ATIVIDADE 11

Duração: 50 minutos.

Recursos: áudio.

Procedimentos metodológicos: Fazer grupos de estudantes. Espalhar diversas gravuras com exemplos de ambientes com diferentes situações: restaurante, campo de futebol, reunião de trabalho. Todos os grupos irão ouvir um áudio sobre um convite de aniversário com dois estilos diferentes de falar, a saber: áudio 1: e aí gente? No domingo vai ter uma festa de aniversário na minha casa. Cês tão convidado. Áudio 2: Olá, pessoal! No domingo terá uma festa de aniversário na minha casa. Vocês estão convidados. Após, os estudantes apontam qual áudio se adequa nos contextos propostos acima. Levantar os questionamentos: Qual áudio se adequa ao contexto do restaurante? Qual áudio se adequa em contexto de uma reunião de trabalho? Qual áudio se adequa em contexto de um campo de futebol?

.....



Comentário da atividade: Na mesma direção da atividade anterior, a atividade 11 propõe levar aos estudantes o conhecimento da variação estilística, que pode ser chamada também de variação de registro ou diafásica. Na proposta de atividade a interação verbal (por meio dos áudios) se realiza a partir do contexto expressado nas imagens. A variação de registro pode ser classificada em linguagem formal e linguagem informal. Nas palavras das autoras Val e Marinho (2006, p. 37), essas variedades de registro ocorrem em função do uso que um mesmo falante faz da língua nas diversas situações em que produz uma atividade verbal.

ATIVIDADE 12

Duração: 50 minutos.

Recursos: não há.

Procedimentos metodológicos: Convidar dois alunos de outra série (em média 10 a 12 anos) da escola para encenar duas situações. O objetivo é anunciar a doação de um cão. Cada aluno recebe um texto para memorizar. Na situação 1, o primeiro aluno irá entrar na sala discursando as seguintes palavras “Bom dia, to doanu um cão da raça partor alemão. Ele é carmo e drome o dia todo. Os interessado pode ligar pro meu cerular”. Na situação 2, o outro aluno faz o anúncio com as seguintes palavras “Bom dia, estou doando um cão da raça pastor alemão. Ele é calmo e dorme o dia todo. Os interessados podem ligar para meu celular”. Após, o professor irá questionar: Qual dos anunciadores vocês se interessam mais? Por quê? O que vocês perceberam em relação à fala dos anunciadores? Quem falou usando variações linguísticas? Quem falou de acordo com as normas gramaticais da Língua Portuguesa? Por que isso acontece?



***Comentário da atividade:** No que diz respeito à fala monitorada e a fala não monitorada, a atividade 12, busca levar os estudantes a questionarem o porquê de os falantes nem sempre utilizarem a mesma fala em situações concretas iguais. O aluno irá perceber que a situação envolvida foi a mesma. Na situação 1, o falante usou a fala espontânea, apesar de a situação exigir uma fala monitorada. Na situação 2, o falante usou a língua monitorada para fazer o anúncio oral. Explicar para os estudantes a diferença entre os dois tipos de falas (monitorada e não monitoradas).*

ATIVIDADE 13

Duração: 50 minutos.

Recursos: papel e lápis.

Procedimentos metodológicos: Dividir os estudantes em dois grupos e solicitar que um grupo escreva uma carta para diretora da escola, solicitando a quadra da escola para um campeonato de futebol. Esse grupo utilizará a linguagem formal. O outro grupo, utilizando a linguagem informal escreverá um bilhete para um programa de rádio, solicitando uma música. Em seguida, comparar os dois textos, questionando a diferença entre o contexto de situação, a linguagem formal e a linguagem informal.



Comentário da atividade: Na atividade 13, explicar sobre a escrita com linguagem formal e linguagem informal. No primeiro caso, irá escrever uma carta de recomendação de emprego, na qual exige a formalidade da língua. No segundo caso, irá escrever um bilhete que nem sempre exige a formalidade da língua. Devido à intimidade entre remetente e destinatário dificilmente a linguagem é monitorada. Nas duas situações, o remetente atua a partir do outro - seu receptor - e do evento de fala.

ATIVIDADE 14

Duração: 50 minutos.

Recursos: tarjetas.

Procedimentos metodológicos: Expor no quadro branco tarjetas com os seguintes pares de frases (abaixo). Após a leitura, pedir aos estudantes para circularem o exemplo de frase que eles usam com frequência na sua fala. Explicar que a forma como costumam falar e ouvir algumas palavras é uma variação linguística. A forma como falamos tem uma explicação nos estudos da linguagem e diz respeito a nossa cultura linguística, e, portanto, não deve ser vista como “errada” mas, sim, respeitada.

Tarjeta 1:

Ex 1. *Me dê um copo com água.*

Ex 2. *Dê-me um copo com água.*

Tarjeta 2:

Ex 1. *Me esqueci de trazer o livro para você.*

Ex 2: Ex 2. *Esqueci-me de trazer o livro para você.*



Comentário da atividade: Na proposta da atividade 14, acreditamos que os exemplos 1 serão os apontados pelos estudantes. Assim, percebem que a fala tem mais força que a escrita. A norma padrão se distancia da fala dos brasileiros na medida em que a variação linguística alcança o maior número de falantes. É importante deixar claro para os estudantes que isso ocorre porque a norma padrão está apenas nos livros e não no uso real dos falantes do português brasileiro. Um exemplo desses usos é a próclise ao verbo principal que já se tornou regra na fala dos brasileiros. Como resultado de muitas línguas que se alojaram aqui e essas fogem da norma padrão do português europeu, é impossível o uso da mesóclise, como determina a nossa gramática. Esse tipo de colocação pronominal, muitas vezes, soa estranho na fala cotidiana dos brasileiros. Daí a origem do discurso “brasileiro fala mal o português brasileiro”. Isso, na verdade, é um discurso camuflado de preconceito, pois o brasileiro apenas fala sua variedade linguística, salvo às vezes em que se vale do português padrão, quando escreve um texto que exige a formalidade da língua ou em discursos orais em situações que exigem formalidade com seus ouvintes.

ATIVIDADE 15

Duração: 50 minutos.

Recursos: tarjetas.

Procedimentos metodológicos: escrever em tarjetas dois conjuntos de palavras:

GRUPO 1: VOSSA MERCÊ – VOSSEMECÊ– VOSMECÊ– VOCÊ – OCÊ– CÊ.

GRUPO 2: CADÊ– QUE É DE– O QUE FOI FEITO DE– ONDE ESTÁ– QUEDE.

Solicitar que os estudantes leiam em voz alta. Perguntar aos estudantes quais palavras destes grupos costumamos usar na fala cotidiana. Provavelmente os estudantes irão responder do primeiro grupo 1: “você” e “cê”. Do grupo 2: “onde está” e “cadê”. Explicar que as línguas mudam, evoluindo com o passar do tempo. Essas palavras já foram faladas e escritas nas outras formas e que, com o tempo, foram sendo reduzidas para facilitar a comunicação. Solicitar que façam uma pesquisa com seus familiares e tragam para próxima aula um exemplo de uma palavra falada no passado e que hoje não se faz mais uso dela.

Comentário da atividade: Por fim, na atividade 15, os estudantes serão levados a fazerem uma viagem no tempo e perceber que a língua é uma entidade viva. Explicar sobre o aspecto dinâmico (diacrônico) da língua, ou seja, que ela muda e que com a velocidade do mundo moderno muitas palavras sofreram uma economia linguística.



PALAVRAS FINAIS

Caros professores,

Este material foi produzido com o objetivo de dar continuidade ao trabalho com a variação linguística nas aulas de Língua Portuguesa que, por algum tempo, a educação não valorizou a realidade linguística de nossos estudantes. Esperamos que, com este material, ressignifiquemos as nossas aulas acerca da heterogeneidade da língua e passemos a trabalhar os desvios ortográficos dos estudantes com um olhar mais acolhedor e explicado por meio dos estudos da Sociolinguística.

A sociolinguística, por conceber a mudança na língua como algo vivo e inerente da fala, auxilia o ensino de língua portuguesa, dando vez a língua falada e, dessa forma, desconstrói o estigma de língua "errada" no contexto escolar. Esse novo ramo da linguística, ainda que seja nebuloso na sala de aula, explica qualquer fenômeno de natureza variável presente na nossa fala, e, deixa claro, portanto, que não existe apenas a variedade padrão da língua, mas, também, as variações linguísticas.

Pensar em uma pedagogia da variação leva os estudantes a refletir a língua em uso e a heterogeneidade linguística de sua comunidade de fala, considerando que o português brasileiro tem suas raízes em diferentes culturas linguísticas. Nesse entorno, reconhecer nossas raízes é uma forma de valorizar nossa identidade linguística. Tudo isso faz parte de um dos objetivos do ensino de português, como aponta a Base Nacional Comum curricular (BNCC) - documento educacional que inspirou as ações pedagógicas apresentadas neste caderno.

Pretendemos, com este caderno, dar aos alunos a oportunidade de conhecer as diferentes variedades da língua e que com este conhecimento usem-na de forma reflexiva para que possam atingir a competência comunicativa.

Almejamos, com este trabalho, ainda, que os alunos aprendam sobre suas escolhas linguísticas de forma consciente, a fim de serem aceitos na escola de forma democrática e na sociedade tão marcada pelo preconceito linguístico, mas que, de forma disfarçada, é social. Ademais, fazer a escola ensinar aos estudantes, uma vez por todas, que a língua deve estar a favor dos falantes e não contra.

Bom trabalho.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**. 56^a ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BAGNO, Marcos. **Nada na Língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola, 2007.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 01 abr. de 2023.

BRASIL/MEC/SEF. **Parâmetros Curriculares Nacionais : Língua Portuguesa**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental. 1998.

BORTONI-RICARDO. **Educação em língua materna. A sociolinguística na sala de aula**. São Paulo, Parábola, 2004.

MARINHO, Janice Helena Chaves; VAL, Maria da Graça Costa. **Varição linguística e ensino: caderno do professor**. (Coleção Alfabetização e Letramento) - Belo Horizonte: Ceale, 2006.